



SPIN - OFF
ROSAS PARA ELA
ÁGUEDA FAON



THOMAS E MALU

Águeda Faon

SPIN-OFF “ROSAS PARA ELA”

Copyright © 2018 by Águeda Faon

Silva, Fabiana Ester, 1984 – Thomas e Malu / Águeda Faon;

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da escritora.

Os infratores serão processados na forma da lei.

CAPÍTULO 1

Amar e ser amada por Thomas faz com que eu experimente no fim de cada

dia a sensação de presenciar um eterno final feliz. Estamos há um pouco mais de quatro meses juntos e de tudo o que vivemos até agora: a curiosidade um pelo outro, os beijos roubados e os previamente sugeridos por nossos olhares carregados de boas e más intenções, as fotos que tiramos por toda São Paulo, as conversas até altas horas da madrugada; a decisão que fez com que nos reuníssemos hoje no Frank Bar, localizado no lobby do Hotel Maksoud Plaza, é sem sombra de dúvidas, de um jeito mágico, o fato mais gratificante.

Stella está conosco. Quase alcançando o sexto mês de gestação, ela se tornou ainda mais feliz e cômica. Curtindo o Jazz que irradia pelo ambiente agradável com toque naturalista, inspirando luxo, charme e sofisticação, que a propósito, fora um lugar escolhido por ela para esta noite, com Thomas e eu sentados a sua frente no assento de estofado vermelho observando-a se levantar, ela pega sua taça com suco de uva, evoca um brinde, e diz:

- A Quem determinou que fosse a mulher a ter enjoos matinais constantes, oscilações vorazes de humor, cansaço e fadiga intermináveis, desejos e repulsas ferozes, entre outros traços de tortura psicológica, para trazer uma vida ao mundo!

Thomas e eu levantamos nossa taça preenchida de água com gás, e dissemos rindo:

- A Ele!

Tudo começou no mês passado, na primeira semana de outubro, quando Thomas e eu terminamos de pendurar nossas fotos na parede de entrada da mansão dele: fotos na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Parque Ibirapuera, no Mercado Municipal, no Bairro da Liberdade, no Centro Cultural Júlio Prestes, e nos teatros Municipal e Renault. Enquanto competíamos sobre nossos conhecimentos a respeito de outros lugares da cidade que poderíamos visitar, percebi que Thomas, de repente, me deixou falar sem me interromper, e ficou apenas me contemplando. Depois de um tempo, desceu da escada de metal dele e começou a subir na minha. Então eu parei de falar e me virei, de forma que fiquei de frente para ele quando completou a escalada até mim.

Como sempre, minha respiração fica inquieta com sua proximidade, e eu o vislumbrei se aproximar em ansioso silêncio. Colocando seus pés em torno dos meus, compartilhando o degrau comigo, ele diz:

- Sei lá... Do nada eu fiquei muito curioso.

Recebendo o toque suave de seus dedos no contorno da minha face, questiono:

- Gostaria de compartilhar sua curiosidade comigo, Conde?

Thomas então apoia seus braços em torno da minha cabeça, repousando-os no degrau. Encara meus olhos, e indaga:

- Qual será o resultado da junção de Malu e Thomas?

Fiquei surpresa com a rapidez do meu entendimento sobre a pergunta, e em questão de segundos fui capaz até mesmo de imaginar um rostinho fruto da nossa união. Senti meu coração aquecer. A respiração ganhou ainda mais celeridade e não consegui deixar de denunciar a emoção através do meu olhar quando respondi sorrindo:

- Ao invés de criança, vai nascer um anjo, de tanto amor injetado nas veias.

Rimos com nossos rostos quase tão colados um no outro, que o convite para um beijo foi certo. Um beijo carregado de um sabor especial demais para ser descrito com palavras. E foi a partir desta noite que passamos a fazer amor com segundas intenções. O resultado? É o que queremos descobrir hoje.

Pegando o envelope em cima da mesa, Stella toma o último gole do seu suco, e fala:

- Hora de descobrirmos quão eficazes vocês dois são entre quatro paredes! – com um olhar travesso, ela acrescenta: - Embora eu acredite com íntegra sinceridade que não tenham se limitado a praticar somente em ambientes fechados...

De imediato Thomas falou:

- Você precisa estar certa do nosso dinamismo, Stella. Portanto, tenha sua crença como exata.

Abanando-se com o envelope, Stella cai na gargalhada, assim como nós dois, e com um abrupto ar de mistério, questiona:

- Estão preparados?

Thomas e eu nos olhamos tão logo ouvimos a pergunta. Nunca abandonei o sonho de ser mãe. No futuro, de um jeito ou de outro, eu me tornaria uma; mas nem por um segundo imaginei que seria tão sublime sonhar a maternidade ao lado de alguém, ainda mais um alguém como Thomas. Sinto sua mão esquerda apertar com força a minha mão direita em cima da mesa. Apertando a dele também, digo encarando-o:

- Preparados e dispostos a tentar quantas vezes forem necessárias.

Beijando com suavidade meu rosto, Thomas diz:

- Quando quiser Stella...

Depois de abrir o envelope e lê-lo, Stella foi tão transparente, que nem mesmo seria preciso ouvi-la dizer: “Positivo”. As ligeiras lágrimas no rosto dela, como consequência, motivaram as minhas, e as dele também.

Não resisti à tentação de olhar para a minha barriga, depois para Thomas, e dizer:

- Céus! Tem uma vida aqui dentro, amor!

Arregalando os olhos e sorrindo, Thomas diz:

- E faremos qualquer coisa por essa vida, sempre!

Fomos surpreendidos por Stella nos gravando com o celular. Tendo nossos olhos perplexos voltados para a câmera dela enquanto gravava, Stella diz:

- Eu só queria registrar o momento, mas vou guardar esse vídeo especialmente por você, Malu; para o caso de no futuro Thomas fazer corpo mole na hora de levantar inúmeras vezes de madrugada para acudir o bebê! – sentando-se, ela acrescenta movimentando o braço livre de maneira engraçada, ao estilo de um rapper:

- Acho até que vou fazer um rap frisando a frase: “E faremos qualquer coisa por essa vida, sempre!”. Sacaram?

Defendendo-se e fazendo força para ocultar o riso, Thomas falou:

- Estou aqui tentando entender essa injustiça. Já está partindo do pressuposto que não deixarei em dia minhas obrigações de pai?

Imbuída de um espírito maternal arrebatador fulminante, digo acariciando meu ventre:

- Sosseguem os dois! Esse vídeo nunca vai ser necessário, porque além da minha certeza do meu amado Conde comparecer em tudo, jamais vou me importar em atender aos apelos de quem quer que esteja aqui dentro de mim agora. – olhando contente para Thomas, digo:

- Embora eu faça questão de reforçar que não imagino você sendo indiferente a tudo que precisarmos enfrentar por essa criança.

Thomas olha vitorioso para Stella, e diz num tom entre divertido e sério:

- Sua tentativa de me incluir na massa de homens que descumprem com o seu dever paternal falhou miseravelmente. Espero com fervor que se sinta arrependida e envergonhada por isso!

Lançando um ar de mistério para ele, Stella fala com uma entonação enigmática:

- Temos nessa moça um punhado de ingenuidade, meu caro Thomas. Deixe estar. Farei até backup deste vídeo! – apontando o dedo para nós dois e disparando um olhar inquiridor na nossa direção, ela diz:

- Pode ser que eu tenha que usá-lo contra os dois!

Nossa comemoração a três passou da meia noite. Thomas e eu esperamos Stella entrar em seu táxi, e quando ela partiu com a maquiagem toda borrada por causa das lágrimas em meio a risos, provenientes dos planos divertidos para os nossos bebês dentro do Frank bar, nós dois caminhamos de mãos dadas para o estacionamento. Olhando entusiasmada para ele, digo:

- Nunca foi tão interessante passar tanto tempo dentro de um bar sem beber uma única gota de álcool!

Sorrindo, Thomas para de andar, puxa-me pela cintura, e diz:

- Tem ideia do quão feliz você me faz ser?

Tento dizer qualquer coisa, mas desisto quando ele devora minha boca de maneira inesperada, pegando-me no colo. Quase nos aproximando de sua moto, cheia de desejo por chegarmos logo em nosso quarto, digo:

- Será que é real... Num mundo trágico como o nosso, sermos tão sortudos, a ponto de experimentarmos toda essa emoção?

Colocando-me sentada de lado na sua moto, Thomas abre minhas pernas, fixando-as em torno do corpo dele, e posso contemplar uma de suas expressões sérias quando me fala:

- Malu, se optamos por amar, em nada isso pode ser confundido com sorte. – acariciando meu rosto, ele continua: - Assim como eu, você também se permitiu criar um vínculo entre nós, que nos deu acesso a essa emoção. – olhando-me com ternura e seriedade, complementa: - Juntos, nós conseguimos deixar a tragédia do mundo em segundo plano na nossa vida. Porque em primeiro está a nossa vontade de continuar alimentando essa ligação.

Beijando meu pescoço, ele sussurra ao pé do meu ouvido:

- Portanto digo que “Sim”, lady. É real! Num mundo trágico como o nosso, fomos inteligentes por criar esta ponte entre nós para vivermos todo esse contentamento de amar.

Penso em lhe dizer que tivemos sorte de termos nos encontrado, e que não consigo parar de comparar a nossa história a um conto de fadas, mas prefiro suplicar a ele:

- Então, meu amado Conde, por que não reforçamos ainda mais nossa conexão? – mergulho meus lábios nos dele, e acrescento:

- Por favor, me leva para casa agora!

Encarando-me com uma expressão sedutora, Thomas fala:

- Vai ser um prazer atender ao seu pedido, minha agradável dama...

CAPÍTULO 2

Antes de sairmos do estacionamento do Hotel Maksoud Plaza, Thomas fez questão de parar a moto entre a calçada e a Rua São Carlos do Pinhal, levantar a viseira do capacete, olhar de soslaio para mim, e dizer:

- Aproveite bem esta viagem de moto, meu amor. Até o fim da gravidez, não vamos voltar a subir nela.

Levanto minha viseira também, e digo fingindo indignação, espreitando meus olhos para completar meu teatro:

- Se está fazendo isso como medida de proteção, quer dizer que até hoje não te importava o que aconteceria a nós dois?

Contemplo a musculatura do rosto de Thomas curvar-se num sorriso traquinas, enquanto ele diz:

- A única coisa que me importou ao tê-la comigo em minha Ecosse foi a sua presença, lady. Desculpe-me, não conseguia pensar em mais nada... Até agora.

Faço caras e bocas dentro do capacete, e falo:

- É bonitão! Você mandou bem.

Abaixo a viseira e dou-lhe um sinal de joia. Lançando-me um olhar de lobo mau, antes de abaixar a viseira dele também, Thomas diz:

- Quero mandar bem com você muito mais vezes hoje, minha delícia...

Ele não viu, mas Thomas sabe que estou sorrindo enquanto volta a dirigir rumo a sua mansão no Jardim Paulista. Neste caso seria óbvio demais ele saber, mas o fato é que nunca havia experimentado esta ligação com alguém. É tão genuíno e nítido. Você não vê, não ouve, mas você sabe como o outro se sente ou vai se sentir. Por várias vezes nos meses em que convivemos, tive pressentimentos ruins, e logo em seguida ele me contava sobre algum problema na empresa. Da mesma forma, não consigo esconder nada dele. Ainda que eu não diga uma única sílaba, ou disfarce para ocultar da minha expressão acontecimentos aborrecedores no meu serviço, ele de alguma forma sabe o que se passa, e me lança a clássica pergunta “Quer conversar a respeito?”. Essa experiência me fez ter certeza que existem mais mistérios envolvendo os seres humanos do que minha mente consegue imaginar. Então fico me questionando: será que foi como Thomas disse, que esse amor entre nós é por causa da nossa escolha de amar, embora tenhamos tido um tanto quanto de sorte para nos encontrar, ou há uma espécie de força maior unindo seres com capacidade para se conectar desta forma? Seja como for, o que eu sinto é gratidão. Mesmo sendo o que eu mais queria, nem em oração eu pedia alguém tão ligado a mim assim.

Nesse momento, embora esteja vivendo o ápice da minha felicidade, sinto uma espécie de desconforto. Foi repentino, e começou logo quando subi na moto. Talvez eu esteja outra vez adivinhando algo que irá se passar com Thomas, ou quem sabe a era da gravidez em minha vida já está dando seus frutos. Não sei. Até descobrir, vou me permitir curtir o momento. Eu o abraço com força, e ele segura com carinho minha mão. Minhas recentes lembranças me conduzem para o instante em que nos arrumávamos para vir até o Hotel. É

fascinante o fato de cada vez que ele me toca parecer como se fosse a primeira. O calafrio de iniciante não desaparece. A novidade do contato com ele é constante. Eu ainda estava dentro do Closet, enrolada na toalha, escolhendo o que vestir. Ele se aproximou sorrateiro, aspirando ao aroma do sabonete na pele do meu ombro, e de imediato desisti de decidir qual roupa eu vestiria.

A presença de Thomas atrás de mim chega a me deixar estonteada. Ele está usando uma fragrância marcante, e pelo espelho a minha frente na parede do Closet, vejo que está vestido com uma calça jeans e blusa social azul-marinho de manga comprida. Quando seu braço esquerdo levou meu corpo pela cintura até junto do dele, fechei os olhos e me entreguei por completo ao toque insinuante de seus lábios em meu pescoço. Mestre no movimento com as mãos, ele as pressiona em meu corpo, contornando meu formato bem devagar, deixando no chão a toalha que me envolvia. O ar ameaçava abandonar meus pulmões quando suas habilidosas mãos fizeram o caminho inverso, percorrendo vagarosamente das coxas até os meus seios, comprimindo-os com firmeza. Sem mais suportar a distância dos seus lábios, eu me viro e roubo-lhe um beijo, entrelaçando com avidez minha língua na dele, enquanto suas mãos outra vez me entontecem, passeando com urgência pelas minhas costas, até alcançarem meus quadris; ele então me levanta, colocando-me em seu colo, de pernas abertas em sua cintura.

De repente minhas lembranças foram de maneira brusca interrompidas por gritos de socorro. Endireitando-me, vejo a nossa frente uma menina segurando um bebê no colo. Thomas de imediato para a moto. Ainda estamos na Rua São Carlos do Pinhal. Estávamos quase nos aproximando da faixa de pedestre. Pressionando contra o peito a criança em prantos, a garota clama com veemência enquanto aponta o braço para o seu lado direito, onde se encontra a frente do Shopping Cidade São Paulo: “Me ajuda, por favor!”. Quando olhamos para nossa esquerda, fomos surpreendidos pela visão de um homem quase se aproximando, a correr, vociferando palavras de baixo calão, segurando acima da cabeça o que pareceu ser um machado. Por puro instinto, eu me afasto de Thomas na moto, abrindo um espaço entre nós, e grito a plenos pulmões: “Sobe aqui!” Thomas complementa, trovejando: “Corre!”. A menina não pensou duas vezes para obedecer.

Sinto meu corpo ficar mole de tanto medo. De um jeito desajeitado, a jovem raquítica com sua criança fez uma tentativa de subir na moto pelo nosso lado direito. A voz da figura masculina apavorante se aproxima. Diante da dificuldade dela, desci e coloquei a garota sentada atrás de Thomas. Foi tudo muito rápido e eu tomo uma atitude por impulso. Mas achei que não fosse suportar a sensação de ser acertada pelo objeto ameaçador. O motor da Ecosse gemia nas mãos de Thomas, refletindo seu anseio de disparar dali. Tão logo subi na moto, gritei:

“Vamos!”. Minha visão escureceu. Não posso desmaiar agora! Porém o arranque da moto pareceu ativar meus sentidos. Pensamentos maléficos me fizeram ter a certeza de que o machado ou o que quer que fosse seria arremessado contra nós. Para nossa infeliz surpresa, eu não estava errada.

CAPÍTULO 3

Assim que iniciamos a faixa de pedestre, o objeto de porte considerável é arremessado em nossa direção, e quase pude senti-lo em minhas costas. O susto me fez gritar, o que desequilibrou Thomas, pois de imediato se virou para trás quando se preparava para virar à esquerda na Rua Pamplona. Ele conseguiu evitar a queda colocando sua perna esquerda no chão. Sem conseguir deixar de olhar para trás, vejo que o homem encapuzado cria esperanças ao constatar que paramos; e por isso começa correr ao nosso encontro.

Percebo que Thomas o encara. Então meu medo ganhou proporções astronômicas. Sei que ele pensa em descer e enfrentar o malfeitor. Perturbada pelo choro da criança e pela histeria da menina, berro:

- Não, amor! Vamos embora!

Eu respiro aliviada quando ele atende ao meu pedido e segue cantando pneu. Só paramos diante da mansão. A garota respirava com ansiedade, e o bebê não parava de chorar. Assim que coloco meus dois pés no chão, sou puxada e agarrada por Thomas, que me abraça quase esmagando meus ossos. Correspondo e focalizo toda a adrenalina na calma dos braços dele. Só depois de um tempo nos largamos e nos lembramos de tirar o capacete. Assim que o fizemos, vimos com profunda curiosidade a desconhecida, estática, em cima da moto parada pelo descanso lateral.

Tentando uma abordagem, Thomas olha primeiro para mim, depois para ela, e

indaga:

- Pode nos dizer o que foi aquilo mocinha?

O rosto dela encontra-se encharcado pelas lágrimas. Seus cabelos meio lisos, meio encaracolados, cor de mel, estão desalinhados. E, céus! Ela, digamos, não apresenta um cheiro agradável. Nada agradável por sinal! Sua pele clara tem manchas de sujeira, e a roupa que usa é lamentável: uma calça de pano fino, tão surrada quanto a camiseta com propaganda política. O chinelo rosa e encardido deixa a mostra unhas grandes e, nossa... O bebê! Usa um macacãozinho igualmente com pano fino, rasgado e batido. Ao invés de responder o que lhe fora perguntado, a menina começa a balançar o bebê, na vã tentativa de cessar o choro estridente; porém, surpreendendo, ela consegue atingir o objetivo, e presenciamos o silêncio outra vez. Um silêncio que esperávamos ser quebrado pela resposta dela. No entanto, os minutos começaram a se passar e a garota permaneceu ali, imóvel, ninando o bebezinho.

Thomas e eu nos olhamos por fim, e com um sinal de cabeça, mostro a ele que agora é minha vez de buscar uma comunicação. Mas quando me aproximo de imediato ela salta da moto, que só não caiu porque Thomas apressou-se em segurá-la. Tento conquistar sua confiança, dizendo:

- Calma! Como você pôde ver, salvamos sua vida. Não temos a menor intenção de lhe fazer nenhum tipo de mal. – fazendo gestos com a mão, acrescento:

- Apenas nos ajude a entender o que se passou com você. Como podemos ajudá-la?

Olhando o nada, parada quase no meio da rua, ela finalmente responde com ar de aflição e temor:

- Não temos para onde ir.

Assumindo uma postura séria, Thomas questiona:

- Onde estão seus pais?

Neste momento as lágrimas voltaram a invadir seu rosto, e ela responde em meio a soluços:

- Não tenho.

Arrisco mais uma pergunta:

- Como você se chama?

Ela responde:

- Isabela.

Passando a mão pela cabeça, impaciente, Thomas diz:

- Muito bem, Isabela. Se não tem para onde ir, fique conosco esta noite e amanhã vamos resolver este problema, e então você nos contará o que aconteceu. – olhando para mim em seguida, Thomas sussurra:

- Tudo bem por você, Malu?

Quase sorrindo, digo:

- Claro que está tudo bem, amor.

Sendo mais firme com ela, Thomas indaga:

- Estamos combinados, Isabela?

Balançando a cabeça devagar, ela emitiu um fraco “Sim”. Ele suspira e eu também. Acionando o controle em sua chave, o portão começa a se abrir. Thomas me dá um rápido beijo e eu aproveito para dizer:

- Deixa comigo. Vai tomar um banho enquanto tento acomodá-las.

Pensativo, Thomas diz:

- De jeito nenhum, lady. Sei que é só uma garota. Mas vamos ficar juntos providenciando a acomodação delas. Certo?

É a primeira vez que ele precisa se preocupar comigo, e por isso acho graça. Minha independência não havia possibilitado este tipo de situação antes. Sorrindo, digo:

- E como é que isso vai funcionar?

Com um ar divertido, ele fala:

- Não sei. Vamos entrar e descobrir.

Penso em lhe dar um beijo caloroso, mas lembro da presença da garota e da necessidade de acolhê-la. Olho para a direita, e falo:

- Vamos lá, Isabela?

Enquanto caminho com ela para dentro, Thomas sobe na moto e dirige na direção da garagem, localizada à direita da fachada de entrada. Isabela está a minha frente. Segura a criança com todo cuidado. Calculo que a garota deva ter entre catorze e dezesseis anos. Quanto ao bebê, não faço ideia de quantos meses tenha. Isabela é de estatura média. Andar contido, tímido. Quando paramos em frente à mansão, ela me surpreende questionando:

- Quantas pessoas moram aqui?

Sinto-me compelida a provocá-la, e digo:

- Respondo esta pergunta se antes me explicar o que aconteceu exatamente naquela rua.

A expressão de espanto e curiosidade dela logo foi substituída por um ar de desconsolo. Sem nem conseguir imaginar pelo o que ela pode estar passando, o que a julgar por sua aparência e último acontecimento não deva ser nada fácil, entro na varanda, sento-me casualmente na cadeira de balanço com dois lugares, e respondo a pergunta dela, mesmo sem ela ter feito por merecer:

- Com os empregados, nove pessoas moram aqui.

Penso em lhe falar que agora, na verdade, são dez. Então me lembro da recente notícia, e fico dividida entre a felicidade de carregar uma vida nova e o

sentimento de preocupação que esta garota provoca em mim. Talvez seja o estado deplorável dela e a forma como nós a encontramos. Estou louca de vontade de perguntar se o bebê no colo é seu filho, ou filha, mas não sei se devo ainda. Por isso me vejo cheia de dedos para construir uma conversa com ela.

Observando-a com cuidado para não parecer invasiva, meu olhar de repente encontra o de Thomas, que enfim se aproxima.

Depositando com cuidado sua mão esquerda no ombro de Isabela, Thomas olha para mim, depois para Isabela. Entusiasmado, diz:

- O último a chegar à cozinha, prepara o lanche de todo mundo!

CAPÍTULO 4

O que torna um homem sexy? Bem, para mim, o que Thomas acaba de fazer, o torna ainda mais excitante. A última coisa que estamos agora é com fome. Estar na companhia de Stella nos fez experimentar quase todo o cardápio do Frank Bar. Portanto, saber que ele está disposto a simular vontade de fazer um lanche a essa hora da madrugada só para deixar nossa misteriosa visitante à vontade, é deliciosamente sensual!

Entro no jogo dele e me levanto depressa. Num gesto involuntário puxo Isabela pela cintura, dizendo:

- Vamos! Não quer pagar de garçonne para o bonitão aí, não é?!

Embora um pouco relutante, ela me segue. Mas quando abro a porta de entrada e vejo que Thomas permanece parado em pé, só a nos observar, eu questiono:

- O que foi? – fazendo cara de inocente, acrescento: - Não está mais com fome?

Exibindo um sorriso provocante, Thomas responde:

- Apenas sendo cavalheiro e concedendo um espaço de vantagem.

Um espírito de bobeira toma conta de mim, fazendo-me olhar com vivacidade para Isabela, e dizer:

- É o seguinte, mocinha: “Hora de correr!”

Acho que consegui contagiá-la, porque tenho a impressão de ter visto um riso brotar no rosto delicado antes de me seguir correndo, segurando contra o peito o bebezinho. Disposto a causar, Thomas se utiliza de toda a sua vantagem de ter pernas mais compridas e fortes para nos ultrapassar, dando-se ao luxo de virar-se e mandar-me beijos voadores. Que vontade de agarrá-lo! Se ele soubesse o quanto está me deixando louca de desejo com esse comportamento. Mas, o grande lance é que, ele sabe...

A cozinha fica à direita do salão de entrada. No meio há um balcão retangular de vidro, coberto por mármore branco, rodeado por bancos altos, cor de vinho, e com assentos estofados na mesma cor. O teto é iluminado por várias pequenas luzes. Nas paredes em torno do balcão está o armário embutido de madeira escura, abrigando o fogão de inox de um lado, a geladeira também de inox do outro, e uma extensa pia ao lado do fogão.

Sentando-se vitorioso no banco que fica na direção da pia, Thomas fala

exultante:

- O meu pão pode ser recheado de muito presunto e queijo. Mas antes quero que lambuze com maionese de alho. Por favor!

Eu estava disposta a fazer um protesto, quando nós fomos surpreendidos pela criança que voltara a chorar. Não seria para menos, afinal a corrida com certeza a assustou. Então, outra vez, Thomas me acende ao se levantar, caminhar na direção de Isabela parada na entrada da cozinha tentando novamente silenciar o bebê, e pedir:

- Você me daria a honra de segurar esse... Ou seria, essa, bebê?

Nossos olhares se voltaram curiosos para Isabela. Depois de alguns segundos, talvez medindo se seria seguro, ela entregou a criança em prantos para Thomas, dizendo:

- O nome dela é Nicole.

Para o nosso espanto, Thomas a pegou no colo como se já fosse pai há anos. Porém, o mais encantador, foi ver a pequenina silenciar quando ele se pôs a andar de um lado para o outro da cozinha ninando-a, e dizendo enquanto me olhava de esguelha:

- Isso, Nicole! Ajude-me a impressionar a minha lady. Assim ela vai ter argumentos fortes para debater com a titia Stella sem noção amanhã.

Não aguento... Começo a rir, e penso “Thomas, Thomas, você está muito encrocado comigo hoje!” Vendo que Isabela ficara perdida com a nossa interação, resolvi intervir, e disse:

- Vem, Isabela. A primeira grande lição de um ser humano, seja homem ou mulher, é saber perder.

De imediato, Thomas falou:

- Muito bom vê-la reconhecendo a derrota!

Eu continuei:

- Como eu estava te dizendo Isa... Posso te chamar assim: “Isa”?

Recebendo o consentimento tímido dela com a cabeça, continuo:

- Ótimo! – lançando um olhar desafiador para Thomas, digo: - Então, como eu estava falando com “você”, Isa, vamos dar a César o que é de César!

Enquanto começo a tirar os pratos e talheres de dentro do armário, bem como o pão de forma, colocando-os em cima da pia, Thomas passa por mim e sussurra sedutor em meu ouvido:

- Isso vai te custar caro, lady!

Sinto um arrepio gostoso percorrer meu corpo, e uma vontade sem precedentes de atacá-lo ali mesmo. Mas contenho meus anseios, suspirando profundo, e digo apontando com a mão livre para a geladeira:

- Isa, você poderia pegar a maionese de alho, o presunto e o queijo na

geladeira, por favor? Eles estarão logo a sua frente quando abri-la.

Ao ver Isabela dar a volta no balcão para ir em direção da geladeira, meu olhar encontrou o de Thomas. Ele está parado na ponta do balcão a minha esquerda, acalentando Nicole com uma expressão triste. Direciona os olhos a bebê e em seguida para a garota. É inevitável não notar o quanto elas estão sujas e cheirando a descaso. Abaixo a cabeça e só volto a levantá-la ao perceber que Isabela está parada diante da geladeira aberta há um tempo considerável. Tentando ajudá-la, questiono:

- Está vendo os ingredientes aí, Isa?

Ela pega os potinhos de vidro com presunto e queijo, fazendo menção de fechar a geladeira. Eu a interrompo, e digo sorrindo em tom casual:

- Só faltou a maionese. – vendo que a de alho estava junto com a maionese normal, e por serem caseiras estavam em potes de vidro com etiquetas escritas a mão, acrescento:

- É a que está escrito “Maionese de alho”.

Isabela paralisa diante da geladeira. Seria compreensível que estivesse nervosa, e isso justificaria seu comportamento. Está com estranhos, afinal. Porém, de repente Thomas decide oferecer apoio, adianta-se e pega o pote, dizendo:

- Sou um vencedor bonzinho. Por que não ajudar, não é mesmo?

Só aí passou pela minha cabeça que talvez ela não soubesse ler. E ele parece ter percebido este fato antes de mim. No fundo quero acreditar que ela tenha ficado estática diante da geladeira porque não está acostumada com tanta fartura. Mas o que estou dizendo? Qualquer que seja o motivo, não é agradável de presenciar. Não me lembro de experimentar num só dia tanta felicidade e tanta decepção com a vida. É como se algo estivesse me provocando, a fim de que eu não esqueça qual é a verdadeira realidade das coisas. Um turbilhão de pensamentos e sentimentos me invade, e quase chego a me sentir mal por estar tão feliz apesar dos problemas gritantes do nosso mundo.

Nos momentos seguintes, meu Conde e eu tratamos de ser bons anfitriões; sem ainda estarmos preparados para um bebê, aqueci um iogurte e Thomas deu à Nicole como se fosse uma papinha, a qual ela devorou sem problemas. Sujas como estavam, fiz com que Isa tomasse banho após comermos, e ela própria lavou Nicole, enquanto eu a segurava no colo. Desde que me mudei para cá, há mais ou menos dois meses, trouxe todo o meu guarda-roupa, mas doe as minhas roupas em desuso e algumas peças de quando eu era criança, que minha mãe havia guardado, e que carreguei comigo ao sair de casa como lembrança. Nem passava pela minha cabeça a ideia de engravidar, ou de receber crianças. Uma grande pena! Poderia ajudar muito agora. Então, dei a Isabela uma calça de

malhar e uma camiseta, e com um suéter branco envolvemos a bebê.

Quanto a mim, um sentimento de mãe protetora me envolve a uma velocidade voraz e espantosa. Não sei se por causa de saber que serei mãe, ou se por ver duas crianças desprovidas do mínimo de uma condição digna para viver. O fato é que meus sentidos estão experimentando níveis exorbitantes de sensibilidade.

Durante o tempo em que eu passei no banheiro com as meninas, Thomas abriu o quarto ao lado do nosso, na intenção de providenciar a cama para elas. Agora estamos aqui, dando boa noite para Isabela e Nicole; acho que assim como eu, ele também está vivenciando sentimentos loucos de uma humanidade escancarada. Talvez o amor entre ele e eu tenha potencializado nossa suscetibilidade a emoções. Ao menos essa é a primeira explicação que encontro para estarmos nos comportando como se fôssemos anjos da guarda destas garotas. E a pergunta que não me deixa sossegada é: “Por que, afinal de contas, não sermos?”

Ele sai primeiro do quarto, e eu fico para ajeitar um pouco mais o edredom em torno de Isabela. Nicole está ao seu lado, e dorme literalmente como um bebê. Fico surpresa comigo mesma quando beijo a testa de Isa, e digo “durma bem”. Consigo ver um misto de encantamento e espanto em sua expressão. Sabe-se lá se algum dia alguém fora carinhosa com ela. Um pouco sem graça por causa da minha atitude automática, eu enfim deixo o quarto também.

Fico surpresa ao ver que Thomas está encostado de lado na parede, apoiando-se nela com seu ombro esquerdo. Braços cruzados. Virado para o lado da saída do quarto. E com aquele olhar que aguça meus sentidos e os leva a um nível alucinante de excitação! Fecho a porta e faço cara de mistério, com ares fingidos de inocência. Encosto no batente, ficando de frente para ele. Coloco minhas duas mãos para trás, e digo:

- Que olhos grandes você tem.

Com um meio sorriso deliciosamente atraente, Thomas fala num tom firme:

- São para te ver bem, lady.

Mordo meu lábio inferior, e enquanto o encaro, digo:

- Nossa! E que braços enormes você tem!

Ele avança confiante na minha direção e sinto minha perna amolecer. Levanta-me com força, colocando-me de pernas abertas em torno de sua cintura, dizendo:

- São para te levantar sempre que você me deixar louco desse jeito.

Em questão de segundos sua língua invade minha boca sugando-me o ar e me deixando tonta. Enquanto me leva para o nosso quarto, ele consome meus lábios num beijo urgente e profundo. Sinto cada parte do meu corpo arder em desejo. Ainda em seu colo, começo a desabotoar os botões de sua camisa. Ao mesmo

tempo em que minhas mãos passeiam por sua pele quente, transfiro meus lábios para o seu pescoço e o beijo com avidez, fazendo-o dizer:

- Te amo tanto princesa!

Quando ele me deitou em nossa cama, nossos olhos se encontraram parecendo emanar chamas. Ofegante, Thomas apoia o braço esquerdo ao lado da minha cabeça, enquanto com a mão direita acaricia meu rosto. Sem perdermos o contato visual, ele diz:

- Sobre amar você, Malu... Penso que não há razão mais bela para existir.

Com a respiração entrecortada, digo:

- Então me ame, amor da minha vida.

Antes de fazermos amor, Thomas volta a mergulhar em meus lábios, ao passo que sua mão habilidosa viajou célere por dentro de minha calça, alcançando meu ponto de prazer, onde seus dedos só o deixaram depois de me fazer soltar gritos de êxtase.

CAPÍTULO 5

Esqueci a cortina aberta, e por isso o sol entrou sem dificuldades através do vitral de nosso quarto. Ao abrir os olhos, deparo-me com Thomas me observando. Estamos deitados de lado, e virados um para o outro. Com uma voz suave, ele diz: - Oi, mamãe.

Sorrindo, respondo:

- Oi, papai.

Ele sorri também, e fala:

- Pedi que Anastácia cuidasse do café da manhã das meninas. Expliquei a situação para o Augustus, e ele foi buscar roupas da netinha na casa da filha dele. Achamos mais fácil do que irmos comprar a essa hora da manhã.

Thomas está vestindo uma camiseta branca, e um short de malha azul-marinho. Este é praticamente o uniforme dele no domingo de manhã. É o único

dia que não o vejo de roupa social, e ele se dá ao direito de usar chinelo o dia inteiro, até quando saímos para comprar algo. Anastácia é a cozinheira. Augustus o mordomo. Lembrando-me de Isabela e Nicole, questiono:

- Já conseguiu arrancar de Isabela algo sobre o acontecimento de ontem?

Apoiando-se sobre o seu cotovelo esquerdo, Thomas responde:

- Quero fazer isso junto com você.

Penso em lhe dar um beijo, mas de manhã não confio muito na minha boca. E ainda é difícil para eu acordar com ele me olhando. Tem dias que meu cabelo parece que viu assombração enquanto eu dormia. Sem falar no inchaço matinal; o mal de toda mulher apaixonada é querer parecer perfeita o tempo todo para o seu príncipe. Quando se vai morar junto, essa missão fica seriamente comprometida. Mas se ele não sai correndo, finjo naturalidade. Sento-me na cama com ele a me olhar, passando com casualidade as mãos pelo meu cabelo, e questiono:

- Você tem algum palpite?

Ele se senta na cama, encosta na cabeceira, e me puxa para o colo dele. Quando já estou encostada em seu peito, dá-me um beijo na cabeça, e fala:

- Eu conheço essa menina.

De imediato eu ergo a cabeça para o seu lado, ignorando por completo o meu medo de ser inconveniente com o meu hálito, e indago:

- Como assim?

Suspirando, Thomas responde:

- Algumas vezes eu preferia ir para a empresa de moto. E quase sempre ela se encontrava no sinal vendendo balas. – fechando os olhos, como que se lembrando e lamentando, ele acrescentou:

- E eu nunca comprei uma bala sequer; sabe por quê?

Intrigada, questiono:

- Por quê?

Reabrindo os olhos e me encarando, Thomas respondeu:

- Por causa do meu pensamento infantil em acreditar que os milhões que doo à caridade já são mais que suficientes para cumprir com minha responsabilidade social. – com os olhos tristes, falou:

- E que, portanto, não precisaria esquentar minha cabeça com os diversos casos de pobreza do dia a dia. Afinal de contas, é um incêndio grande demais para eu querer apagar sozinho.

Decido enfrentar meu medo de estar parecendo uma leoazinha com bafo, e sento-me no colo de Thomas, ficando de frente para ele. Coloco meus braços em torno do seu pescoço, e digo:

- Agora você acha que o universo está cobrando sua frieza?

Segurando suas mãos atrás das minhas costas, na altura de minha cintura, Thomas responde:

- O que eu tenho é a certeza de que não é possível viver num mundo manchado pela desigualdade, sem em algum momento ter respingos desta disparidade social no nosso teto.

Encarando-o, questiono:

- Então... Isabela e Nicole, sendo estes respingos, o motiva a fazer algo a respeito?

Ele responde:

- Tenho uma amiga socialite em Campinas. Ao contrário de mim, ela trata desta questão de maneira mais íntima. Mantém uma mansão funcionando como uma espécie de orfanato. Há uma equipe para selecionar os casos mais graves nas ruas. Se eu falar com ela, podemos levar as duas para lá. – trazendo-me para mais perto dele, Thomas acrescenta:

- O que você acha?

Senti que eu estava entrando em curto circuito com a pergunta dele. O que está acontecendo comigo? Por que é tão difícil responder essa questão? Ele nota as faíscas emanando de mim, porém imita o meu silêncio. Sem conter um suspiro, falo:

- Penso que, se elas não têm família, é o mais sensato a se fazer.

Thomas indaga:

- Mas?

É lógico que ele sabe que há um “mas”. Só não é fácil transcrever meus sentimentos sobre isso. Sobre este “mas”.

Começo a brincar com o rosto dele enquanto penso, até que falo:

- Antes de ter você em minha vida, Thomas, eu criava muitas expectativas com os caras que conhecia. Enquanto eu queria alguém para formar uma família, eles apenas esperavam curtir o momento, ou no máximo fugir do status de solteiro. – abaixo a cabeça por um instante. Quando eu a levanto outra vez, prossigo:

- Por isso abandonei toda a ideia de uma estrutura familiar como aquela na qual eu cresci: casal, filhos, netos. Mantinha o desejo de ser mãe. Mas a essa altura, já pensava em carreira solo na maternidade.

Passeando devagarzinho meu dedo indicador da mão direita sobre os seus lábios, inclino minha cabeça para apreciar de um ângulo diferente a face dele, e falo:

- Só que você apareceu, Conde Thomas Albernethy. E não só o meu desejo de formar uma família ressurgiu das cinzas, como também o seu amor abriu um mundo desconhecido no meu coração; o que também mudou o meu conceito de

família.

Trazendo-me totalmente para junto dele, de forma que ficamos abraçados e com o rosto rente um do outro, Thomas fala:

- E agora o seu novo conceito de família também abre espaço para filhos que não necessariamente sejam seus. Estou certo?

Enfrentando minha ansiedade, respondo:

- Sim.

Thomas abre um sorriso largo e balança a cabeça em sinal de positivo. Encostando sua testa na minha, fala:

- Então acho que temos que ir às compras. – com um ar sério forçado, acrescenta:

- Depois é claro de descobrirmos o que aconteceu ontem à noite.

Sorrindo de volta, digo:

- Eu te amo!

CAPÍTULO 6

Enquanto a água cai morna em minha pele, não paro de pensar: “O que eu estou fazendo? Quero mesmo adotar duas desconhecidas?” Mas o mais paranóico disso tudo foi descobrir que não é só eu. O mesmo gatilho ativado em mim foi disparado em Thomas também. Termino de me arrumar, e ele está a minha espera no quarto, falando ao telefone com Killian.

Quando saio do Closet, assim que meus olhos contemplam a expressão dele, percebo que algo na conversa não vai bem. Ele está em pé diante da cama. Tenta disfarçar ao notar minha presença, e não demora a encerrar o telefonema, dizendo:

- Preparada para o seu primeiro interrogatório de mãe ao meu lado, no papel de pai inquiridor?

Descanso meu corpo no batente entre o Closet e o quarto. Repousando minha mão direita na cintura, questiono:

- Você vai mesmo fazer isso?

Ele se aproxima e me abraça pela cintura, respondendo:

- Interrogar Isabela?

Um sorriso sarcástico escapa dos meus lábios, e falo encarando-o com firmeza:

- Thomas. Conde Thomas Albernethy! Quer mesmo enganar a mim? O que o perturbou na sua conversa com Killian ao telefone?

Aspirando ao aroma de sabonete em meu pescoço, ele fala:

- Nada que mereça atenção neste momento; tomamos nossa segunda decisão

importante juntos: adotar duas garotinhas. É nisso que devemos focar agora.

Envolvo meus braços em torno do pescoço dele, e digo:

- Você sabe que isso vira uma bola de neve, não é? Um probleminha aqui hoje. Outro amanhã. A gente brinca de malabarista, e quando vê, já está tudo no chão fazendo a maior bagunça!

Mordiscando meu lábio inferior, Thomas rebate:

- Contanto que você esteja ao meu lado, terei força suficiente para dar conta de qualquer desordem.

Estou prestes a lhe dizer que é covardia apelar para não ter que se abrir comigo, quando alguém chama por Thomas com urgência, nos fazendo ir às pressas atender. Assim que ele abre a porta, nos deparamos com Augustus. Estava aflito. Com o seu jeito polido, disse:

- Peço mil desculpas por perturbar-lhe desta maneira em seu aposento, Senhor, mas a garota Isabela quer a todo custo sair daqui!

Quando pisamos no corredor já podíamos ouvir gritos lá embaixo. Acompanhados de Augustus, descemos com rapidez, até vermos Isabela segurando Nicole, ambas chorando, com Isa a dizer:

- Vocês precisam me deixar sair! Abram a porta!

Caminhando na direção dela, Thomas falou:

- Acalme-se Isabela. Por favor! Está tudo bem. Alguém te fez algum mal?

Chorando ainda mais, Isabela falou:

- Eu só quero ir embora. Abram essa porta. Precisam abrir!

Quase próxima dela, digo:

- Está bem, Isa. Eu abro a porta para você. Mas precisamos saber o motivo. Se alguém te fez algum mal, tem que nos contar meu anjo.

Thomas e eu nos olhamos aturdidos, diante do nosso fracasso em acalmar a menina, que agora, enquanto segurava Nicole, fazia força na maçaneta para abri-la. De repente, como num passe de mágica, Thomas faz ao menos Isabela se acalmar, quando com voz enérgica fala:

- Isabela, pare com isso! Quer matar Nicole de tanto chorar?

Tirando a bebê dos braços dela, ele assistiu triunfante o feito de fazer Isa cessar o choro, enquanto também cessava o de Nicole ao niná-la. Durante um tempo ficamos nós seis ali, numa inércia silenciosa, a contar com Anastácia, que, parada no batente da biblioteca, próxima do salão de entrada, olhava assustada para nós. Quando os olhos dela encontraram o meu, ela disse um tanto quanto sem jeito:

- Eu juro que não fiz nada! Foi só terminar de vesti-las, que essa menina começou com esse escândalo.

Mais calma, digo:

- Fique tranquila, Anastácia. – olhando para ela e para Augustus, falo:
- Aliás, podem voltar aos afazeres de vocês. Agradeço muito a atenção que dispensaram para as duas. Mas Thomas e eu assumimos daqui.

Com o aceno positivo de Thomas, eles saíram; outro silêncio nos visitou. Os olhos de Isa parecem perdidos, e ela não consegue controlar os soluços. Está visivelmente perturbada. Qual a melhor maneira de abordar alguém que lhe é ao mesmo tempo tão estranha e capaz de provocar um desejo exagerado de querer proteger? Já nem me reconheço mais. Aquela Malu equilibrada, que embora insatisfeita por não ter uma companhia nos momentos solitários dentro de um apartamento, estivesse feliz com a vida que havia conquistado, perdeu-se em algum lugar do espaço. Sou ainda mais feliz agora, mas me tornei um canal aberto receptor de emoções. Sinto tudo em dobro. Estou uma bagunça! Dói tanto olhar para Isabela e Nicole e imaginar que estão sozinhas no mundo.

Instigada pela minha sensibilidade manifesta, apago a reticência entre nós, e falo:

- Isa, Thomas e eu não fazemos ideia do que esteja acontecendo com você. Mas queremos que saiba que estamos dispostos a ouvi-la e ajudar no que preciso for.

Encostada na porta, olhando para baixo, Isabela diz:

- Só quero ir embora.

Thomas me olha. Caminha até mim e me entrega Nicole. Então, volta-se para Isabela. Agacha-se diante dela, e questiona:

- Você gostaria de ver Nicole passando fome, ou que alguém mau a arrancasse de você na rua?

Lágrimas saltam no rosto de Isabela, enquanto ela faz uma negativa com a cabeça. Confiante, Thomas prossegue:

- Diga-me, Isabela. Nicole é sua irmã, ou sua filha?

Ainda de cabeça baixa, ela responde:

- Minha irmã.

Assentindo com a cabeça, mostrando que está compreendendo, ele acrescenta uma nova pergunta:

- Quem era aquele homem atrás de vocês ontem?

Depois de um abrupto soluço, Isa diz:

- Um homem mau.

Thomas então faz a pergunta cuja resposta nós aguardamos com ansiedade:

- Por que ele corria atrás de vocês?

Uma crise de choro aguda tomou conta dela, fazendo-a colocar suas mãos na cabeça, e dizer:

- Não quero falar sobre isso.

Tentando tranquilizá-la, Thomas diz:

- Tudo bem, Isabela. Não é necessário falar se não quiser. Quando estiver pronta, estaremos dispostos a te ouvir. Combinados?

Abaixando as mãos, ela balançou a cabeça em sinal de positivo. Sempre sem dirigir o olhar para ele.

Thomas respira fundo, e continua:

- Preciso te fazer mais perguntas. Tudo bem?

Depois de receber seu consentimento, ele prosseguiu:

- Você disse que não tem pais. Algum dia você os conheceu, ou aconteceu algo com eles?

Deixando-se cair sentada no chão, Isabela tem uma nova crise, recolocando suas mãos na cabeça, e dizendo:

- Não! Não quero falar sobre isso... Eu não quero! Não quero...

Quase que ao mesmo tempo, Thomas e eu repetimos que estava tudo bem. Então, eu comecei a falar:

- Não se atormente Isabela. Apenas estamos tentando entender e ver no que podemos ajudar. Fique tranquila meu anjo!

Segurando as duas mãos dela, Thomas diz:

- Isabela, talvez seja demais pedir que esqueça as dificuldades que passou até agora. – apontando para mim, ele prossegue:

- Mas aquela mulher maravilhosa ali, e eu, estamos dispostos a tornar sua vida e a de Nicole muito melhor. E com o tempo, conforme você se sinta preparada, conversaremos sobre os nossos assuntos pendentes.

Sorrindo, Thomas se levanta, fazendo com que ela se levante também, e pergunta com ar divertido:

- E aí, Isabela... Topa morar nessa casinha com a gente?

Embora ainda parecesse relutante, exibindo tristeza e desconfiança, para o nosso alento, Isa limitou-se a balançar positivamente a cabeça.

CAPÍTULO 7

Ao me ouvir contar sobre Isabela e Nicole para ela, Stella desistiu de tomar seu primeiro gole de café, quando a xícara já estava praticamente tocando seus lábios.

É segunda de manhã, e estou tentando a façanha de usar cem por cento da minha eficiência psíquica para lidar com todas as coisas vigentes em minha vida: gravidez em curso, duas adoções inesperadas, cargo de chefia, lembranças dos meus momentos quentes e únicos com Thomas, e nesse instante, uma amiga prestes a dar pane. Ciente de que eu a deixei preocupada comigo, falo enquanto

respondo aos e-mail's no computador da sala onde Elisa ocupava antes:

- Você sabe que eu sempre quis ser mãe, não é? Quer oportunidade mais perfeita? Vou poder treinar com Isabela e Nicole. E quando essa pequena vida que carrego aqui dentro vier ao mundo, estarei no nível hard deste jogo!

Stella está sentada a minha frente. Recostando-se em sua cadeira, ela deixa a xícara em cima do pires na mesa, e dispara:

- No entanto, se isso fosse apenas um jogo de videogame, onde é possível reiniciá-lo caso você morra no nível hard, tudo certo; agora, aqui, na vida real, meu bem, não há um botão de reset para desfazer as escolhas erradas que fazemos.

Clico em enviar, finalizando minhas conclusões sobre a capa de um livro a ser publicado, preparando-me mentalmente para rebater a preocupação dela, e digo:

- Stella, eu estou disposta de todo o meu coração a ser mãe. Entendo que talvez você ache que possa faltar em mim um pouco de maturidade para saber de fato o quão complicado é esta tarefa. – pego a xícara de café dela e o bebo todinho num só gole, acrescentando:

- Mas sou mais esperta do que você imagina!

Cruzando os braços, Stella fala:

- Não vejo esperteza nenhuma em alguém que permite que o emocional fale tão alto, a ponto de adotar duas crianças que surgiram do além, sem nem mesmo se certificar da procedência da situação.

Intrigada, questiono:

- O que exatamente você quer dizer com isso?

De imediato, Stella responde:

- Malu Bertone Casaro! Uma adolescente surge em plena madrugada diante de vocês dois, com um aspirante a Jason – fazendo dois ganchos com os dedos indicadores, acrescenta: - Supostamente correndo atrás dela, que hipoteticamente está toda chorosa e assustada, e aí vocês se compadecem, vivendo nesse mundinho cor de rosa de vocês, e decidem adotá-la sem se quer apurar os fatos?

O mais engraçado é que, até este momento, não havia me permitido nem por um segundo questionar a veracidade das palavras de Isabela ou do que ocorrera naquela rua. A advertência de Stella tem quase o mesmo efeito de um balde de água fria em mim; e a minha primeira dúvida surge: será que Thomas, experiente como é, também não se atentou a isso, ou, assim como ele quis ocultar o que o incomodou na ligação do dia anterior, também não quis me preocupar, e por isso não me falou nada?

Olho sério para ela, e digo:

- A garota não sabe nem ler, Stella. Tanto ela quanto a irmã tem oitenta por cento de osso contra vinte de carne. Que tipo de falcaturia pode existir nisso?

Dando de ombros, Stella fala:

- Como vou saber? – apontando para mim com o impresso de um livro que estamos a analisar, ela acrescenta: - E como é que você ou o Thomas vão saber? – voltando a folheá-lo, diz: - Não fizeram nenhuma investigação, além de perguntas para a própria protagonista desse mistério.

Minha cabeça começa a dar giros de trezentos e sessenta graus ao imaginar se nisso tudo existe alguma fraude. Levantando-se de sua mesa, Stella fala com o livro entre as mãos:

- Bem, vou lá conversar com o senhor Aquiles. Este livro tem tudo para dar certo: romance, drama e uma boa dose de suspense. Tudo na medida exata; preciso de um best seller urgentemente! Meus últimos palpites não venderam mais que três mil exemplares, pelo terceiro mês consecutivo, deixando-me cada vez mais abaixo dos meus números habituais de vendas.

Eis mais uma preocupação inquietante em minha nova vida. Antes eu precisava apenas me atentar aos meus próprios números. Agora, com os da empresa inteira. Isso às vezes consome minha energia de um jeito maquiavélico. Números! Precisam ser sempre crescentes se quisermos manter nosso equilíbrio nesse capitalismo pungente. Quando conseguimos impulsioná-los, paz; quando não, insanidade. Somente o amor pelo que faço me permite continuar nessa roleta russa. E Stella está coberta de razão, de forma que a situação dela se tornou algo crítico para mim. Como editora-chefe, e sua melhor amiga, eu não consigo me imaginar conversando com o senhor Aquiles sobre o futuro dela nessa editora. Porém, tenho pensado numa ideia. Antes que ela se despeça de mim, digo:

- Sabe Stella. Ao longo dos meses venho notando um diferencial em você.

Com o seu costumeiro ar divertido, ela ironiza:

- É mesmo?!

Levantando-me, sento na ponta da minha mesa e cruzo os braços. Encarando-a, falo:

- Você não é apenas uma analista perita de livros.

Firme na ironia, ela indaga:

- Ah, não sou?!

E eu respondo:

- Não! Não é!

Forçando uma cara de cinismo, ao colocar a mão direita sobre o peito, Stela indaga:

- O que sou eu então?

Descruzando os braços e os apoiando na mesa, respondo:

- Uma escritora em potencial.

Stella desmanchou-se numa gargalhada frenética. Vendo que eu apenas a observava, sem nenhuma expressão, ela luta para conter-se, e fala:

- Seja lá o que for que a fez dizer tamanho disparate, agradeço por me fazer rir tanto. Eu estava mesmo precisando! – acariciando sua barriga, ela diz:

- Este precioso está me deixando maluca!

Aproximando-me dela, agacho e começo a conversar com Arthur. Dou três toquinhos na barriga dela, e digo:

- Arthur?! Você está acordado? É a tia Malu. Estou precisando de um favor seu.

Encosto meu ouvido na barriga dela, e começo a falar:

- Diz para a sua mamãe, Arthurzinho, que ninguém aqui faz um e-mail explicando sobre o que achou das obras que analisa de um jeito tão esclarecedor. Fala para ela também, que quando ela não gosta de uma obra e começa a dar palpites sobre como o autor deveria ter continuado a história, ela mostra o quanto a sua imaginação é rica em criatividade. E se possível, conta para ela que a tia Malu é louca para ler um romance escrito por ela. Isso praticamente se tornou um sonho!

Olho para cima e vejo os olhos de Stella marejados. Então concluo que é hora de levantar e abraçá-la. Quando o faço, ela me surpreende se abrindo comigo:

- Ah, Malu! Está sendo tão difícil. Marcos disse que a gravidez me envelheceu. Quase nunca está em casa quando chego do trabalho. Agora ele colocou na cabeça que quer emagrecer, e ontem peguei uma conversa no celular dele com uma tal de Lucy. – desabando a chorar, ela continuou: - Eles trabalham juntos, Malu. Precisa ver como é linda! Eu não sei o que fazer amiga!

Sinto um vulcão entrar em erupção dentro de mim. Sensível como estou, minha vontade é de pegar o Marcos, e... Céus! Mas preciso me controlar. E uma ideia louca me ocorre. Mantenho a pose, e falo com as mãos em cada um de seus ombros:

- Vamos fazer o seguinte, Stella. Darei um jantar no sábado à noite. Traga o Marcos. Vou apresentar as meninas, e o resto é por minha conta.

Curiosa, ela arregala seus grandes olhos, e diz:

- O que você vai fazer?

Dando de ombros, respondo com ares de santidade:

- Apenas darei um jantar.

CAPÍTULO 8

Uma sensação incrível de bem-estar vai tomando conta de mim à medida que o relógio se prepara para anunciar que são seis horas da tarde. Ontem, Thomas e eu fomos ao shopping e compramos tudo o que uma adolescente e um bebê precisam. Ao dizer tudo, eu não estou exagerando. Só saímos quando já se aproximava o horário de fechamento. Enquanto Margot, a camareira, cuidava de Nicole, Isabela experimentou a maravilha de comprar o que enche os olhos sem se preocupar com nada; no começo ela meio que não acreditava. Mas quando experimentava uma roupa ou um sapato que gostava, e levávamos, o cenário foi mudando.

Seus olhos refletiam um misto de encanto e assombro. Thomas e eu nos deliciamos ao vê-la desbravar aquele mundo novo que se apresentava de braços abertos para ela. Hoje de manhã fechei com uma professora particular para ensiná-la a ler e escrever. Quando sentir que está pronta, nós a enviaremos a uma escola. Depois de minha conversa com Stella, tenho necessidade de estudar Isabela, bem como conversar com Thomas a respeito. Por hora não quero me aprofundar em hipóteses. Vou apenas me ater aos fatos: ela é uma adolescente subnutrida, que não consegue escrever o próprio nome, e traz consigo uma irmãzinha que talvez nem chegasse à idade dela se permanecesse nas ruas.

Não vejo a hora de entrar em casa e encontrar a todos. Minha nova família. A que eu não sonhei, mas que a vida me deu de presente, e sinto o desejo de amá-los incondicionalmente crescer dentro de mim num ritmo louco e fascinante. Antes da porta do elevador se abrir na garagem no prédio da editora, onde deixo meu carro, olho para minha barriga e a acaricio. Fecho os olhos por um instante, e sussurro:

- Obrigada por estar aí bebezinho. Muito obrigada!

Quando voltei a erguer minha cabeça, a porta do elevador se abriu e caminhei na direção do meu carro. Foi preciso deixá-lo um pouco afastado, já que na segunda-feira eu entro mais tarde, e com isso as vagas mais próximas do elevador já estão todas ocupadas. Quase me aproximando, o que vi me paralisou. Alguém, vestindo uma touca que lhe cobria todo o rosto, e roupa escura, pichava meu Audi preto.

A pessoa percebeu minha presença e de imediato interrompeu a atividade, correndo rumo à saída da garagem. Sem pensar eu me ponho a segui-lo, gritando:

- Ei! O que é isso?

Corri o máximo que pude, ainda que de saia e salto alto; mas o sujeito subiu numa moto e fui obrigada a cessar meus esforços. Fugiu cantando pneu, acelerando com força. Nessas horas me questiono sobre a estupidez humana. Vejo um estranho pichar meu carro e decido sair correndo atrás dele. Na hipotética situação de alcançá-lo, esperava eu que ele dialogasse comigo? “Oi, estava pichando seu carro. Mas não é nada não. Faz parte de um hobby apenas!”. Furiosa comigo mesma, ofegante, e me perguntando como esse cara teria entrado aqui diante do esquema de segurança, viro-me e começo a caminhar na direção do meu carro.

Ao notar os escritos em amarelo berrante, deixo minha cabeça pender para trás, num ato de desconsolo. A parte da frente todinha, até o início do teto, fora pichado. Tão logo me aproximei, coloquei-me a ler o que acabaram de escrever ali: “Análise melhor os origin...”. A frase não pudera se completada a tempo por causa da minha chegada. Perplexa, digo:

- Ah! Que ótimo! Um escritor ofendido... Muito bom!

Toda vez que algo ruim me acontece, uma chuva de lembranças com situações semelhantes vem a minha mente. Neste momento, esta pichação levou-me de volta ao passado, na época em que fui sequestrada. Uma corrente gélida percorre minha espinha. Se esse pichador conseguiu entrar aqui, teria tido a ajuda de alguém? Estou outra vez sendo vítima de inveja dentro do meu próprio ambiente de trabalho, ou seria mesmo um escritor negado se vingando? Tenho ímpetos de subir e conversar com o senhor Aquiles, mas me lembro que ele não se encontra mais na editora a essa hora. Reluto com a ideia de ligar para Thomas. Porém, sinto urgência em conversar com ele, e por isso aciono seu nome na discagem rápida.

O número se apresenta como ocupado. Uma ansiedade sem tamanho se apodera de mim. Ponho a mão na minha barriga, e penso que não é bom ficar assim agora. No entanto, não é algo que eu possa controlar. É infinitamente maior do que eu. A simples sugestão de ter outra vez alguém se incomodando com o resultado do meu trabalho, e disposto a me prejudicar por isso, faz com que eu sinta meu estômago revirar. Com a permanência do número ocupado, não tem jeito... Vou ter que ir até ele.

Suspirando com pesar, olho mais uma vez para os escritos gritantes no meu carro, e entro. Percebo que minha mão está tremendo ao acionar a ignição. Um barulho de motor se aproxima. Olho para frente e sou surpreendida com a visão

da mesma moto que há pouco saíra às pressas daqui, descendo pela rampa de acesso. Meu coração parece querer saltar do peito. Assim que ela completa a descida, preparo-me para sair, desengatando o carro e colocando a primeira; porém, com sua proximidade, eu congelo e não sou capaz de fazer nada, a não ser manter o pé na embreagem e no freio.

Quando o motoqueiro se aproximou, deu a volta no meu carro, enquanto o pichava de amarelo. Resisti e não gritei. Não daria esse gosto. Fui tomada por uma sensação de medo mesclada a um sentimento de raiva. Por que tanta maldade? Meu único temor é que ela viesse acompanhada de violência, por isso me mantive firme para o caso de ter que sair correndo. E quando vi o motoqueiro partir, eu reagi de forma automática, acelerando e indo para cima. Quase o alcancei, chegando a esbarrar na roda traseira da moto na subida da rampa.

Para a minha grande surpresa, afetei o motoqueiro, pois a menos de um metro ele se desequilibra, e cai. De imediato abandona a moto e põe-se a correr pela Avenida Paulista. Não penso duas vezes: paro meu carro e desta vez faço barulho, gritando para os guardas algo que chamasse a atenção, e apontando para o sujeito: “Ladrão! Pega ladrão!”

Minha tática surte efeito. Dois guardas saem da guarita e iniciam uma corrida na direção do fugitivo. Contudo, olhando eles se afastarem, penso se um dos dois, ou os dois, não teria facilitado a entrada deste cara. Não consigo entender. Ao mesmo tempo em que me revolto fico confusa; mas ao ver um deles apanhar o motoqueiro pelas costas lá longe, sinto uma pontinha de esperança em desvendar o mistério.

CAPÍTULO 9

Enquanto via os guardas trazerem o motoqueiro pichador, pensei em como seria quando eu o confrontasse. Todas as emoções negativas que tomariam conta de mim. E como isso afetaria o bebê; por causa dessa preocupação liguei para o senhor Aquiles, algo que só faço como último recurso, e lhe contei tudo. Assim que encerrei o telefonema com ele, um dos guardas atendeu o celular. Pela expressão séria e atenta ao que ouvia, era com o senhor Aquiles que ele estava falando.

Quando eles se aproximaram, eu apenas os deixei passarem por mim, desviando o olhar. Um dos guardas largou do sujeito, erguendo a moto e a levando para dentro da garagem. A última coisa que meu chefe disse antes de desligar foi: vamos descobrir do que se trata de um jeito ou de outro! Conhecendo-o como o conheço, senti um frio na barriga. Infelizmente preciso admitir o lado sombrio de Aquiles, o qual, neste momento, vem bem a calhar.

O que quer que esteja acontecendo, fico aliviada por não ter sofrido nenhum tipo de agressão física. De um jeito sarcástico, isso me faz sentir gratidão apesar do que ocorreu. – acaricio minha barriga antes de entrar outra vez no carro, e falo: - Mamãe já judiou demais de você, meu amor. Perdão! Vamos procurar o papai e voltar a adoçar nosso dia.

Penso em deixar o carro numa oficina e ir para a Albernethy Investments de táxi. No entanto, analisando melhor, dou ré, volto a estacionar o carro, e desço. Pedirei para alguma oficina vir retirá-lo aqui. Não estou a fim de desfilar com essa obra de arte maldosa. Um guincho daria conta desta missão. Tento outra vez ligar para Thomas, mas continua ocupado. Ele deve estar numa daquelas ligações intermináveis. Essa é a parte do nosso relacionamento que eu classificaria com uma estrela, embora seja compreensível devido às responsabilidades que ele tem. Quando chego ao prédio da empresa, vou direto para a sala de Thomas. A essa hora somente estão os seguranças e a secretária dele, para a qual apenas acenei e dei boa noite quando passei pelo seu balcão.

Assim que entro, consigo escutar a voz imponente de Thomas ao telefone na sala de reuniões dentro da sala principal: “Minha família não construiu esse império tomando decisões com base em achismos, Furlan. Está me ouvindo? Preciso de relatórios com números devidamente apurados, e só então passaremos uma decisão final ao nosso cliente. O que o senhor Antunes lucrou até agora com suas sugestões hipotéticas?”. As advertências dele seguiam fervorosas, e eu tratei de conversar outra vez com nosso bebê: - Papai está alterado. Talvez tenhamos de ser nós a adoçar o dia dele. O que acha, hein?

Para esperá-lo, decido me sentar em sua mesa, e tiro o celular da minha bolsa. Nesses momentos de ociosidade aproveito para responder mensagens de escritores no meu Instagram; mas de repente algo me chama a atenção. Ao lado do monitor do computador de Thomas, há um papel creme com um pó branco em cima. Pela segunda vez no dia sinto meu coração acelerar num ritmo anormal. Jogo meu celular de volta na bolsa, e com cuidado pego o papel e seu conteúdo.

Neste exato momento Thomas sai da sala. Nossos olhos se encontram numa frequência que não emite boas vibrações. Sem pensar muito, questiono:

- Isso é o que estou pensando que seja, amor?

Suspirando com pesar, Thomas encaixa suas mãos nos bolsos de seu terno, fecha os olhos, e diz:

- Desculpa Malu.

Involuntariamente minhas mãos tremem. Devolvo o papel à mesa e me levanto. O problema de viver um conto de fadas é lembrar nessas horas que eles trazem além da magia boa, também a bruxaria. Permanecendo estancado no batente da porta, ainda com as mãos no bolso, Thomas reabre os olhos e me vê caminhando na direção dele. Ao me aproximar acaricio seu rosto, e indago:

- Por quê?

Ele me puxa pela cintura, beija minha testa, e responde encarando-me:

- Porque nem sempre fui forte como desejo ser agora por você e pela família que estamos construindo. Não é fácil amor. – erguendo a cabeça num gesto de abranger tudo ao nosso redor, ele acrescenta:

- Manter tudo isso. Deixar sempre o trem nos trilhos requer algo mais do que minha capacidade humana me oferece.

Thomas pega minha mão e me leva até sua mesa. Senta-se na cadeira e me faz sentar em seu colo. Aponta para a droga em cima da mesa, e indaga:

- Sabe por que ela está aí em cima, intacta, durante o dia todinho de hoje?

Consigo apenas balançar a cabeça em sinal de negativo. Ele então fala:

- Resolvi confrontar meu vício. – colocando a mão direita em minha barriga, acrescenta: - Por você e por essa vida. Por isso eu deixei essa droga aí, colocando-me num teste de resistência, onde minha força era me lembrar de vocês, e o quanto preciso estar saudável para viver mais e melhor na sua companhia, e da nossa família.

Minha intenção era contar para Thomas o que se passou comigo na garagem assim que eu o visse, bem como conversar a respeito da observação de Stella sobre Isabela e Nicole. No entanto, diante deste novo episódio, não consigo. Não agora. Brinco com os cabelos dele e o olho com ternura, dizendo:

- Todas as vezes que bater a vontade de cheirar essa coisa... Pegue sua Ecosse, seu helicóptero, ou se precisar compre um jato, sei lá... E vá ao meu encontro! Faça de mim seu portal de escape, Thomas. – aproximando meu rosto do dele, indago:

- Promete me fazer seu único vício, meu amado Conde?

Deslizando sua mão direita desde o início de minha perna até o meu quadril, antes de consumir meus lábios, Thomas fala:

- A decisão de encarar esse meu demônio é a prova que você, Malu, já é a minha fonte para uma vida melhor, e me motiva a estar livre de qualquer tipo de droga.

CAPÍTULO 10

Se existisse uma fórmula para conservar o brilho de um relacionamento, eu diria que: colocar-se no lugar do outro, por mais terrivelmente difícil que isso pareça, e enxergar suas limitações, predispondo-se assim a entendê-lo e ajudá-lo, com certeza, é um dos elementos que comporiam a equação.

Por este motivo, consigo conceber o absurdo de descobrir que Thomas é um usuário de drogas, ou pelo menos está tentando deixar de ser, embora esta constatação esteja mexendo sobremaneira com a minha cabeça. Antes de entrar no Aston Martin azul dele, um sorriso inesperado escapa ao me imaginar contando esta descoberta infeliz para Stella. Talvez o parto do Arthur tivesse de acontecer na mesma hora. Vou poupá-la deste susto; no fundo eu sabia que com a convivência, mais cedo ou mais tarde, descobriria coisas que não me agradariam.

Estamos na garagem do prédio da Albernethy Investments. Para não ter que contar agora o que aconteceu comigo, disse para Thomas que precisei deixar o carro no mecânico, e por isso vim de táxi. Sei que este pode ser um elemento negativo: ocultação de fatos. Tão grave quanto a mentira. Só que há momentos que é humanamente impossível encaixar determinados assuntos numa conversa, já que o papelzinho com aquele pó conseguiu ocupar minha mente de um jeito perturbador. Quando ele entra no carro, olha para mim de soslaio enquanto finaliza uma conversa no celular, e indaga:

- Consegue definir o quanto está decepcionada comigo depois do que viu hoje?

Viro-me de lado, apoiando meu cotovelo no banco, de modo que eu consiga encará-lo, e respondo:

- Primeiro vamos pontuar o que eu vi hoje: eu vi um grande homem lutando

em grande estilo com um grande problema. – com o rosto dele virando-se surpreso para a minha direção, acrescento:

- Eu não usaria a palavra “decepção”, Thomas. Antes eu optaria pela “preocupação”. Já pensou nos inúmeros malefícios a sua saúde, amor?

Ele tenta falar, mas resolvo mostrar como realmente me sinto com relação a isso. Tiro meu cinto de segurança e me sento no colo dele. Acariciando seu rosto, digo:

- Deixar de usar drogas porque me conheceu ou porque vai ser pai, ainda não é a razão correta, Thomas. Então vou te fazer uma pergunta, e preciso que você visualize o que irei dizer, para que consiga ser realista na sua resposta. Tudo bem?

Olhando-me com admiração, o que me deixa extremamente excitada, Thomas fala:

- Estou sob suas ordens, lady.

Afasto-me um pouco, de forma que encosto no volante, e questiono:

- Se nosso bebê e eu morrêssemos hoje, você ainda continuaria tentando evitar as drogas?

No mesmo instante a expressão de Thomas endureceu. Sua respiração ganhou uma breve celeridade. Sei que ele vai protestar minha pergunta, então eu digo:

- Foi você mesmo quem disse que está sob minhas ordens. E nesse momento eu ordeno que responda minha pergunta, sem preâmbulos...

Colocando as duas mãos atrás da cabeça, Thomas a inclina contra o banco, teimando:

- Malu, como você espera que eu imagine algo assim, meu anjo?

Diante da minha forçada expressão zangada, Thomas passa as mãos pelo rosto, e diz:

- Se isso acontecesse talvez eu até aumentasse o cardápio delas!

Indignada, falo:

- Thomas!

Com ar de cinismo, ele diz:

- Estou só te obedecendo, lady.

Tentando controlar minha perplexidade, indago:

- Está mesmo falando sério?

Cruzando os braços, Thomas fala:

- Se eu não estivesse, estaria te desobedecendo. O que iria contradizer o que lhe falei. Não concorda?

Boquiaberta, digo:

- Conde Thomas Albernethy, acaso você acha que o seu dinheiro poderia comprar a sua saúde quando seu corpo resolvesse lhe cobrar sua imprudência?

Ainda de braços cruzados, Thomas franziu a boca, e respondeu com tons de sarcasmo:

- Não. Não acho não.

Atônita, indago:

- E?

Descruzando os braços e os apoiando em minha cintura, Thomas fala:

- E, digo que, há muitas coisas na vida que fazemos sem olhar a bula e suas contra-indicações, Malu. Mas ainda assim fazemos porque ajudam a vencer aqueles momentos em que a ansiedade ameaça esfaquear nossa sanidade.

Passo minhas mãos bem devagar pelos seus braços, e digo:

- Talvez nestas horas fosse melhor você apelar para plástico bolha, saco de areia de boxeador, massinha de modelar...

Rindo, Thomas indaga:

- Massinha de modelar?

Tento conter o riso, e respondo:

- É! Massinha de modelar...

Ele me olha com um sorriso travesso, torce a boca para o lado, e diz:

- Acho que eu tenho outra sugestão. Pode ser que funcione, sei lá... Já que você quer tanto me ajudar nisso.

Um tanto incerta e super desconfiada da atitude dele, digo:

- Diz aí que sugestão é essa.

Olhando-me com um ar divertido e misterioso, Thomas agarra minha cintura, encara-me por um instante, e em seguida começa a me fazer cócegas. Quase chego a estapeá-lo de tanto que elas me fazem dar risada, e digo quase sem ar:

- Para com isso, amor! Para Thomas!

Ainda mais endiabrado, ele fala:

- Nossa, lady. Mas está ajudando tanto! Olha isso! Que relaxante, amor!

Gargalhando junto comigo, Thomas me coloca de volta no banco do carona, e enquanto substitui as cócegas por investidas de sua mão pelo meu corpo, beija-me exigindo minha língua. Ao colocar o cinto de segurança em mim, antes de voltar para o próprio banco, diz:

- E é o seguinte, Malu: é bom você se manter em segurança sempre, bem como o nosso bebê. Do contrário, vou cheirar tanto, que em menos de um mês irei precisar de um transplante de nariz.

Abismada, digo:

- Credo Thomas!

Lançando-me um olhar sedutor, Thomas liga o carro. Ao começar a dirigir, diz:

- Meu recado está dado!

CAPÍTULO 11

Os assuntos que quero conversar com Thomas ficam martelando na minha cabeça. Só que eu ainda não encontrei oportunidade. Nenhuma que julguei apropriada. Nós dois estamos cansados. Todos os problemas ganham uma dimensão maximizada quando lidamos com eles somados a uma carga horária de mais de oito horas de trabalho nas costas. No meu caso, nem consegui almoçar. E prometi para mim mesma que hoje foi o último dia que isso aconteceu. Ainda preciso me acostumar com a ideia de ser gestante.

Assim que ele e eu entramos na mansão, nos deparamos com a camareira, a qual Thomas designou para passar a ser babá das meninas. Chama-se Margot. Uma refugiada venezuelana de vinte e nove anos que contratamos há pouco tempo. O motivo de ela ter se destacado dentre tantos que conhecemos, foi o fato de falar com maestria o português, sua curiosidade para aprender sobre nossos costumes e disposição em auxiliar no centro de ajuda aos refugiados. Encontrase encostada na parede do salão de entrada. Está com os olhos vermelhos, segurando um lençinho amarelo, que usa a todo instante para enxugar as lágrimas. Thomas e eu nos olhamos, e ele questionou curioso:

- Aconteceu alguma coisa, Margot?

Em prantos, ao os ver, Margot responde:

- Ah, senhor Thomas... Isabela está lá em cima ardendo em febre! – com um olhar desesperado, acrescentou: - Mas eu juro que não tenho nada a ver com isso! Foi de repente. Ela começou a sentir falta de ar e disse que estava muito cansada. Quando a toquei ela estava pelando!

Sem pensar, questiono:

- Ela está lá sozinha?

Olhando-me aflita, responde:

- Não. Anastácia chamou o médico da família. Ele está lá com ela.

Antes de me puxar pela mão e começarmos a subir a escada, Thomas toca no ombro de Margot, e fala:

- Relaxa. Esta garota tem todos os motivos para ficar doente.

Foi como tirar uma nuvem carregada de cima dos olhos da babá. Mais tranquila, ela começou a nos seguir; chegando ao quarto, presenciamos Anastácia ninando Nicole, enquanto um homem alto, de cabelo grisalho e bastante magro, tirava a pressão de Isabela.

Ao vê-lo, Thomas falou:

- Olá, Doutor Carlos.

Ganhando a atenção do médico, que se virou, Thomas acrescenta:

- Adoraria poder dizer que é um prazer em revê-lo. – olhando para Isabela, pálida, disse: - Mas nestas circunstâncias fica difícil, não é mesmo?!

Esboçando um largo sorriso, embora uma expressão tensa recobrisse sua face, o senhor de pele morena e olhar complacente levantou-se, guardando o medidor de pressão, e falou:

- Também iria preferir revê-lo em uma situação mais empolgante, meu caro. – acariciando a testa de Isabela, disse: - Mas tenho certeza que em breve poderemos dar um jeito nisso.

Percebo que Thomas assimilou a aura de tensão em torno do médico. Ele então olha para mim, depois para o médico, e diz:

- Creio que possamos aproveitar a ocasião para colocarmos nossos assuntos em dia lá embaixo.

Adiantando-se, Margot afasta com o lenço o resto de lágrimas em seu rosto, e fala:

- Deixem comigo. Voltarei a vigiá-la até que voltem.

Colocando Nicole no berço ao lado da cama de Isabela, Anastácia diz:

- E eu vou continuar cuidando do nosso jantar.

Enquanto todos saem do quarto, caminho até Isabela. Desconsiderando meu medo de ser piegas, inconveniente, ou qual seja a denominação possível para a minha atitude, dou um beijo na testa de Isabela. Sua pele está tão quente quanto o sentimento materno que ela e a irmã despertam em mim. Tento não demonstrar minha preocupação, a fim de não assustá-la, e digo sorrindo:

- Tudo vai ficar bem, Isa.

Seus olhos estão perdidos em tristeza. E sua mudez, na verdade, parece refletir um desejo desesperado de gritar. Gritar o mais alto que as cordas vocais permitem. Penso em explorar essa vontade repreendida de se comunicar; contudo, a necessidade de cautela me impede, e eu saio do quarto, com Thomas e o médico a me esperar na porta.

Assim que alcançamos o primeiro degrau, o doutor Carlos diz:

- Anastácia me contou sobre a história impressionante de como encontraram estas garotas.

Busco o olhar de Thomas ao descermos. Ele também procura o meu. Tomando a frente, brinco:

- Já imaginou se a cada saída de sábado à noite encontrarmos crianças perdidas como elas, e quisermos adotar?

Rindo, Carlos falou:

- Como médico sensato que sou, recomendo que passem já no próximo final de semana a encontrar outras formas de descontração dentro de casa mesmo.

Embora desconfortáveis com a ansiedade sobre Isabela, rimos até completar a

descida dos degraus. Guiando Carlos para a biblioteca, Thomas diz:

- O que acha de começarmos por massinha de modelar, Malu?

Quase engasgo com o riso veloz que escapou de mim. Thomas me lança um olhar charmoso seguido de um fino sorriso ao abrir a porta. E eu tento explicar para Carlos a situação:

- É que eu andei sugerindo algumas opções ao Thomas de como controlar a ansiedade. O senhor não concorda comigo que massinha de modelar é uma ótima opção?

Adentrando a biblioteca, Carlos fala:

- Considerando que mexer com massinhas não envolve fraldas nem uma menina vítima de violência física, eu acredito que seja uma excelente pedida!

De imediato uma atmosfera apreensiva tomou conta de nós. Indicando o sofá de um lugar para que o médico se sentasse, e sentando-se comigo no de três lugares, Thomas indaga:

- Pode ser mais claro, doutor?

Cruzando as pernas e depositando sua maleta no chão, Carlos responde:

- Receio que a garota febril esteja sofrendo uma das piores doenças do mundo.

Por reflexo, questiono:

- Qual?!

Com uma feição apiedada, o médico responde:

- Maldade humana.

Engulo em seco ao ver um filme improvisado surgir em minha mente, que fez o digníssimo favor de imaginar Isabela sofrendo agressões do tipo que escutamos nos telejornais. E uma lembrança real me fez dizer:

- Por isso exigi que eu me virasse no banheiro, quando a coloquei para tomar banho. Achei que fosse por vergonha, já que sou uma estranha para ela.

Apertando minha mão, no caso a direita devido a nossa posição no sofá, como ele sempre faz quando está nervoso, Thomas indaga:

- Como chegou a essa conclusão, doutor? A febre está relacionada a isso?

Pensativo, Carlos responde:

- Na barriga, no ombro esquerdo e em ambas as pernas existem manchas arroxeadas. Quanto à febre, adianto que já a mediquei, e sugiro que a levem até minha clínica para que possamos fazer exames e assim obtermos um panorama geral; no entanto, diante dos hematomas, o que insinua um quadro de violência física, causando deste modo uma opressão psicológica, e somando-se à informação que Anastácia me deu, sobre essa menina não saber ler nem escrever, e tendo iniciado sua primeira aula hoje, na qual a garota se mostrou nervosa e impaciente por não conseguir ao menos escrever uma única letra, arrisco dizer

que tal estado febril resulta-se igualmente de uma condição psicológica debilitada.

Agora sou eu quem aperta forte a mão de Thomas. Ao menos sobre um dos assuntos que quero tratar com ele, encontro espaço para falar a respeito neste momento:

- Sabe amor... Hoje conversei com Stella. Conteí sobre as meninas. E ela expôs um ponto de vista que eu não havia cogitado.

Curioso, Thomas indaga:

- Qual, lady?

Um pouco incerta, mas necessitada de conversar sobre a questão, respondo:

- De haver nesta história algum tipo de... Digamos... Fraude! Sei lá... De ser uma situação armada. Afinal, aquele homem tão estranhamente atrás dela, justo quando passávamos. Porém, seja o que for que tenha acontecido, diante da condição relatada pelo doutor sobre Isabela, você acredita existir algo de errado?

Fico em choque ao ver que Thomas não se surpreendeu com as minhas palavras. Então ele já havia pensado nisso... Mas antes que se pronunciasse, Carlos falou:

- Se me permitem a intromissão... Quando ouvi o relato de Anastácia sobre como encontraram estas duas meninas, fiquei bastante preocupado, pois vale lembrar que o senhor, Conde Thomas Albernethy, é alguém de influência em nossa cidade, o que com certeza atrai todo tipo de situação. Podem estar testando a bondade de vocês. Perdoem-me ser tão sombrio, mas talvez este possa até mesmo ser um plano bem elaborado para roubarem sua mansão.

Sinto meu coração doer. Se isso fosse verdade, como voltar a confiar em mim mesma? Já que tenho tanta ternura pelas duas por me comover com o pobre estado em que se encontram. Mas, pensando sobre o que Carlos acaba de dizer, começo a expor minhas conclusões, olhando para o nada:

- Caso o que disse tenha algum fundo de realidade, talvez elas sejam uma espécie de isca. Isabela já tem quase quinze anos, conforme consegui arrancar dela no domingo. Idade suficiente para a execução de planos ousados.

Thomas completa:

- Como moradora de rua ou de uma favela... Pode ser mais esperta do que nós três juntos.

Nós nos olhamos confusos, e Thomas diz:

- Então ela conseguiria nossa confiança, até que um dia teria liberdade suficiente para deixar que o interessado, ou os interessados... Entrassem aqui.

Observando-nos, Carlos fala:

- Porém, há de se considerar que é nítida a má qualidade de nutrição de ambas as meninas; bem como, agora, as marcas expostas de Isabela, e o quanto isso

pode estar afetando sua saúde mental.

Thomas balança a cabeça em sinal de concordância, e diz:

- Quanto a isso não há a menor dúvida, doutor. Mesmo que elas façam parte de algum plano criminoso, é inegável o quanto precisam de ajuda.

Tomada pela ansiedade, questiono:

- O que você acha que devemos fazer meu amor?

Ao se levantar, Thomas acaricia meu rosto. Encaminha-se para o vitral que dá para a entrada da mansão, e diz encaixando suas mãos nos bolsos de seu terno:

- Vamos cuidar destas meninas, Malu. Daremos a elas tudo o que precisam. Olharemos para o lado humano da coisa toda, sem nos descuidar de outros aspectos.

Recostando-me no sofá, digo:

- Sempre observando o comportamento de Isabela.

Perdido em pensamentos, Carlos indaga:

- Mas por que estão dispostos a correr este risco? Se vocês querem ajudá-las, podem providenciar um orfanato confiável, por exemplo. Seria uma ótima forma de testar, no caso, Isabela. – olhando especialmente para mim, acrescenta: - Você está esperando seu primeiro bebê, Malu. Qual a razão de se exporem tanto?

Neste momento Thomas vira-se para mim, e eu respondo admirando meu Conde:

- Porque o amor dominou nossas vidas, doutor.

CAPÍTULO 12

Permito que os últimos acontecimentos de minha vida passem pela mente enquanto a água cai como mil mãos massageando meu pescoço e acariciando meu ventre. Nunca foi tão satisfatório existir. Mesmo diante das incertezas sobre Isabela, sinto-me ainda mais forte por ter condições de doar meus esforços em prol dela e da irmãzinha. E quando percebo a porta de vidro do Box se abrindo, meu deleite pela vida atinge seu ponto alto.

As mãos dele encontram as minhas e sinto seu corpo aconchegante completar o meu por trás. Sorrindo, viro minha cabeça na direção da dele. Por um tempo indeterminado ficamos ali: olhos fechados, contemplando a respiração um do outro. Entro em êxtase ao me perder na plenitude da paz que o toque de sua pele traz a minha alma. Em meio à água que nos invade, Thomas indaga:

- As dúvidas que levantamos sobre Isabela e Nicole não a incomodam a ponto de querer mudar de decisão? - deslizando a mão pelo meu ventre, acrescenta:

- Por sermos três agora, talvez devêssemos estudar as situações complicadas que teríamos de viver, e o quanto isso poderia ser prejudicial para você e o bebê.

Fico pensativa por alguns segundos. Então me viro, abraçando-o pelo pescoço, e indago:

- Consegue se imaginar deixando estas meninas em algum orfanato?

Sorrindo, Thomas balança a cabeça em sinal de negação. Devolvo o sorriso, e digo:

- Eu também não.

Levando sua mão direita a minha cabeça, segurando-a com força, com meus cabelos levantados entre seus dedos, enquanto sua mão esquerda se prende firme em minhas costas, Thomas me beija com urgência, dizendo:

- Que os céus abençoem nossa loucura!

Enquanto seus lábios saciam os meus, penso que de fato me tornei uma louca. Louca pelo seu toque, gosto, presença. Sou louca por esse calor delicioso em meu peito desde que estamos juntos, que me faz sentir capaz de realizar qualquer missão, ter vontade de ajudar a todos em tudo. Thomas me faz transbordar amor. E eu quero muito compartilhá-lo com qualquer um que precise.

Depois do banho, envolta em meu roupão, sentada na cama e penteando meus cabelos, olho para Thomas se vestindo, e quase de modo automático desabafo:

- Picharam meu carro hoje.

Ainda terminando de vestir a camiseta, Thomas se apressa, e indaga surpreso:

- O quê?!

De imediato deposito o pente na cama. Coloco minhas duas mãos em cima da

perna, e desembalo a falar:

- Eu tinha acabado de sair do elevador. Quando eu caminhei até o meu carro, vi um homem com o rosto encoberto por uma touca pichar nele a frase: “Analise melhor os originais.”. Quer dizer, ele não chegou a escrever a palavra ‘originais’ por completo, porque não deu tempo. – sem me controlar, deixo o nervosismo tomar conta de mim. Thomas caminha na minha direção, e eu digo inquieta, tentando conter as lágrimas insistentes:

- Eu não sabia se devia te contar. O senhor Aquiles já está cuidando de tudo. – levando minha mão até o meu coração falo: - É que eu não estou conseguindo controlar essa ansiedade aqui dentro. Quanto mais feliz eu fico, mais preocupada me sinto por achar que outra vez existe alguém querendo me prejudicar. Aí eu me lembro do sequestro, do cativeiro...

Agachando-se diante de mim, Thomas segura minhas mãos, interrompendo-me ao perguntar:

- Malu, por que você demorou tanto para me contar, amor? Como assim o senhor Aquiles está cuidando de tudo? Você já fez um boletim de ocorrência? Pegaram o pichador?

Se eu contar em detalhes, ele vai surtar. Então preparo um filtro. Fixo o meu olhar no dele, conseguindo resgatar minha calma por finalmente dialogar sobre este assunto, e respondo:

- Sim, pegaram o cara. E para não ter contato com ele, liguei para o senhor Aquiles, que em seguida passou ordens para os seus homens, e me assegurou que vai descobrir do que se trata. – com uma voz receosa, acrescento: - Inclusive ele reforçou que descobrirá do que se trata de um jeito, ou de outro...

Balançando a cabeça em sinal de positivo, Thomas fala:

- Bom. Gosto muito desse anãozinho.

Perplexa, digo:

- Thomas! Você entendeu o que ele quis dizer com “de um jeito ou de outro”? Sentando-se ao meu lado, ele responde num tom sarcástico:

- Claro que entendi, lady. Se precisar, ele manda arrancar primeiro o couro cabeludo. Não surtindo efeito, talvez opte pelo olho esquerdo, depois...

Eu o interrompo e repito minha indignação, mas já muito aliviada por tirar de mim esse peso:

- Thomas!

Falhando em controlar o riso, Thomas me puxa para o seu colo, e fala:

- Você não iria me contar nada se não tivéssemos tido aquela conversa na garagem, não é mesmo? Ficou morrendo de medo de eu ter que fazer um transplante de nariz. Não é verdade?

Coloco-me a observá-lo; lutando com todas as forças parecer séria. Mas essa

expressão traquina dele! Como resistir?! Franzindo a minha boca, ainda numa tentativa frustrada de não rir, digo:

- Tem outra coisa que precisamos conversar.

Estando em seu colo, sentada de lado, Thomas afasta uma mecha molhada do meu cabelo para trás da orelha, e diz:

- E estou pronto para te escutar, Malu.

Quando faço menção de falar, ele me interrompe, e diz:

- Mas saiba que a partir de amanhã, a senhorita só sai de casa escoltada. No mínimo por três. Não sendo isso algo passível de conversa. Estou apenas te comunicando.

Suspiro com pesar. Já havíamos tocado nesse assunto logo no início do relacionamento. Porém, eu o proibi de colocar seguranças para andar comigo. E agora não tenho argumento algum para impedi-lo. Vendo minha reação, ele acrescenta:

- Pode suspirar a vontade. Particularmente, odeio cirurgias. Então, prefiro proteger você e o bebê, e evitar o hospital.

Abaixo minha cabeça por um instante. Levantando-a outra vez, digo:

- Está bem. Por enquanto não tenho como rebater isso. – olhando-o sério, falo:

- Talvez Marcos esteja traindo Stella.

Erguendo as sobrancelhas, Thomas diz:

- Ah! Isso explica os ataques dela contra mim. Precisa ensinar sua amiga a separar o joio do trigo, Malu!

Rindo, digo:

- Ela está toda fragilizada. Quando me contou a respeito, senti uma vontade de... Enfim. Mas junto com o desejo de castrar Marcos, tive uma ideia. E para executá-la vou precisar da sua ajuda.

Afastando-se ao colocar suas duas mãos para trás, apoiando-as na cama, Thomas fala sorrindo:

- Seja qual for sua ideia, espero que tenha cogitado contar este fato para o senhor Aquiles também. Com certeza os homens dele são bons em castração. Já pensou nisso?

Levanto-me rindo, caminho na direção do closet para me vestir, e falo:

- Não é má ideia! Vou usar isso como plano B, caso o que eu tenho em mente não funcione.

Thomas questiona:

- E o que se passa nessa cabecinha de gênio?

Pego um vestido rosa no closet, volto para o batente que dá para o quarto, encostando-me nele, e digo olhando animada para Thomas:

- Pretendo testar a resistência dele com relação à Stella.

Curioso, Thomas indaga:

- De que maneira pretende testá-lo?

Faço cara de mistério enquanto me troco, e respondo:

- Bem, vamos precisar de um jantar. Suco para todos nós ao invés de bebidas alcoólicas, já que todos nós estamos grávidos... O prato preferido de Stella... Aí, além da sobremesa preferida dela, eu providenciarei um manjar dos deuses! – já vestida, caminho na direção da cama, sento-me em seu colo, ficando de frente para ele, e falo:

- É aí que você entra.

Tirando as mãos da cama, e as envolvendo em torno da minha cintura, Thomas questiona bem rente ao meu rosto:

- Vou ser o ingrediente desse manjar?

Passeando minhas mãos pelo seu peito, respondo sedutora:

- Não... Você apenas irá dar um telefonema!

CAPÍTULO 13

Luana! Luana!

Acordo assustada ouvindo a repetição entre gemidos do nome “Luana”. Thomas e eu dormimos com Isabela. Lembrei do tempo em que minha mãe passava a noite comigo nos meus estados de febre. Assim foi o meu não descanso; acordei pelo menos umas oito vezes para medir a temperatura dela. Já ele ficou entregue ao sono. Sorria quando o via dormindo nas vezes que acordei, por me recordar da implicação de Stella sobre o provável descumprimento das obrigações paternas. Porém, ele está aqui. Para mim é o suficiente.

Isabela dormiu no nosso meio. Nicole dormiu com Margot. Na primeira vez que acendi a luz para medir Isa, Thomas nem se mexeu, mas Nicole acordou disposta a causar com seus gritinhos; o que me obrigou a pedir socorro, já que eu não queria perturbar o sono dele. Ao abrir os olhos agora, vejo que Thomas também havia acordado. Olhamo-nos, ao mesmo tempo em que ela voltara a repetir o nome, capturando nossa atenção. Sinto a pele do pescoço dela com as costas da minha mão direita, e constato que ela não está quente. Para livrá-la do tormento, balanço-a com suavidade, e digo:

- Oi Isa! Está tudo bem. Acorde!

Contudo, mal abriu os olhos, Isabela começou a chorar. Um choro sentido e carregado de soluços. Entrei em pânico sem saber o que fazer. Ao perceber nossa presença, ela cobriu seu rosto com as duas mãos. Isa, a cada segundo mais nervosa. E eu, a cada segundo sem conseguir executar ação alguma. Thomas

então sentou Isabela, encostando-a na cabeceira, e disse:

- Vamos, Isa. O que está acontecendo? Conte-nos, por favor!

Mas o choro persistiu, e Thomas acrescentou num tom entre brando e desesperado:

- Isabela, está na hora de falar com a gente. Estamos aqui para te ajudar. Só que não temos o poder de adivinhar o que está te perturbando!

Faço uma tentativa:

- Quem é Luana, Isa?

Arriscando um palpite, questiono:

- É outra irmã sua?

Porém, tudo o que consegui foi um choro ainda mais acentuado. Thomas levanta-se da cama impaciente. Perdida, tanto quanto ele, eu a deixei chorando, até que bateram em nossa porta, e eu disse:

- Pode entrar.

Sinto um alívio sem precedentes ao ver Margot. Meus olhos suplicavam ajuda e ela pareceu entender, dizendo:

- Bom dia! Se quiserem podem ir. Ela chorou assim ontem também. Os senhores precisam trabalhar, não é?

Tenho vontade de encher Margot de beijos; mas, sou surpreendida... Sentando-se na cama, Thomas olha para Isabela, e fala com força seu nome:

- Isabela, reaja!

Vejo com assombro a firmeza dele surtir efeito nela. Apesar de todas as carências nutricionais, e as prováveis afetivas também, Isa demonstra com isso necessitar de comando. Pulso forte. Ou quem sabe ele apenas tenha feito com que ela sentisse medo... Assisto intrigada a cena onde ela enxuga as lágrimas, enquanto ele diz:

- Seja lá o que for Isabela! Qualquer coisa que esteja acontecendo. Está na hora de se comunicar! Já deu para perceber que ninguém aqui quer seu mal, não é verdade?

Soluços teimosos escapam dela. Ela tenta engolir o choro, e para isso suspira com dificuldade, até que finalmente ouço mais de uma frase da sua boca:

- Eu não quero mais aprender a ler e escrever. Eu não consigo. Nunca vou conseguir.

Indignado, Thomas questiona:

- O que te faz achar esse absurdo, tendo tido menos de duas horas de aula ontem?

Aproveitando a maré boa, ansiosa como estou, questiono outra vez:

- E quem é Luana?

Para o nosso desconsolo, ela abaixa a cabeça e volta a se calar. Elevo meus

olhos e me lembro do que eu disse a Stella “Vou poder treinar com Isabela e Nicole. E quando essa pequena vida que carrego aqui dentro vier ao mundo, estarei no nível hard deste jogo!”

Como ela adoraria me assistir jogando agora, e dizer que desse jeito nem do level um eu passaria. Que difícil interagir com uma mente que em nada está em sintonia com a sua! Talvez este seja o maior desafio dos pais. Este pensamento me amedronta, mas resolvo reagir. Olho para Thomas, depois para ela, e indago:

- Isa, quer que encontremos outro lar para você e sua irmã?

De imediato ela levanta a cabeça. Nós a observamos apreensivos. Seria tão mais simples desistir destas garotas. Só que nem por um segundo essa ideia me agrada. E não deveria ser assim. Devo mesmo estar louca. Já carrego uma nova vida; mas nesse momento em que aguardamos a resposta dela, a qual certamente a ouviremos caso responda que sim, sinto um desconforto gigantesco ao imaginá-las em outro lar, por ter a impressão que ninguém no mundo cuidaria delas como meu Conde e eu. Acho que o amor eleva a quinquagésima potência nossa sensibilidade, e de jeito nenhum você consegue ser menos do que o melhor para alguém que precise de ajuda. Quem sabe isso possa justificar nos submetermos a essa situação deste modo.

Ela então resolve dizer uma nova frase:

- Não quero outra família.

Sem perder tempo, Thomas diz:

- Sendo assim, precisamos que não chore mais. Ao menos, não sem nos dizer a razão. Do contrário pensaremos que estamos te maltratando mantendo-a aqui. Tudo bem?

Um sórdido raciocínio me pega desprevenida, gerando-me dúvidas: e se o doutor Carlos estivesse correto? Quão inteligente essa garota poderia ser se estivesse sendo manipulada por alguém? Fora as partes visíveis de sofrimento, que incluem a desnutrição e as marcas de violência no corpo, haveria alguma opressão que estaria fazendo com que ela agisse de modo tão desequilibrado? E céus... Quem é essa tal de Luana?!

Respondendo a pergunta de Thomas, ela fala:

- Prometo não chorar mais.

Margot toma a frente, e diz:

- Não, Isabela. O que o senhor Thomas quis dizer é que você só não deve chorar sem explicar suas razões.

Isabela faz um sinal de positivo e uma lágrima avança em sua face de modo desgovernado. Ela interrompe o curso com rapidez e volta a abaixar a cabeça.

Suspirando, Thomas fala:

- Bem, é melhor irmos trabalhar, antes que a mocinha aí nos force a sair deste

quarto num barco. Já pensou que tragédia, hein?! Tudo alagado com água salgada!

Enquanto Thomas me abraça e caminhamos para a porta, viro-me e quase consigo flagrar um sorriso na face de Isa.

CAPÍTULO 14

Sozinha em minha sala na Editora, eu decido começar a terça-feira fazendo algumas pesquisas online. Descobri que em Dezembro poderei saber o sexo do bebê, através do exame denominado “Sexagem fetal”, onde com oito semanas de gestação já se torna possível realizá-lo. Aqui diz que este exame é capaz de detectar a presença do cromossomo Y, o cromossomo masculino, no sangue da mãe, e confere noventa e nove por cento de certeza se não for feito antes das oito semanas, e se a mulher não tiver realizado nenhuma transfusão de sangue ou transplante de órgão. Em voz alta, digo para mim mesma “Hum... Então, para saber se é menina, basta constatar a ausência do cromossomo Y. Interessante! É isso aí o que farei!”

O preço é salgadinho, de trezentos a quinhentos reais. Demora de cinco a dez dias para ficar pronto. O que para mim será uma tortura! Eu consigo ver nitidamente Thomas e eu passeando por inúmeras lojas comprando todo tipo de mimos. Uma onda de entusiasmo me invade. Ao mesmo tempo em que um pensamento ganha força, e inicio novas pesquisas. Diante dos números de telefone fixo que encontro, faço algumas ligações, e a última foi para Thomas:

- Oi amor da minha vida!

Fazendo uma voz rouca e forte ao telefone, com a clara intenção de me provocar, por saber o quanto isso me deixa louca, Thomas fala:

- Oi... Minha agradável dama.

Recostando-me em minha cadeira, enquanto olho para os bonecos da Marvel nas estantes da sala, com os meus personagens favoritos: a turma dos Vingadores e X-Men, e de quebra os Cavaleiros do Zodíaco junto da Deusa Atena, digo:

- Não seria maravilhoso se a tecnologia inovasse a tal ponto de criar aparelhos teletransportadores para nos levar com a velocidade da luz onde quiséssemos a qualquer hora? – com uma voz sedutora, falo:

- Assim eu poderia estar do seu ladinho nesse momento.

Num tom sensual, Thomas diz:

- E eu submeteria este teu vestido justo ao poder da gravidade.

Ah! Essa sensação de não me cansar do toque dele, e quando meu cérebro traz à tona as recordações mais recentes do seu contato em mim, faz com que eu

me sinta uma adolescente outra vez; só que sem as neuras típicas dessa idade, ou de um envolvimento sem mão dupla. Não é unicamente o fato de saber o que quero: “Querer ele”. É mais do que tudo sentir-me também tão querida quanto por ele. Um alinhamento perfeito da minha vida emocional.

Lutando para focar no objetivo específico da ligação, digo:

- Tive uma ideia quanto a Isabela. Tem tempo para escutar?

Rindo, Thomas fala:

- Malu, Malu... Eu só não expulsaria Deus e a sua equipe da minha sala para arrumar um tempo e ouvir o que você tem a me dizer.

Sorrio, e pergunto tentando parecer séria:

- E se mandássemos Isa estudar numa escola onde ela faria parte de uma sala com adolescentes igualmente em estado de analfabetismo?

Depois de alguns segundos, Thomas questiona:

- Pelo o que posso supor você já encontrou uma escola que atenda essa ideia. Correto?

Eu respondo:

- Exato! Fica na Lapa. Parte da mensalidade é revertida para projetos sociais. O proprietário é dono de várias escolas particulares no Brasil, que por sinal levam o nome dele “Ricardo Lapaz Montemor” ou escolas RLM. Lá eles têm turmas de manhã e tarde para atender alunos que por uma razão ou outra foram prejudicados, e que, portanto, não sabem ler nem escrever.

Thomas diz:

- No entanto, conhecendo-a bem, há uma intenção a mais nesta sua ideia...

Levantando-me, caminho na direção da janela com vista panorâmica da cidade de São Paulo, e falo:

- Isso mesmo meu amado Conde! Já que Isa se recusa a comunicar-se com a gente, podemos dar a ela uma “pseudo-liberdade”, e assim descobrir aonde essa mocinha vai nos levar.

Depois de alguns segundos, Thomas indaga:

- Pensou em um celular para rastreá-la?

Animada, respondo:

- Elementar, meu caro Watson!

Expressando confusão, Thomas indaga:

- O que?!

Aí eu me lembrei que apesar de ser um devorador de biografias, Thomas jamais leu livros de ficção. Dou risada, e entendo que preciso intervir:

- Trata-se de uma frase que ficou famosa por causa dos livros ficcionais de Sherlock Holmes, do escritor Sir Arthur Conan Doyle. No entanto, em nenhum dos quatro livros e cinquenta e seis contos sobre o detetive Sherlock, essa frase

apresenta-se completa, como eu a disse. Mas acabou se popularizando desta forma. – rindo, acrescento: então, o que eu quis dizer foi “Sim! Eu já pensei nisso!”.

Com uma voz séria, Thomas diz:

- Estou achando que existe ainda uma intenção oculta por trás desta informação que acaba de me dar.

Intrigada, questiono:

- Ah, é! Qual?

Thomas fala:

- Está querendo que eu saia da minha zona de conforto das biografias e despenque no mundo ficcional. – depois de uma breve pausa, ele acrescentou:

- Pois bem, lady. Comprarei o celular e também os livros desse tal de Sherlock.

De imediato, digo:

- Eu lhe garanto que, uma vez dentro da literatura de horizontes abertos, suas biografias irão parecer apenas aquele prato de entrada de um jantar, e ficará boquiaberto ao descobrir que nunca comeu do prato principal!

Thomas diz:

- Puxa!

Eu questiono:

- O que foi?

Ele responde:

- Eu te amo demais.

A declaração inesperada me pega tão de surpresa, que digo:

- Estamos aqui falando de filhos e literatura, e você faz isso comigo. Esqueci meu estojo de maquiagens para retocar meus olhos. Por favor, não me coloque em apuros!

Apaixonante como é, ele diz:

- Se eu pudesse, me transformaria na sua segunda pele, lady.

CAPÍTULO 15

Mal finalizei a ligação com Thomas, meu celular tocou. Era a secretária do senhor Aquiles me pedindo para ir até a sala dele. Embora tenhamos muitos assuntos a tratar, especialmente no tocante ao andamento das futuras publicações, a esta hora da manhã, ele só pode ter novidades sobre o pichador, já que sempre falamos de serviço durante o almoço. Ele tem o dom de comprometer a minha refeição e a dele também! Mas, quem quis ser chefe fui

eu. Então, aceito calada.

Enquanto caminho até a sala, uma avalanche de possíveis explicações para o ataque que sofri ontem me assalta. Chego a derrubar a caneta que carrego para amparar o nervosismo quando imagino sem cessar o senhor Aquiles a me dizer que descobriu outro, ou outros, dos meus colegas de trabalho envolvidos nisso.

Logo quando entro, eu o vejo em sua cadeira feita especialmente para que ao menos sentado ele não pareça muito abaixo da estatura média, e com sua costumeira franqueza, diz:

- Você incomoda seriamente alguém, senhorita Bertone Casaro.

Intrigada, digo:

- Bom dia, senhor Aquiles. Isso tem a ver com o pichador, certo?

Com a cara fechada e um ar pesado, ele fala:

- Sente-se, por favor. Precisamos conversar.

Uma súbita sensação de desespero se apodera de mim. Eu conheço esse anãozinho bem demais para saber que há algo de muito errado nesse comportamento dele. Nem mesmo quando a Editora chega a resultados alarmantes no fim do mês com relação às vendas ele me trata assim. Além de fugir da boa educação em não me dar um bom dia, não se deu ao menor trabalho de responder o meu. Sem falar na ausência do sorriso com o qual ele sempre me recebe.

Enquanto sento, não suporto a sensação de incômodo, e digo:

- Perdoe-me se estou sendo inconveniente, senhor Aquiles, mas parece que um problema grave o atormenta.

Num tom gélido, Aquiles fala:

- E esta é a razão de eu chamá-la aqui.

Buscando oferecer minha eficiência, falo:

- Sabe que pode contar comigo no que for preciso.

Uma expressão confusa se apodera dele. Ao mesmo tempo em que ele tenta parecer furioso, percebo uma indecifrável tristeza. Só consigo pensar no por quê? Pigarreando, o que denuncia um estado também desconhecido nele: o nervosismo, ele diz:

- Quero que saiba que interrogamos o pichador.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Aquiles acrescenta:

- Ele informou que foi contatado através de um e-mail. Todo o trâmite para a execução dos seus serviços foi realizado por telefone, cujo número apresentava-se como não identificado, e a voz mecânica não deixava margens para reconhecimento.

Ajeitando-se melhor na cadeira, Aquiles retirou um envelope de sua mesa, entregou-me, e prosseguiu:

- Precisávamos nos certificar da veracidade das palavras desse sujeito. Mesmo após perder um dedo da mão, ele continuava espalhando aos quatro ventos a mesma história de ter sido contratado sem ter tido contato físico com o contratante; sendo inclusive o pagamento deixado numa mala próxima da estação Tucuruvi, junto com o cartão de autorização para adentrar o prédio da Editora.

Ao retirar a foto do motoqueiro com a mão toda ensanguentada de dentro do envelope, sinto tudo girar ao meu redor. Num gesto automático levo minha mão até a boca. Lançando-me um olhar frio, Aquiles diz:

- Conhece nossos métodos, senhorita Bertone. Portanto, peço que contenha seus comentários sobre isso. Apresento-lhe este material apenas para evidenciar nossos esforços em prol de descobrirmos a verdade sobre o que querem com você. E que diante de tal cenário, preciso tomar minhas providências.

Nesta hora a tristeza em sua feição pareceu ser maior que o seu furor. O que me deixa perdida, pois não faz o menor sentido ele se apresentar tão inconstante. Nunca o vi assim. Sempre se mostra equilibrado; e suas palavras seguintes serviram apenas para me mostrar que a violência registrada na foto não chegaria nem perto de me afetar quanto o que ele diria por final:

- Não tenho a menor dúvida sobre sua competência e valor para esta empresa, Malu. Contudo, receio que os dois episódios desagradáveis em sua vida aqui dentro, tanto o sequestro quanto o fato ocorrido ontem, requerem, por uma questão de segurança, sua demissão.

Em momentos assim, todas as perguntas possíveis que nos ajudariam a entender melhor, e até criar argumentos plausíveis, deveriam surgir em nossa mente com a mesma clareza da dor que consome com perversidade nosso peito. Mas não é desta forma que as coisas acontecem. Na verdade, tudo fica nublado, tão cinza quanto o pior dos cenários que antecederam uma tempestade; e o que consegui foi apenas exibir as lágrimas do meu choro desenfreado para ele. Não fiquei para ver qual seria a próxima feição em sua face. Levantei sentindo o ar deixar-me apressado, e caminhei o mais depressa possível para o elevador. Quando olhei os seguranças me aguardando próximo ao carro na garagem da Editora, um HYUNDAI HB20 prata que Thomas havia me emprestado, já que o meu foi para a oficina, eu senti uma ira crescer como erva daninha dentro de mim, e gritei:

- Eu os proíbo de me seguir! Estão me ouvindo?! Proíbo com todas as minhas forças!

Senti como se eu tivesse gritado com dois postes, porque assim que dei a partida e saí, o motor do carro deles rugiu forte atrás de mim. Então passei a chorar de decepção e raiva. Não porque eles me desobedeceram. Mas por ver

esta situação chegar neste ponto. Por me sentir impotente. Pelo absurdo de ter minha carreira posta abaixo por algo que eu nem sei do que se trata. Por saber que quando o senhor Aquiles toma uma decisão, nada no universo o faz voltar atrás. Pela violência praticada contra o pichador. Pela maldade por trás do que está me acontecendo. Por quê? Céus! O que eu fiz para merecer isso? E só há um lugar para o qual eu necessito ir agora; para onde ele está. Dirijo afastando a todo instante os fios salgados da minha face. Então me dei conta do quanto eu posso estar afetando o bebê com o meu nervosismo. Este pensamento me trouxe um leve e inesperado momento de calma. Parada no sinal, já próxima da empresa de Thomas, afago meu ventre, e digo:

- Muito obrigada por me forçar a ser mais forte, anjinho.

Quando finalmente chego, sigo firme para a sala dele, tentando secar o resto das lágrimas. Mas quando abri a porta e fui ao seu encontro, meu trabalho foi totalmente relegado, pois elas voltaram ainda mais velozes. Assim que me vê, Thomas de imediato se levanta, perguntando:

- O que aconteceu, Malu?

Suplicante, lanço-me em seu colo, e digo:

- Apenas me abraça, amor. Abraça forte!

CAPÍTULO 16

Conde Thomas Albernethy?

Quando ouço a secretária do senhor Aquiles pronunciar meu nome, sinto como se uma mão grosseira me tirasse dos meus pensamentos a força. O choro desesperado da Malu em meus braços no dia anterior me fez tomar esta atitude que concretizo neste exato momento: procurar pessoalmente o senhor Aquiles Foltrany. Desviando meu olhar do aquário em forma de cilindro entre dois sofás da recepção, e tirando minhas mãos do bolso, viro-me e respondo:

- Pois não.

Assemelhando-se muito mais a um robô vestindo roupa feminina elegante, ao se aproximar de mim, a moça diz:

- Entrei em contato com Isadora, a esposa do senhor Aquiles, e fui informada que excepcionalmente hoje ele não virá trabalhar.

Penso em lhe perguntar a razão, mas decido ser mais incisivo:

- A senhorita saberia me dizer se eu o encontraria na residência dele?

Minha pergunta parece ter feito o sistema dela entrar em pane, até que conseguiu falar:

- Receio que o senhor Aquiles não esteja disponível para receber visitas no dia de hoje.

Balanço a cabeça para transparecer que compreendi. Antes de me retirar, certo do que eu iria fazer a seguir, não consigo deixar de externar um pensamento:

- Talvez ele tenha se contaminado com o próprio veneno que lançou na Malu.

Quando chego ao estacionamento da Editora, arrependo-me de não estar com a minha moto. Ficaria muito satisfeito se eu pudesse chegar o quanto antes na mansão de Aquiles. Mas meu senso de cautela ficou acentuado com a vinda do bebê, então abandonei a Ecosse por enquanto. Ao invés disso, solicitei ao chofer que me levasse ao Morumbi. Malu e eu já nos reunimos com Aquiles lá em um jantar de comemoração do excelente resultado obtido por três meses consecutivos sob a chefia dela. Entre outras coisas, meu desejo é lembrá-lo desta noite, e acima de tudo entender a decisão inesperada da demissão; coisa que ela não teve condições psicológicas de nem ao menos tentar.

Depois de dez minutos acionando o interfone, enfim me receberam. Sou levado para uma grande sala oval com móveis escuros, onde fui surpreendido pela visão de réplicas gigantes de navios, feitas de metal acobreado, espalhadas pelo ambiente, cada qual com o seu modelo descrito na parte superior da lateral. Após um pouco mais de vinte minutos, vejo a porta se abrir e eis que o anão surge trajando um roupão azul royal, e segurando uma taça de vinho. Quando a porta se fecha atrás dele, acompanho com o olhar seus passos curtos até o minúsculo sofá a frente do qual estou sentado. Ao se sentar, Aquiles bebe um gole, e diz:

- Um dia eu cheguei a sentir este amor que o traz aqui hoje, Conde Thomas Albernethy.

Tendo meus dois braços apoiados em meus joelhos, e minhas mãos presas uma na outra, digo encarando-o:

- Antes de qualquer coisa, quero salientar que Malu não faz ideia dessa minha visita.

Com as pernas cruzadas e a observar o líquido escuro em sua taça, Aquiles diz sorrindo:

- É evidente que não sabe. Independente como ela é, jamais permitiria intervenções em sua vida.

Finalmente olhando para mim, ele acrescenta:

- Mulheres como Malu fabricam o tijolo e ainda constroem sua própria casa.

Aproveito, e falo:

- O que torna a demissão dela um fato bem mais curioso; no mínimo. O senhor não concorda?

Sustentando o olhar, ele diz:

- Infelizmente a competência dela parece estar roubando a paz de alguém que

se mostrou habilidoso em manipular pessoas, o que com imenso pesar, posso me incluir como uma delas.

Recostando-me no sofá, cruzo minhas pernas sem perder o contato visual, e digo:

- Presumo que um cavalheiro como o senhor não permitiria que eu ficasse perdido em suposições acerca deste assunto.

Rindo, Aquiles fala:

- É astuto, Conde! Muito astuto!

Bebendo um demorado gole do vinho, Aquiles exhibe a taça para mim, e diz:

- Vê isso aqui?! Esta é a prova de que nós, ditos “seres humanos”, somos incapazes de lidar com tal denominação. A humanidade em nós nos maltrata a ponto de necessitarmos de fugas externas para acalantar os desgostos da nossa condição humana.

Diante da necessidade dele de filosofar ao invés de encurtar o caminho até a resposta que procuro, eu fico em silêncio. Seus olhos estão vermelhos. Seu rosto inchado. Um Aquiles bem diferente da noite da comemoração. Arrisco pensar que ele esteve chorando. Tomo consciência da minha crescente curiosidade. Mesmo assim conservo-me firme na quietude, apenas a observá-lo. Quem sabe assim ele fale mais do que pretenderia se estivesse sóbrio. O que parece dar resultado, quando ele enfim recomeça a falar:

- Ah meu caro, Conde! Saiba: o amor é como um vinho dos mais antigos. Seu sabor é inigualável e sem a menor dúvida, maravilhoso. Mas como qualquer outro vinho, se consumido em demasia, entorpece nossos sentidos, roubando nossa capacidade de enxergar a realidade como ela de fato é: “Insossa e degradante!”

Impaciente, volto a minha posição inicial no sofá, e digo:

- Talvez eu deva acompanhá-lo no vinho para entender onde o senhor deseja chegar com tantas voltas.

Fazendo uma careta ao beber todo o resto de uma só vez, Aquiles descruza as pernas, deposita a taça no tapete, e imitando a minha posição, diz:

- Está bem! Devo a verdade a ela, embora nada vá fazer mudar minha decisão, contanto que a ameaça que sofri não seja concretizada.

Ansioso, digo:

- Sou todo ouvidos, Senhor Aquiles!

Abaixando por alguns segundos a cabeça, ele volta a erguê-la, e começa a falar:

- Há algum tempo que meu casamento vem desmoronando por causa da depressão de minha esposa. Lutamos com os melhores especialistas, mas ela se limita a uma vida apenas dentro de casa e não me permite aproximar dela como

homem; então, tenho andado meio solitário, sabe... E na minha solidão, uma bela ruiva, anã como eu, apareceu em minhas redes sociais. – franzindo a testa ele mirou o olhar no nada, e continuou falando:

- Nós então saímos. Eu a teria levado a um dos meus hotéis, mas aceitei a sugestão dela de irmos a um motel. Três dias depois recebi por e-mail um vídeo com nossa noite de amantes, e a ameaça de que, se eu não demitisse Malu, Isadora receberia o mesmo conteúdo.

Enquanto nossos olhos se encontram, sinto um furor explodir em cada centímetro da minha pele. Alguém deliberadamente está tentando prejudicar Malu. Tanto a ponto de executar um plano estratégico como esse. Quem? Por quê? Tenho muitas perguntas, mas quando ele outra vez volta a falar, prefiro apenas ouvi-lo:

- Já não sei o que Isabela representa para mim. Nosso último ano juntos tem sido desgastante e frio. Mas temo descobrir que ainda a amo se ela assistir esse vídeo e mostrar que se importa com nossa relação. Temo o quanto isso a afetaria, considerando seu estado. Eu...

Interrompendo-o, questiono:

- Existe algum rastro, um erro, não sei... Que nos possibilite identificar essa mulher?

Com a negativa enfática e silenciosa de Aquiles ao balançar a cabeça, começo a me preocupar muito mais com Malu. Alguém assim pode atentar contra sua vida a qualquer momento. Levanto-me sobressaltado, tirando meu celular do bolso e tenho necessidade de escutar sua voz para saber que está bem mesmo. Quando atende, pergunto:

- Tudo bem aí Malu?

Ouçõ um choro de criança. É Nicole. E a voz divertida de Malu ameniza meu tormento:

- Oi, amor. Sim! Decidi que vou entregar currículos amanhã de manhã. Hoje vou curtir as meninas. Dizem que para tudo na vida há um ponto positivo... Pelo menos estou podendo treinar troca de fralda!

Consigo rir, embora nervoso, e digo:

- Que ótimo! Sendo assim, estou indo aí para treinarmos juntos.

Rindo, Aquiles fala:

- Ah, o amor! Cuidado Conde! Muito cuidado para não acabar embriagado como eu!

CAPÍTULO 17

A semana inteira se passou e não consegui contar a Malu sobre a conversa

que tive com Aquiles. Mal sabe que existe uma tropa seguindo-a para cada canto que vai. Os dois homens que ela visualiza no retrovisor do carro dela são os únicos que consegue ver. Os demais estão devidamente disfarçados. Não posso proibi-la de fazer o que tiver vontade. E não quero alarmá-la com o que descobri. Meu detetive ainda não encontrou nenhuma informação relevante. Pelo meu celular eu a acompanho através do software de rastreamento que instalei no dela. Embora eu tenha motivos para acreditar que Malu não é o único alvo, pois algumas coisas têm acontecido a mim, o que me fez reforçar a minha segurança também.

Se eu não tivesse tantos assuntos para dar conta na empresa, faria questão de me tornar mesmo a segunda pele dela, sem sombra de dúvidas. Tenho prazer em estudá-la e pensar que posso ser seu eterno guardião. Neste momento ela acha que estou apenas lendo meu jornal matinal de sábado. Estou sentado no banco da cozinha, tomando meu café, apoiado no balcão, fingindo estar despreocupado enquanto ela anda de um lado para o outro com Anastácia, ajustando a preparação do jantar de hoje à noite para a sua amiga descompensada, a Stella.

A razão de eu estar aqui, fascinado, vendo-a tão concentrada e comprometida, é porque momentos antes eu a ouvi chorando dentro do Box ao tomar banho. Isso tem sido uma constante desde que foi demitida. A perda do emprego desequilibrou sua sensibilidade, e a única coisa que a acalma parece ser o nosso bebê, porque ela sempre para de chorar quando pede desculpas a ele por estar nervosa. E como em todos os dias, ela enxuga as lágrimas, se arruma, e parte para a luta como se nada a estivesse perturbando. Isso me deixa louco! Extasiado! Curioso para entender que mulher é essa. O brilho não diminui. Aumenta mas não me ofusca. Necessito conhecê-la pedacinho por pedacinho.

Deslizando sua mão por dentro da minha camisa, massageando minhas costas, com a outra ela me apresenta uma colher contendo um líquido escuro e cheiroso, dizendo:

- Vou molhar o pernil com esta calda feita de pimentão, cheiro verde, sal, alho, orégano e açafrão batidos, antes de recheá-lo. O que você acha?

Encarando-a, digo:

- Só experimento se estiver na sua boca.

Sorrindo com o canto dos lábios, ela vira de maneira atraente o líquido para dentro da boca, e em seguida me beija. Uma explosão de sabor forte e picante se une com o calor dos seus lábios, e meu único desejo é jogá-la em cima do balcão, derramar toda a calda na sua pele nua e então prová-la por inteiro. Alucinado, sussurro:

- Pede para Anastácia ir ao mercado, ao cinema, a Lua, onde for... E fecha essa cozinha só para nós dois.

Um lampejo surge em seus olhos, e ela diz:

- Anastácia, você...

Interrompendo-a, Anastácia fala enquanto sai da cozinha, nos mirando pelo canto do olho:

- Ah Malu! Vou ter que pedir para o chofer me levar ao supermercado. Esqueci que meu estoque de cebolinhas acabou menina. – antes de sair e fechar a porta, ela acrescenta, sem deixar de nos fazer ouvir seus risos em seguida: - Acho que vou demorar umas duas horas...

Nós nos olhamos como dois adolescentes prestes a fazer amor pela primeira vez e às escondidas. Enquanto ela depositava a minha xícara na pia, eu joguei o jornal para longe. Pegando-a pela cintura, eu a coloco em meu colo e a deito no balcão. Subo e começo a despi-la. Beijando seu pescoço, digo:

- Tem sorte de a calda estar quente. Do contrário, jogaria em você todinha.

Respirando arquejante, com todas as suas peças de roupa no chão, ela aponta para uma pequena panela ao lado da geladeira, dizendo:

- Ali... Ali dentro. Tem um tempo que deixei um pouco da calda ali dentro para teste. Pega... Ali...

Sorrio satisfeito e desço. Com a panela na mão, sinto o aroma diante dela para incitá-la. Ela sorri de volta. Pego uma concha e me certifico de que realmente está frio. Então ela tapa a boca para não gritar de prazer, quando de pé, de frente para ela, derramo o líquido em sua parte íntima e a devoro como se sugasse cada resto deixado em um prato. Trêmulo, peço:

- Grita! Grita Malu. Ninguém é insano de entrar aqui agora! Então grita, amor.

Pego novamente a calda e repito o gesto, desta vez com mais vontade, a ponto de fazê-la chegar ao êxtase, e assim satisfaço meu fetiche ao ouvir o grito arrebatado de prazer dela.

CAPÍTULO 18

Os preparativos do jantar que darei a Stella e ao marido sem coração dela estão quase prontos. Enquanto confiro os talheres em cima da mesa, começo a refletir sobre o que me trouxe até aqui. Namorar Thomas fez meu mundo girar trezentos e sessenta graus. Perder o emprego dos meus sonhos aumentou a rotatividade para um número que nem consigo cogitar. O que sinto agora me fez lembrar a pirâmide de Maslow, também conhecida como Teoria das Necessidades Humanas, desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Abraham Maslow para separar em hierarquia as diferentes necessidades que temos.

Segundo Maslow, as pessoas só perseguirão suas realizações pessoais depois de resolverem as suas muitas necessidades relacionadas à fisiologia, segurança, amor e relacionamentos, e estima. Isso explica porque perder meu emprego me deixou tão desnorreada. Desde fisiologia a estima, estou muito satisfeita, portanto, necessito correr atrás das minhas realizações pessoais. Trabalhar na Editora me permitia buscar essa meta sem problemas; mas agora... O que vou fazer? Passei os últimos dois dias andando pela cidade de São Paulo entregando currículos, e as pessoas mal olhavam para mim. Voltei a me sentir como uma estagiária em busca de uma oportunidade de trabalho.

Dou um suspiro profundo, estando com minhas duas mãos apoiadas na cintura, e concluo minha checagem na mesa da sala de jantar. Tudo nos conformes: o pernil que Stella ama está tão saboroso que quase não aguentei esperar até agora, bem como a salada de macarrão com pêsego e salmão que a deixa louca. Com a ajuda de Anastácia, arrasei nos temperos; já que as mulheres não podem beber, os homens também não o farão. Por isso enchi a geladeira com suco integral de uva, que ela adora. E de sobremesa também preparei a preferida dela: Torta de Ferrero Rocher. Mas o melhor da noite está longe de ser a comida...

De repente sinto as mãos de Thomas me envolver pela cintura, enquanto me abraça por trás. Apreciando o perfume em meu pescoço, ele diz:

- Está linda... E esse cheiro!

Virando-me, eu o olho de cima a baixo, e falo:

- Você também está deslumbrante como sempre!

Eu escolhi um vestido florido coladinho ao corpo, e ele se livrou da roupa social, vestindo apenas bermuda e camiseta pólo. Embora eu o prefira de terno, não tenho como desconsiderar o fato que o aprecio usando qualquer tipo de roupa, ou nenhuma delas...

Acariciando meu rosto, e olhando-me com firmeza, ele diz:

- Vai dar tudo certo, Malu. Cedo ou tarde alguém vai te contratar, e quando descobrirem seu potencial, vai poder voltar a brilhar outra vez, seja lá qual for o ramo de atuação da empresa! – puxando-me mais para perto, ele acrescenta: - Porém, se você mudar de ideia, pode começar a brilhar segunda-feira mesmo lá na minha...

Enquanto me enche de beijos por toda parte bem lentamente, ele diz:

- Já imaginou nós dois trabalhando juntos? Hein? Várias horas felizes ao longo do dia... Prometo que deixaria você mandar em mim. – dou risada ao ouvi-lo. Tivemos altas discussões sobre este assunto. Discussões saudáveis, mas ainda assim discussões. E sempre que pode ele volta a tentar me convencer da mesma ideia. Ele ri também, e prossegue:

- A gente pode inverter os papéis se você quiser. Minha mesa passa a ser a sua, e serei seu secretário. O que você acha?

Continuo a rir, e digo:

- Não sabe desistir, não é?!

Apertando-me com força contra o corpo dele, Thomas responde:

- Você acentua toda a determinação que há em mim, minha agradável dama...

Quando seus lábios estavam quase tocando os meus, a campainha tocou. Nós nos olhamos sorrindo. Agarro o rosto dele com minhas duas mãos, e falo:

- Obrigada por ser a melhor parte da minha vida!

Roubo-lhe um selinho e saio correndo na direção do salão de entrada. Desde que fui demitida, esta é a primeira vez que Stella e eu nos vemos. Até então, só nos falamos por telefone. Ao revê-la, as lágrimas surgiram com facilidade. Abraçando-me forte, ela diz:

- Eu não consigo me conformar, Malu!

Stella segura meus dois braços, e indaga:

- Como é que você ainda não voltou lá para conversar melhor com aquele enfeite mal acabado de jardim?

Um sorriso me escapa, e respondo:

- Stella, você melhor do que ninguém sabe que aquele enfeite mal acabado de jardim não toma uma decisão sem antes pesar todos os prós e contras. Não voltei e não vou voltar! Eu ainda não faço ideia do que será do meu futuro profissional, mas mesmo que Aquiles reconsiderasse, não sei se conseguiria aceitar o fato de ser tão facilmente descartável para ele. Se minha segurança realmente importasse, ele teria dado um jeito!

Surpreendendo-me, Marcos se faz notar, e diz:

- Boa noite, Malu. Sinto muito pelo seu emprego.

Quando olho para ele, penso “Não seja tão legal comigo. Não depois do que planejei para você esta noite...” Contudo, faço um esforço do tamanho do meu

amor por Stella, e o cumprimento:

- Boa noite, Marcos. Está tudo bem. Rasteiras nos ajudam a exercitar nossa capacidade de se erguer do chão e ficar de pé bem mais fortes do que antes da queda. – apertando a mão dele, “com muito custo”, acrescento:

- No fim as contas têm um saldo positivo. Como gerente de banco, sabe bem como é, não é?!

Coçando a careca, Marcos responde:

- É... Ultimamente elas têm fechado no vermelho no banco, mas eu te entendo.

Dei graças aos céus por poder interromper aquela conversa sem sal quando Thomas apareceu falando ao celular, e nos dizendo:

- Richard chegou Malu. Vou lá recebê-lo.

Enquanto Thomas cumprimenta Stella e depois Marcos, Stella me olha curiosa, e indaga:

- Richard?

Forçando-me parecer inocente, falo:

- Ah, sim! Quase me esqueci de falar... Richard é amigo do Thomas. – chegando bem pertinho deles, falo quase num sussurro:

- Ele anda meio carentão sabe... A namorada o traiu com o melhor amigo. Aí Thomas e eu tivemos a ideia de convidá-lo também. Espero que vocês não se importem, mas é que ele está de cortar o coração, tadinho!

Em seguida eu tratei de levá-los para a sala de jantar. Anastácia logo apareceu para nos servir a bebida. Conhecendo-me bem, Stella não para de me olhar pelo canto do olho. Ela sabe que estou aprontando, e se mostra apreensiva. Para quebrar o silêncio depois que nos sentamos, digo:

- Então, Marcos. Disse que as contas do banco estão no vermelho. Acredito que por isso tenha que ficar até mais tarde do que de costume para correr atrás do prejuízo, não?

Para o meu desgosto, eu o vejo se engasgar com o suco, e sua voz irritante dizer:

- Sempre saí tarde do banco mesmo. Mas nos últimos meses, de fato, tem sido necessário um pouco mais de dedicação.

Imagens grotescas pulam na minha mente: essa coisa redonda peluda rolando na cama de um motel de beira de estrada com... Nossa! Ah se Stella não estivesse grávida dele! Aí me lembrei do que ela me disse uma vez: “Que o amor não é um diamante lapidado. Na grande maioria das vezes, nós o encontraremos em sua forma bruta”. Mas puxa vida! Ela pode até estar certa. Só que se esse cidadão estiver mesmo traindo ela, vou ter que me controlar para não pegar uma ferramenta bem grande para lapidar o... Enfim! Para recuperar a sensatez afago

minha barriga. É incrível como essa pequena vida que carrego se tornou capaz de devolver equilíbrio para mim quando estou prestes a cair num precipício.

Percebo que Stella está mais tensa. E quando é assim, a mudez toma conta dela. Estou pronta para continuar a forçada conversa com Marcos, mas Thomas aparece, junto do seu amiguinho; para o meu deleite, vejo os olhos de Stella brilharem de encanto, e Marcos parar a taça a meio fio da sua boca, desistindo de beber o suco quando Richard apareceu.

Richard é um mulato de olhos verdes. Dois metros de altura. Forte como um toro. Costas largas e ombro bem definido, assim como todo o resto. Sorriso farto. Rosto com traços harmônicos. Presença, definitivamente, marcante. Isso porque ele ainda nem abriu a boca! E ao fazê-lo, tenho a sensação que Stella vai desmaiar de excitação. Satisfeita, vejo Marcos sem saber como se comportar ao certo. Mal sabe ele que a diversão nem começou, até que Richard diz com sua voz em negrito:

- Boa noite para todos! – olhando maravilhado para Stella, fala: - Agora estou entendendo, Thomas.

Arqueando as sobrancelhas, o que o deixa ainda mais sexy, Thomas, já sentado, indaga:

- Está entendendo o quê?!

Richard diz:

- Que é importante respirar novos ares para ter surpresas agradáveis. – aproximando-se de Stella, pergunta:

- Por acaso você não é a notável editora que vive dando entrevistas no Youtube para falar dos novos lançamentos da Editora Foltrany?

Arrebatada, Stella responde:

- Sim! Você acompanha o nosso canal?

Tomando a mão direita dela entre as suas, Richard a beija, e diz olhando-a com intensidade:

- Mesmo que o livro não me interesse, não consigo deixar de assistir você. Honrado em conhecê-la pessoalmente! Muito mais linda ao vivo!

Precisei evocar toda a minha capacidade de atuação para não cair na gargalhada ao ver Marcos ficar mais vermelho que o batom da esposa. Thomas me olha com tanto desejo que se não fosse a promessa de um jantar espetacular, eu o levaria às pressas para cima. Porém, precisei fazer mais do que me conter. Levantando-me, cumprimento Richard, e digo:

- Estamos todos felizes em tê-lo conosco essa noite, Richard. – como se estivéssemos no meio de uma saia justa, falo:

- A propósito... Este é Marcos. “O marido de Stella”!

Exibindo surpresa, Richard vira-se para Marcos, e ao cumprimentá-lo, fala:

- Prazer, cara! Desculpe se fui inconveniente. Mas com todo o respeito, sua esposa é demais!

Vejo os dedos gordinhos de Marcos sendo esmagados pela mão gigante de Richard, e seu rosto quase pegar fogo. E o que veio a seguir, fez com que eu sentisse só por alguns segundos, um leve remorso de todo o sentimento negativo meu direcionado a Marcos, quando ele falou:

- Sim! “Minha” esposa é demais!

No entanto, parte da afirmação dele mexeu comigo de forma imprevisível. Antes do bebê, eu teria o álibi de boas doses de vinho no sangue para justificar a pergunta que estava prestes a tropeçar da minha língua. Agora talvez sejam os hormônios. O fato é que a pergunta que fiz quase num murmúrio alcançou o ambiente ao meu redor sem que eu notasse:

- Com esse pronome “Minha” reforçado, ele pretende ser machista, romântico, ou só hipócrita mesmo?

Olhando-me curioso, Marcos indaga:

- O quê?

Neste momento Thomas levanta e começa a se engasgar. Richard vai acudi-lo dando-lhe tapas nas costas. Em seguida eu levantei também, questionando aflita:

- Tudo bem, amor?

Em pé, e apoiando sua mão na cadeira, com o corpo recurvado, Thomas parece fazer esforço ao falar:

- Andei abusando muito de chocolate e café. Por isso tenho tido refluxos, e às vezes eu engasgo com eles. – pousando sua mão esquerda em minha cintura, ele indaga:

- Você pode mostrar onde guardou o Plasil, Malu?

De repente me senti como uma criança prestes a ser repreendida pelo pai, mas respondi:

- Sim. Está lá no nosso quarto.

Agora com a mão no meio das minhas costas, ele fala:

- Ótimo!

Conduzindo-me para fora da sala de jantar, chegando à escada no meio do salão de entrada, pergunto segurando o riso:

- Temos Plasil aqui?

Thomas me pressiona de um jeito atraente contra a pilastra do início da escada, e fala bem próximo dos meus lábios:

- Estou achando que você está querendo umas palmadinhas no bumbum...

Franzindo minha boca, questiono:

- Falei muito alto?

Sorrindo, Thomas responde:

- O suficiente para estarmos aqui. – acariciando o contorno de minha cintura com a mão direita, enquanto a esquerda está apoiada na pilastra, acima da minha cabeça, acrescenta: - O que não é de todo ruim! Mas se quer fazer seu plano funcionar, recomendo que pare de olhar para o Marcos como um touro bravo e faça suas perguntas interessantes apenas na sua cabecinha linda. Acha que está preparada?

Reclino minha cabeça para trás, suspiro, e volto a encará-lo, indagando:

- Será que algum dia você ou eu vamos nos trair?

Olhando-me sério, Thomas responde:

- Pode acontecer.

Ele fica em silêncio esperando minha reação, porém me mantenho firme apenas o observando, forçando-o a ser o próximo a falar:

- Ok, Malu! Não dá para saber aonde o desdobramento da vida vai nos levar. Nós nos amamos, estamos apaixonados e comprometidos com a nossa relação. Mas não somos anjos vivendo na terra. Ninguém é. Diante de uma oportunidade tentadora, estando numa situação psicológica desfavorável, poucos passariam no teste da fidelidade. Porém, usando o caso de Stella como exemplo, esse pode ser apenas um obstáculo para fortalecer o amor deles e melhorá-los como pessoas. – acariciando meu rosto, Thomas diz:

- Você ama Stella como a uma irmã. Está dolorida por ela. No entanto, primeiro: apenas existe uma suposição de que ele a esteja traindo. Segundo: ainda que esteja, não é o fim do mundo, por mais que isso soe terrível. Caso haja amor entre os dois, tudo vai ser superado, independente do que aconteça. E se conseguir assimilar isso, nós poderemos voltar para aquela mesa e executar o plano com maestria até o final. Do contrário, desconfio que o Marcos tenha de sair daqui direto para um hospital, porque você vai mesmo virar um touro perseguindo a careca vermelha dele.

Depois de um breve instante de silêncio nos olhando, começamos a rir, e eu pergunto:

- O que seria de mim sem você?!

Guiando-me outra vez para a sala de jantar, Thomas responde:

- Sei que estaria tão bem quanto agora. – sorrindo, diz: - Sou adicional, não essencial. E é assim que tem de ser.

As palavras dele ricocheteiam dentro de mim, e os pensamentos se multiplicam com a velocidade da luz. Porém, ao chegarmos outra vez na sala de jantar, consigo focar tão somente no “Plano”. Quando me vê, a cozinheira, que terminava de servir Richard, arregala os olhos, e diz:

- Tomei a liberdade de servi-los, menina. Não achei de bom tom...

Interrompendo-a, digo:

- Ainda bem que podemos contar com você, Anastácia!

Fazia muito tempo que eu não via Stella iluminada como agora. Sua comida predileta. A declaração forçada de seu marido. O bonitão a paquerando. Mesmo ela sabendo que não passa de uma armação, isso a deixou bem e toda sorrisos; conseguimos comer sem nenhuma outra ocorrência grave, embora Marcos se limitasse muito mais a ouvir do que falar. Thomas e Richard se encarregaram de jogar os assuntos em pauta, que para o meu desespero, giraram em torno do futebol. Durante toda a noite, Richard cumpriu seu papel como um ator digno de Oscar: por diversas vezes lançava olhares admirados para Stella, e quando Marcos o flagrava, fingia estar constrangido, abaixando a cabeça e continuando a comer.

Ao final da sobremesa, os três resolveram que jogariam baralho, então aproveitei para fazer um convite a Stella:

- Quer conhecer as nossas meninas agora?

Levantando-se contente, Stella afaga sua barriga, e fala: - Arthur e eu queremos muito conhecê-las!

Com o braço dela enganchado no meu, saímos rumo ao quarto delas. Tão logo estávamos fora da sala de jantar, Stella se solta de mim, e me abraça, dizendo:

- Eu te amo Malu!

Retribuindo, ainda nos braços dela, falo:

- Que coincidência hein! Eu também te amo, Stella!

CAPÍTULO 19

Sobre ser mãe, aquela velha frase que a minha vivia me dizendo está sapateando na mente neste exato momento: um dia, quando você for mãe, vai me entender; pois é, ante a birra de Isabela por se recusar a ir ao seu primeiro dia de aula na RLM, entendo muito bem “agora” o que ela queria dizer. É manhã de segunda-feira, e Thomas está do lado de fora do quarto de Nicole e Isabela ao telefone sendo sugado por mais um investidor novato cheio da grana e sem nenhum conhecimento sobre o mundo dos investimentos, enquanto eu, utilizando-me de toda a paciência acumulada nas minhas sessões noturnas de meditação, falo de um jeito diferente, pela terceira vez:

- Isa, você está tendo uma oportunidade única de colocar em dia sua vida escolar. Precisa pensar no seu futuro!

Enrolada na toalha, com o cabelo todo molhado, e sentada no chão com as costas apoiadas na cama, pressionando as pernas dobradas contra o peito, Isabela diz:

- Sobrevivi catorze anos sem saber ler e escrever. Não preciso ir à escola alguma!

Arqueando as sobrancelhas, sento-me na poltrona da penteadeira rosa dela, cruzo os braços encarando-a, e digo:

- E o que você acha de não mais apenas sobreviver, e se permitir viver?

Sem olhar para mim, ela responde:

- Como se fosse assim tão fácil!

De imediato, falo:

- E não é mesmo! Mas garanto que é muito mais prazeroso do que somente sobreviver.

Ela nem se deu ao trabalho de esboçar uma única reação. Respiro fundo. Pego o pente atrás de mim e enquanto caminho na direção dela, digo:

- Isa, são quase sete e vinte da manhã. Você entra oito horas. Não podemos nos atrasar no seu primeiro dia! Então, por favor, vista seu uniforme e aí vou te ajudar com o seu cabelo.

Insistente, ela diz:

- Eu não vou!

Se eu soubesse que seria desta forma, teria acordado ela mais cedo, e assim haveria mais tempo para conversas. Paro na sua frente, e falo:

- Isabela, precisa se arrumar. E preciso que você faça isso agora. Por favor.

Olhando-me com vivacidade, ela fala num tom consideravelmente alto:

- Você não é a minha mãe para me dizer o que preciso fazer!

Thomas entra no quarto pedindo licença ao investidor, e dizendo num tom de repreensão:

- Isabela!

Talvez se ela tivesse se levantado e desferido um tapa em minha cara fosse melhor. Senti um nó formar-se em minha garganta. Contudo, é fácil colocar-me no lugar dela. Ainda não passamos de estranhos na sua vida dando-lhe ordens o tempo todo. Por isso olho para Thomas, e digo:

- Está tudo bem, amor. Eu cuido disto. Pode voltar a sua ligação.

Falando ao telefone, Thomas diz enquanto me observa:

- Senhor Gaspar, peço seu consentimento para retornar a ligação mais tarde. Problemas de família. Tudo bem?

Em seguida, Thomas fala:

- Não, Malu. Não está tudo bem.

Virando-se para Isabela, diz:

- Isabela, em primeiro lugar, eu peço que se desculpe com Malu por falar neste tom com ela.

Tento intervir, mas ele persiste:

- Estou esperando Isabela... Se você não a considera sua mãe, não podemos culpá-la. Mas nunca mais eleve a sua voz a ela, e nem a ninguém! Por favor, mostre que me entendeu e peça desculpas.

Com os olhos marejados, Isabela diz demonstrando a relutância em seu timbre:

- Desculpa.

Depois de olhar para ele, agacho-me diante dela, e digo:

- Isa, está desculpada. E... Você está certa. Não sou sua mãe! Eu não te carreguei nove meses dentro de mim. Eu não te vi nascer. Não acompanhei seus primeiros passos, sua primeira palavra. – pausando, por não conter um suspiro, prossigo em seguida: - Eu não te coloquei no mundo, mas... Nós, ainda que não na condição de seus pais biológicos, faríamos tudo neste mundo como seus pais postichos para te ver bem.

Levantando-me, pego o uniforme dela. Exibo-o em minha mão, e falo:

- E esta é uma das ferramentas que Thomas e eu temos para te ver bem no futuro.

Apertando mais suas pernas contra o peito, Isabela diz num tom quase inaudível:

- Preciso que saiam do quarto para que eu me troque.

Desta vez eu suspiro de alívio, e mais que depressa atendemos ao seu pedido. No lado de fora do quarto, eu abraço Thomas, dizendo:

- Será que vamos conseguir?

Beijando o topo de minha cabeça, ele responde:

- Juntos, sim. Nós vamos conseguir. Juntos!

Sou obrigada a me desprender do abraço dele quando meu celular que está no bolso de trás da minha calça jeans toca. Olho no visor e vejo que é Stella. Beijando-me, Thomas me diz antes de descer:

- O celular de Isabela está no nosso quarto em cima da cômoda. Não se esqueça de entregar a ela! Preciso ir para a empresa agora.

Piscando com o olho esquerdo para ele, falo:

- Fica tranquilo!

Ao atender a ligação, Stella me diz empolgada:

- Ele fuçou no meu celular enquanto eu estava no banho e brigou comigo por ver minha conversa com Richard!

Rindo, digo:

- Ual! Funcionou!

Animada, Stella fala:

- Ah, Malu! Funcionou sim. Esse gordinho insensível nunca demonstrou ciúmes de mim!

Encostando-me na parede, falo:

- Nunca demonstrou ciúmes porque você nunca deu motivos. Mas, a partir de agora, daremos muitas razões para que seja diferente...

Stella diz:

- Oh sim! E para me defender, contei que eu também sabia das conversas com a talzinha que trabalha com ele. Precisava ver Malu! Ele ficou sem reação! Reclamei que ando me sentindo sozinha, e que mal conversamos nos últimos meses. Arrematei dizendo que tanto eu quanto Richard estamos carentes, então, faria muito bem nos ajudarmos!

Quase engasguei de tanto rir, e falei:

- Arrasou! E como ele reagiu?

Rindo também, Stella respondeu:

- Disse que vai tentar mudar. Como sempre culpou o excesso de serviço e obrigações. Mas de qualquer forma, não vou tirar o detetive particular de cima dele. Se ele estiver me traindo, mais cedo ou mais tarde irei descobrir!

Pensativa, eu disse:

- Muito bom! Mais ainda por saber que ele se importou com a chegada de um novo “amigo” na sua vida. – lembrando-me do que Thomas me disse sobre um obstáculo para fortalecer o amor deles, acrescentei:

- Mas, Stellinha... Caso o detetive descubra alguma coisa, não vá tomar nenhuma atitude precipitada. Promete falar comigo antes?

Suspirando, Stella respondeu:

- Claro, Malu. Não se preocupe. E antes de qualquer coisa levarei em conta a chegada de Arthur.

Iria continuar a conversa, mas vi que uma nova ligação surgiu na tela do meu celular, então falei:

- Stella, tem uma chamada privada aqui. Já, já eu te retorno ok?

Feliz, Stella respondeu:

- Estarei te esperando! A propósito... – gritando de êxtase, Stella diz: - Fizemos amor ontem! – gargalhando, acrescentou: - E de luz acesa!

Sorri, e antes que eu atendesse a outra ligação, ouvi um choro dentro do quarto, o que me fez desistir de atender, pois quando entrei vi que era Isabela. Vestida com o uniforme e sentada no mesmo lugar e na mesma posição de antes, ela chorava copiosamente.

Por um instante eu fechei os olhos, mas eu sei que não deve estar sendo nada fácil para ela. Outra vez me lembro disso e assim consigo me esforçar para ao menos tentar ajudá-la. Guardo o celular no bolso, sento-me ao seu lado, e indago:

- Você tem sonhos, Isabela?

Devido aos primeiros segundos de silêncio, achei que ela fosse me ignorar. Contudo, surpreendeu-me ao balançar a cabeça em sinal de positivo enquanto limpava as lágrimas das faces. Por mais teimosa que ela seja, amo quando de um jeito inocente ela se rende a nossa intervenção. Claro que tenho consciência que ela se rende bem mais a Thomas do que a mim. No entanto, não deixa de mostrar com isso a criança carente de pulso firme que ela é.

Encarando-a, digo:

- Já que tem sonhos, deveria usar a sua teimosia como alavanca para realizá-los. Não para impedir que construa portas para o seu futuro. – atrevo-me a enxugar o resto de lágrimas em seu rosto, e acrescento:

- Um dos segredos para a realização de qualquer sonho é aprendermos a manipular nossas fraquezas, transformando-as em molas para nos ajudar a atingir nossos objetivos. Promete para mim que vai pensar no que estou te dizendo, e se tiver dúvidas, vai me procurar e perguntar?

Uma nuvem de tristeza pairou sobre seus olhos. Foi quando ela me disse algo que me deixou sem compreender:

- Você não entende... Eu não mereço o seu carinho, nem o de Thomas.

CAPÍTULO 20

As palavras de Isabela não saem da minha cabeça. Mas vou ter que enfrentar o medo que senti quando eu as ouvi. Preciso contar para Thomas, e teremos de conversar com ela o mais rápido possível. A pressa que eu estava de manhã me ajudou a passar por cima da frase dela e cumprir minha missão daquele instante: enviá-la ao seu primeiro dia de aula, junto com seu celular devidamente equipado do software espião e de rastreo, intencionando que ali ela acrescente contatos, e através deles possamos descobrir um pouco mais sobre Isa.

Passei o dia inteiro na biblioteca da mansão enviando currículos online através do computador de Thomas. Fiz cadastro em dez empresas especializadas em seleção. Liguei para várias agências de emprego. Concluindo meu último e-mail para uma editora, afago minha barriga, e falo:

- É isso aí bebê. Mamãe está lutando!

Levo um susto quando Anastácia entra apavorada, dizendo:

- Menina, o Conde Thomas está ao telefone querendo muito falar com você!

Desliguei meu celular, pois a ligação com o número privado persistia. Resolvi ignorá-la porque queria me concentrar na tarefa de caçar um emprego, e me passou pela cabeça que podia se tratar de uma empresa de telemarketing insistente, como tantas por aí. Nem cogitei a possibilidade de deixar Thomas precisando falar comigo ao longo desse período, ou mesmo Isabela, que no caso dela, eu a instruí ligar para o chofer, para a empresa ou para o celular de Thomas caso precisasse. Pegando o celular de Anastácia de suas mãos, atendo, e digo:

- Desculpe meu amor! Eu estava focada...

No entanto, ofegante, Thomas me interrompe, e fala:

- Malu, a Albernethy Investments está em chamadas! Preciso que vá até a mansão do Killian. Não consigo entrar em contato nem com ele, nem com Elisa. Peça a ele que venha para cá com urgência. Estou acionando o seguro e acompanhando o trabalho dos bombeiros.

De imediato respondo:

- Sim, Thomas. Estou indo para lá agora! Se cuida direitinho, ok?

Com uma voz de desalento, ele responde:

- Você também meu anjo.

Quando saio da biblioteca, subo direto para o meu quarto pegar minha bolsa e meu celular. Em seguida vou para a garagem. Olho para o meu Audi reformado e para a Ecosse de Thomas. Diante da situação, escolho pegar a moto dele; já são quase seis horas da tarde. O trânsito deve estar um caos! Ao me aproximar do bairro onde Killian mora, paro num semáforo, e no televisor de uma loja vejo uma reportagem exibindo as tonalidades alaranjadas e violentas consumindo o prédio da Albernethy Investments. Como isso foi acontecer?!

Ao chegar à mansão sou recebida pelo mordomo. Fico desapontada ao descobrir que o casal vinte fora ao cinema. Desde que voltaram da Europa, não fazem mais nada além de passeios e mais passeios. Thomas concedeu um período de descanso a Killian, já que o irmão há anos não se permitia fazer outra coisa que não trabalhar. Um sistema rotativo. Pois o próximo a tirar umas férias prolongadas seria o meu Conde.

Então concluo que é hora de ligar o meu celular. Sentada na mesinha de uma das varandas do salão principal, o mesmo lugar onde tive a minha primeira conversa com Thomas, tento ligar no celular de Killian e Elisa. Insisto por alguns minutos, até que a ligação com número privado volta a me incomodar. Disposta a dar um basta, eu atendo:

- Alô! Quem fala?

Estranhando o tom de cinismo na voz feminina desconhecida, eu ouço:

- Ah, Malu! Malu! Se tivesse me atendido antes, talvez Thomas não estivesse com tantas dores de cabeça agora!

Aperto com força o aparelho contra o meu ouvido, e indago:

- Que brincadeira de mau gosto é esta?

A voz responde:

- Oh não! É muito importante que saiba que aqui não tem ninguém disposto a brincar, Malu.

Sinto um súbito calor sufocar minha garganta. Meus batimentos se aceleram, e o fenômeno da boca seca me assalta. Sem pensar, digo:

- Céus! O que está havendo aqui?

Imponente, a voz continua:

- É o seguinte Malu. Vou simplificar para você: se tivesse me atendido antes, eu já teria lhe passado as instruções, e na possibilidade da sua obediência, a Albernethy Investments estaria intacta agora. Como isso não aconteceu, asseguro-lhe que sua desobediência a partir deste momento custará nada mais, nada menos, do que a vida do seu estimado bonitão, Conde Thomas Albernethy.

Lágrimas involuntárias desbravam meu rosto. Quem está querendo tanto me prejudicar desta forma? Por quê? Sem falar que tudo o que ouvi parece estar sendo lido de algum script, porque não soa natural. Meu choro fica evidente ao telefone, e a voz prossegue, ainda parecendo ler o que está falando:

- Sua tarefa para esta noite Malu, é convencer Thomas que você não o quer mais. Precisa fazê-lo acreditar que está desistindo da relação de vocês dois. Nesse momento ele acaba de receber uma carta com o pedido de desculpas do laboratório por ter lhe entregado o exame de gravidez errado, onde junto com ela é apresentado o resultado negativo; preste atenção, Malu! É de extrema importância que o convença da sua decisão de se separar dele, pois isto determinará se ele continuará vivo ou não. Lembre-se: você não sabe quem eu sou, ou quem eu represento. Posso ser qualquer um. Podemos ser qualquer um. Conhecido ou desconhecido. Isso não dá margens para façanhas. Espero que você tenha...

De repente surpreendo-me comigo mesma ao me levantar, olhar para o horizonte, interromper a voz, e dizer:

- Tem razão. Como ao menos imaginar quem é você ou quem são vocês, quem representa ou quem representam, as motivações... É verdade. Eu não sei! A única coisa que posso saber é que por trás disto tudo existe o desconhecimento. A plena falta de conhecimento do significado da vida. Se tudo isso que está sendo feito, traz felicidade a quem quer que seja, então estarei errada. E, nesse caso, eu retiraria minhas palavras.

Espero em silêncio descobrir o efeito das minhas palavras. Em segundos tempestuosos de loucura, achei que de algum jeito eu pudesse tocar a pessoa da voz oculta, a ponto de ao menos fazer refletir. Mas a ligação finalizada me jogou de frente para a realidade do que eu estou vivendo forçadamente.

CAPÍTULO 21

Começo a me lembrar de todos os rostos que conheço. Qual deles seria capaz de me submeter a isso? São tantas sugestões. Viro-me para trás com rapidez ao ouvir a voz do mordomo a falar comigo:

- Senhorita, Malu... Está tudo bem?

Quando eu o vejo, até dele desconfio. Pode ser qualquer um! Tamanha é a minha perturbação que não consigo responder e saio às pressas dali. Subo na moto e faço o caminho de volta à mansão de Thomas. Ao chegar, percebo-me paranóica. Desconfio de tudo e de todos. Anastácia? O Jardineiro? Margot? A Camareira?... Quem? Por quê?

Vou ao meu quarto e me sento na beirada da cama. Volto a estudar em minha mente pessoas que eu poderia desconfiar, até que vejo Margot surgir na porta, dizendo:

- Com licença.

Deixei a porta entreaberta. Esforçando-me para não tratá-la como uma suspeita, digo:

- Toda. Pode entrar.

Com o seu jeito manso, ela fala:

- Acabo de trocar Nicole e lhe dar de comer. Dorme feito um anjinho. Isabela chegou e está no banho. O jantar está quase pronto. Fiquei sabendo o que aconteceu com a empresa do senhor Thomas. Se eu puder fazer algo mais para ajudar, é só me dizer.

Nossa! Como é terrível olhar para as pessoas com desconfiança! Preciso me forçar a não encher ela de perguntas e jogá-la contra a parede. Sinto-me um animal fora de controle, de modo que só consigo dizer:

- Termine de cuidar de Isabela. Já é o bastante. Obrigada.

Quando ela saiu, eu me lembrei das palavras duras de ameaça que recebi na ligação. Uma coisa é certa: até descobrir quem está por trás disso tudo, não posso vacilar; o que significa obedecer à ordem passada. Ligo para os meus pais

e engolindo meu orgulho, peço para voltar a morar com eles. Esquivo-me de explicações detalhadas, e digo que o farei ao chegar. Se fosse somente eu, ficaria em qualquer lugar. Porém agora preciso pensar no bebê. Por uma benção divina, consigo ser prática. Enquanto faço as malas, começo a estudar um discurso para Thomas. Céus! Vou conseguir ser convincente? Talvez se eu abrisse o jogo, poderíamos fugir para bem longe até termos certeza do que de fato está acontecendo.

Mas quando me lembro da empresa pegando fogo, fico agitada. Não! Não estão para brincadeira. Isso é fato. Que loucura! Quanta loucura! Quanta maldade! Para quê isso tudo? Que medo de arriscar falar a verdade para ele. Penso em escrever uma carta e apenas ir. Isso! Pelo menos não terei de encará-lo. Ele me conhece tão bem. Se olhar nos meus olhos, vai saber que estou mentindo.

Pego meu caderno com a capa dos vingadores, sento-me na cama e começo a escrever, lutando contra o tremor em minhas mãos:

“Thomas, nosso tempo juntos foi maravilhoso. Nossas conversas, risadas, momentos quentes e intensos... Tudo serviu para me fazer evoluir. Evoluí tanto, a ponto de descobrir que não quero estar com ninguém. A carta que recebi do laboratório com o resultado negativo para a gravidez, fez com que eu sentisse um alívio sem igual. Não estou preparada para ser mãe. Quanto a Nicole e Isabela, talvez fosse mesmo melhor enviá-las a um bom orfanato.”

Sou obrigada a parar de escrever. Jogo o caderno para longe e choro com desespero. O que estou fazendo? Por que isso está acontecendo? A quem recorrer?

Depois de um tempo, busco recobrar minha calma. Thomas pode chegar a qualquer instante. Se ele me vir assim, pior ainda será para tentar explicar. Sinto-me como uma marionete angustiada para me ver livre dos fios que me controlam. Levanto-me na vã tentativa de buscar o ar, pois ele me falta. Limpando meu rosto, repito: “Você consegue! Consegue!”

Olho para o caderno estatelado no chão e caminho até ele. Sento-me e recomeço a escrever como se fosse um robô executando uma tarefa de rotina:

“Escolhi uma carta para terminar tudo, porque preciso que minha decisão seja respeitada, e sua persuasão poderia me confundir. Não quero interferências. E se você me ama de verdade, vai atender ao meu pedido. Não me procure Thomas! Não tente reverter esta situação. Eu amava a minha vida de antes. Sem preocupações. Sem ter que dar atenção a ninguém. E é isso o que escolhi para mim. Não estou feliz vivendo esta mentira. Sei que logo você encontrará alguém

que esteja disposto a te entregar o amor que merece. Desculpe-me Thomas, mas eu não consigo mais continuar me enganando. Obrigada por tudo!”

Acaricio meu ventre e me levanto. Decidi não destacar a folha. Ao invés disso, deixei o caderno aberto em cima do travesseiro dele. Olho tudo ao meu redor e suspiro. Para ganhar forças, imagino-me numa missão: defender a vida de Thomas. E tudo o que eu fizer daqui para frente, será com o intuito de cumpri-la.

CAPÍTULO 22

Minha cabeça dói. Bebi demais depois que cheguei em casa após o encontro que tive ontem a noite. Tomei um banho e li a carta da Malu enquanto bebia. Nunca estive tão feliz como hoje, aliviado por tirar do meu caminho o que tanto me atormentava. Tudo começou quando a fachada da Albernethy Investments foi pichada com a frase “Você vai se arrepender”. Não contei nada para a Malu no dia achando que aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto. Contudo, agora, diante dos fatos consumados, percebo que os ataques a empresa estavam diretamente relacionados aos ataques contra a Malu. Porém, não teria feito diferença contar a ela e lhe causar o que para mim seria uma preocupação desnecessária, já que não tínhamos condições de imaginar quem estaria por trás disso; nem de relacionar os acontecimentos, a não ser pelo fato da pichação. Bem, o que importa é que consegui dar um ponto final nesta história. E por hora, farei uma coisa por vez: primeiro cuido de Isabela, em seguida de Malu.

Com a ajuda do detetive e da sua equipe que contratei, deciframos a charada sobre quem andava atazanando a família Albernethy. E claro, resolvemos todo o problema. Com dor ou sem dor, preciso me levantar. Enquanto Malu não está aqui, quero garantir pessoalmente que Isabela vá à escola; mas antes vou cavar uma conversa com Isa, e mostrar a ela que tudo estará bem a partir de agora. No entanto, farei deste papo uma oportunidade para testar seus sentimentos. Por isso vou entrar com o gravador do meu celular ligado. Se o resultado for positivo, mostro a Malu quando eu for buscá-la.

Ao entrar no quarto, vejo que Margot está tentando acordar Isabela. Aproveito para dizer:

- Bom dia! Deixa comigo, Margot. Eu assumo daqui.

Desconcertada, ela fala:

- Conde Thomas, imagina. É minha obrigação!

Aproximando-me da cama, falo:

- Mas hoje eu a desobriço. Ok?

Sem mais apresentar resistência, Margot faz um gesto resolutivo com a cabeça, e antes de se retirar, diz:

- Se precisar de mim, estarei aqui fora.

Sorrindo, digo:

- E eu agradeço.

Com os olhos estalados em mim, ainda deitada, Isabela questiona:

- Cadê a Malu?

Sentando-me na beirada da cama, finjo tristeza, e falo:

- Ela foi embora Isa. Deixou uma carta dizendo que não quer mais nada comigo. – caprichando na expressão infeliz, indago:

- Vai sentir a falta dela assim como eu estou sentindo?

Isa então começa a chorar. E fico muito contente com isso, embora eu não demonstre; conservo-me como se estivesse muito mal, e pergunto:

- O que foi Isabela? Por que está chorando?

Ela então se levanta e se senta, encostando-se na cabeceira da cama. Levando as mãos ao rosto, diz:

- É tudo culpa minha!

Fingindo não saber de nada, indago:

- Do que você está falando Isa?

Em meio a soluços, ela responde:

- Foi aquela bruxa e meus pais que me obrigaram! – lutando para falar mesmo chorando, ela questiona:

- Será que você não pode fazer nada para ajudar?

Mostrando-lhe uma expressão compreensiva, digo:

- Tenha a certeza que eu posso. Basta que você se abra de verdade comigo.

De propósito deixei que a reticência ficasse com a gente. Às vezes conseguimos mais com o silêncio do que usando as mais reconfortantes das frases. E aí Isa começou a falar, enquanto se livrava da tempestade salgada em seu rosto:

- Meu pai perdeu o emprego há três anos. A casa em que morávamos de aluguel desde que nasci foi vendida. Ele falava que nunca mais encontraria uma com um valor tão barato. E não encontrou mesmo. Só fazendo bicos, meu pai não teve mais condições de pagar aluguel. – suspirando, ela continuou:

- Tivemos que ir para a rua e depois meu pai conseguiu um barraco na favela Paraisópolis. Todos os nossos parentes são do Ceará. Não temos ninguém aqui para nos ajudar. Eu vendia balas no sinal, e...

Neste ponto eu a interrompi sem querer. Embora eu já saiba como Isabela e Nicole vieram parar na nossa vida, desconhecia a história de vida delas. Meus

olhos devem estar vermelhos, e eu digo:

- Eu sei Isa. Sempre te vi lá.

Com a cabeça baixa, ela prosseguiu:

- Aí um dia apareceu uma moça toda chique, fazendo uma proposta para os meus pais emprestarem Nicole para ela. Em troca ela nos daria uma casa e uma boa quantia de dinheiro. – após uma pausa ergueu a cabeça e seus olhos transpareciam ódio:

- Eles aceitaram, mas eu não! Ela nos levou para morar na casa que nos deu, e queria que minha mãe deixasse Nicole na frente da casa de vocês. Queria que vocês a adotasse. Depois, quando se passasse bastante tempo, meu pai apareceria dizendo que era o pai dela e que a queria de volta. Iria acusar você de sequestro. Então esta mulher iria colocar um advogado para ajudar meu pai e desde o começo falava de expulsar Malu da sua casa de um jeito ou de outro. E meus pais... – retornando a chorar, Isa contou:

- Mesmo sabendo desse plano horrível, eles aceitaram!

Horrorizado, falei em voz alta o que eu já sabia:

- Ela queria que nos apegássemos, e depois, tanto sofreríamos com a separação quanto com o processo.

Bastante nervosa, Isabela deu continuidade:

- Ameacei contar tudo para a polícia. Ela disse que antes de eu ir para a polícia, mataria minhas duas irmãs. Aí, ela decidiu mudar a forma como Nicole seria entregue porque disse que as câmeras de segurança da sua casa poderiam registrar o momento em que Nicole foi deixada e isso seria ruim. Tinha um cara que falava para ela onde exatamente você e a Malu estavam. Naquela noite, eu teria que esperar vocês se aproximarem e fingir que estava sendo atacada por um maluco, e depois dizer que não tínhamos para onde ir, para fazê-los terem dó de nós duas e assim tentar convencer vocês a ficar com a gente. – chorando com mais intensidade e de cabeça baixa, acrescentou:

- Mas desde o começo vocês foram tão legais! Não precisei fazer esforço algum! Desculpa!... Ela ameaçou matar Luana caso eu voltasse antes do meu pai vir nos buscar! Eu juro que não queria fazer nada disso! Eu juro!

Fingindo surpresa, indago:

- Então você tem outra irmã?

Meneando a cabeça em afirmativo, Isa responde:

- Sim. E eu estou com muita saudade!

Curioso, já que pelas fotos que recebi não pude definir muito bem, pergunto:

- Quantos anos ela tem?

Ainda sem me olhar, Isa responde:

- Nove.

Quando achei que já não havia mais novidades, descobri uma terceira garota nesta história. Precisei de uma garrafa e meia de conhaque ontem à noite para digerir isso e todo o resto. Se eu não quisesse tanto buscar Malu, faria uso de mais duas nesse exato momento. Porém me lembro que o pior passou; por isso me concentro na proposta que tenho para ela:

- Olhe para mim Isa, por favor.

Relutante, ela me olha, e eu falo:

- A bruxa já está presa, Isabela. Agora eu vou contar tudo para Malu e buscar fazer as pazes; e você, Isa, não tem nada para se desculpar! Rastreamos sua mãe quando ela fez uma ligação para Malu, e em troca de nos dizer tudo o que precisávamos, nós a libertamos. Por isso, você só tem de me responder uma única pergunta:

- Quer que eu lute pela guarda sua e de suas irmãs?

Sem titubear, Isa questionou:

- Vocês nos adotariam mesmo depois de tudo o que eu te contei?

Neste momento sinto-me quase como que traindo Malu. No entanto, conheço muito bem o coração dela, a ponto de ser atrevido agora e julgar que assim como eu, ela não vai conseguir desistir de Isabela e Nicole, nem muito menos rejeitar Luana. Também descobri pelas fotos que recebi do detetive, que Isabela, em especial, de fato sofria agressões físicas. Um fator a mais para nos auxiliar na luta judicial por ela e pelas garotas. Então, respondo:

- Sim Isa. Queremos as três como nossas filhas. E, no que depender de nós, nunca mais, ninguém, irá tocar num só fio de cabelo de nenhuma de vocês!

Fiquei esperando que ela me perguntasse como eu sabia das agressões; mas acho que a emoção foi maior que a curiosidade. Abri meus braços para ela e isso a motivou a jogar-se neles aos prantos.

É... Em definitivo, estou pronto para ser pai!

Stella que me aguarde...

CAPÍTULO 23

Escolhi ir dirigindo para o Rio de Janeiro, onde a família da Malu mora. Assim posso pensar em tudo o que aconteceu e no que está acontecendo na minha vida. Pela tela do meu celular, no software de rastreio, vejo o ponto laranja indicando a localização exata dela: no mesmo endereço para o qual estou indo. Conforme vou avançando na estrada, a lembrança do dia anterior retorna vigorosa. Eu estava em minha sala fechando uma consultoria com um investidor alemão que há pouco tempo se mudou para o Brasil, quando o alarme de incêndio tocou. Em poucos minutos meus funcionários e eu vivemos o caos, e pudemos colocar em prática os vários treinamentos que havíamos realizado para passar por situações como esta. Graças a isso, apesar de ver o edifício histórico da minha família arder em chamas, não houve um só ferido.

Pela primeira vez me dei conta da importância de se ter todas as informações da empresa salvas em servidores externos, o que minimizou sobremaneira os prejuízos que meu irmão e eu tivemos. Estudando os registros das câmeras de segurança, identificamos cinco dos nossos funcionários ateando fogo em

diferentes pontos da empresa. Maravilha! Nossas próprias crias voltando-se contra nós. Interrogados com “carinho” pelos policiais, espanaram; e assim obtivemos a mesma resposta que o Aquiles conseguiu do pichador que atacou Malu: que haviam sido contratados por um desconhecido para executarem o serviço. Fico me perguntando se ignoraram a nossa inteligência ao desconsiderarem as câmeras por serem displicentes, ou se a ganância por dinheiro os colocou numa posição onde é impossível enxergar o que é óbvio: que estariam sendo monitorados. Ou talvez, ainda, tenham achado que com o incêndio as informações seriam apagadas também, e nem ao menos se deram ao trabalho de cobrir os rostos... Francamente, já que tudo virou cinzas, gostaria de ter sido atacado por mentes mais providas de perspicácia. Mas, levando em consideração a mentora do crime, eu não poderia esperar nada além... Seja qual for o motivo de errarem na execução da tarefa mirabolante deles, é no xadrez que vou garantir que todos eles fiquem!

Devido à alta quantia em dinheiro oferecida a eles, e pelo motivo torpe que eu considerava ter inspirado essa bagunça toda, na minha mente eu já tinha uma forte suspeita; e, poucas pessoas que tiveram contato mais íntimo comigo uniam o fato de terem uma condição financeira acima da média a um nível de empobrecimento de espírito tão elevado quanto a conta bancária gorda. Horas mais tarde, quando recebi a ligação do meu detetive, informando que haviam interceptado uma ligação no celular da Malu, o qual eu providenciei que fosse hackeado poucas horas depois que ela me contou sobre o ataque que sofreu na Editora, tudo fez sentido para mim, confirmando minha suspeita quando ele me contou sobre quem era a cabeça de toda essa parafernália.

A pessoa a ameaçar Malu no telefonema era ninguém menos do que a mãe biológica de Isabela e Nicole. O detetive e sua equipe chegaram a ela por identificar a localização física da chamada efetuada ao celular da Malu: uma casa situada na zona sul paulistana, onde encontraram Celina. “Gentilmente” interrogada, ela contou detalhes sobre todos os pormenores a cerca do plano que lhe fora passado. Em seu celular havia vários fotos dela com o marido, e também fotos das filhas. Porém, não se tratava de fotos representativas de uma família que, embora humilde, fosse unida. As fotos das duas garotas maiores, no caso Isabela e Luana, eram individuais. E as meninas apresentavam hematomas grotescos nas partes visíveis do corpo, com exceção de Nicole, que aparecia no colo de Celina numa das fotos. Contudo, os vídeos de violência foram os mais desprezíveis, mostrando claramente que Celina batia muito mais em Isabela, enquanto era filmada pelo seu marido, como se aquilo lhes desse prazer. Interrogada sobre as garotas, Celina informou que eram suas filhas e só assim aprenderiam a se comportar como gente; “Como gente!” Isso é cômico! Essa

lembrança me fez querer olhar outra vez as fotos que recebi. Só agora presto atenção na terceira garota, a Luana. Uma loirinha de olhos cor de mel. Ontem olhei por cima o conteúdo dos arquivos recebidos. Eu só conseguia focar num único objetivo: ir atrás daquela que Isa chama assertivamente de “Bruxa”.

Como meu irmão sempre diz: para algumas pessoas, o melhor castigo pela natureza indecente, numa escala de zero a dez em termos de conforto material, seria nascer na escala zero da sociedade e dar até o último suor para alcançar no máximo o nível cinco. Mas o caso de Jhenny chega a ser um tapa na cara, daqueles desferidos com brutalidade. Mesmo com uma natureza indecorosa, ela teve a sorte de nascer no que poderíamos bem classificar como grau onze da sociedade; porém, é dona de um interior sem nenhuma espécie de escrúpulo. Por aí consigo contemplar todas as atitudes sem classe que tomou depois que eu a dispensei por causa da Malu. Eu me lembro com pesar da sua última ligação para mim, onde ela disse saber que não podia me comprar com dinheiro, nem tão pouco com beleza, mas poderia roubar os sonhos que tive por conta própria, e ainda me fazer ter outros, só para roubá-los também. Jamais a levei a sério!

Filha de um investidor de sucesso, ela nunca soube o que é lutar por nada na vida. Tornou-se atriz apenas para exibir sua beleza, que, diga-se de passagem, é além do comum; para o nosso azar. No meu caso, estou bem vacinado por Malu. Porém, se não fosse isso... Não responderia por mim.

Acompanhado por policiais, fui até a mansão de Jhenny no Morumbi. Em se tratando de um encontro com uma atriz, dediquei-me a atuar com esmero. Foi a melhor maneira de canalizar o meu ódio. Porque, do contrário, assim que a visse, esqueceria que apesar de tudo ela é uma mulher. Quando ela desceu de seus aposentos, eu estava em pé na sala de estar. Já conhecia o lugar e seus funcionários devido à época que acertávamos os detalhes do meu plano para seduzir Malu. Então não tive dificuldades de convencer o mordomo a me deixar entrar, enquanto os policiais me esperavam no lado de fora da mansão.

Quando ela entrou, eu selecionava uma valsa em meu celular. Dança que eu sei ser a preferida dela. Ao nos encararmos, antes que ela abrisse a boca, perguntei:

- Dança comigo, boneca?

Mesmo que surpresa e confusa, ela logo abriu seu sorriso largo, e respondeu vindo ao meu encontro:

- A que devo a honra dessa deliciosa visita?

Tomando-a em meus braços, iniciei a dança, limitando-me a não responder. Cravei nela olhos sedutores, e cheguei bem perto de seus lábios. Depois, com sutileza, sussurrei em seu ouvido:

- Aproveite bem esta dança, Jhenny, porque moverei céu e inferno para que

ela seja a última de sua vida fora da prisão!

CAPÍTULO 24

Quando abro os olhos, vejo minha mãe sentada na beirada da minha cama, e ao nos encararmos, ela me diz animada:

- Hora de acordar, Malu! Tem uma visita ansiosa para te ver lá embaixo!

Na noite passada, quando eu cheguei, ficamos até de madrugada conversando. Mas não contei a ela o verdadeiro motivo do meu retorno. Apenas pedi que me entendesse, e na ocasião oportuna eu me abria. Falar de momentos bons do passado com ela foi o jeito menos dolorido que pensei para me fortalecer e encarar o que está acontecendo comigo. Surpresa, indago:

- O que você está fazendo em casa de manhã?

Contente, ela responde:

- Tirei o dia de folga!

Essa frase me fez levantar na mesma hora. A última coisa que minha mãe pensa é em usufruir do seu direito de descansar. A vida toda foi assim. Mal nos víamos. Mal nos falávamos. Sempre estava correndo e falando ao celular sobre pâncreas, intestino, coração, artérias, articulações, e todos os outros assuntos relacionados ao corpo humano, o que incluía as mais aterradoras doenças. Então, pergunto:

- Desde quando Martha, a médica maníaca por trabalho, tira folga?

Beijando-me a testa e afagando meu rosto, ela responde:

- Desde o momento que recebi minha menina levada da breca de volta em casa, carregando no ventre o futuro novo orgulho da nossa família! – levantando-se, ela fala com animação:

- Agora venha! Não seria de bom tom deixar sua visita esperando!

Só aí prestei atenção na palavra “visita”, e o desespero tomou conta de mim. É evidente que Thomas, de alguma maneira, sabe que estou na casa dos meus pais e veio conversar comigo. Esse pensamento me fez levantar atordoada da cama e correr para baixo. Sem ver ninguém na sala, sou atraída por um cheiro reconfortante e conhecido: café. Com o coração disparado, ponho-me a caminhar na direção da cozinha. Deslumbrada com a cena, eu vejo meu pai encostado na pia, tirando a jarra da cafeteira e despejando o líquido negro na garrafa. Foi como voltar a muitos anos atrás, na época em que era ele quem preparava o nosso café da manhã. De boca aberta, falo:

- Pai!

Virando-se para mim, ele abandona a garrafa, e caminha a passos largos na minha direção, dizendo:

- Meu feijãozinho!

Ainda sem acreditar, eu o abraço com força, e digo:

- Muito obrigada por estar aqui, papai!

Abraçando-me com força, ele fala:

- Ah! Como é bom ouvi-la me chamando de papai outra vez, feijãozinho!

Apertando as duas bochechas dele, digo:

- Como é bom lembrar que sou seu feijãozinho!

Ouçó minha mãe dizer:

- Isso não é justo! Nem ao menos um bom dia eu recebi. E olhe que fui eu quem promoveu essa coisa toda!

Encaro minha mãe com um sorriso incontido no rosto, e falo:

- Perdoe-me, mamãe. Achei que fosse Thomas quem estaria aqui embaixo. – caminhando de braços abertos para ela, eu a abraço, e digo:

- A única coisa boa nisso tudo é poder matar as saudades de vocês dois!

Com ares de preocupação, meu pai indaga:

- Afinal de contas, o que foi que aconteceu Malu?

Pensativa, respondo:

- Aconteceu papai, que vivemos num mundo em que, assim como uma rosa, a felicidade vem acompanhada de espinhos; e neste momento eles estão enterrados em minhas mãos. – controlando meus sentimentos, pois não quero desabar na frente deles, suspiro, olho para os dois, e completo: - Mas graças a vocês, aprendi a cair e levantar. Então, não se preocupem. Vou arrancá-los um a um e me curar!

Estou disposta a mover o que for necessário para saber quem está me chantageando, e enquanto meus pais e eu passamos a manhã juntos, ali, sentados na velha mesa redonda da cozinha jogando conversa fora, outra vez como uma família, eu repassei vários rostos em minha mente. Meu cérebro busca a todo custo unir informações, até que ouço a campainha.

De súbito, pergunto:

- Chamou mais alguém, mamãe?

Antes de ouvir a resposta negativa dela, meu coração pulsava mais forte. Aquela estranha conexão volta a me contagiar com espantosa energia. Eu me levanto no automático, e nem ao menos consegui interagir com minha mãe. Caminhei como num sonho: consciente e inconsciente ao mesmo tempo. Uma presença forte, confirmada quando abri o portão, e disse:

- Thomas!

Fico impossibilitada de reagir, ainda que possuía pelos meus temores. Sem

dizer uma única palavra, ele me puxa com urgência contra seu corpo, e me beija como se fosse a nossa primeira vez.

CAPÍTULO 25

Alguém viu o meu colar?

Apesar de apreensiva por saber que já estamos atrasados para a noite de lançamento do primeiro livro de Stella, ao olhar para trás eu dou risada. A cena merece registro, e é exatamente isso o que vou fazer! Thomas, Isabela, Nicole e Luana estão na maior farra de cócegas um no outro, deitados no chão do nosso quarto. É... No chão! E todos já estão “arrumados” para sair. Difícil é definir quem está mais vermelho, ou quem dá mais gargalhada. Nicole agora está com um ano e seis meses. Tem um rostinho tão lindo, que todos os dias, enquanto dorme, Thomas e eu ficamos babando nela. Dentro de mim eu ainda carrego o nosso pequeno Willian. Estou no meu último mês de gestação, aguardando o toque de disparada ao hospital a qualquer momento. Sou do tipo de grávida que a barriga vira a esquina antes de mim, mas quem me olha por trás nem desconfiaria da minha gravidez.

Desde a prisão de Jhenny voltei a viver meus dias intensos de felicidade, que se perpetuam entre outros motivos, por causa do toque de Thomas, das piadas de Isabela, das corridas desajeitadas de Nicole, e pelos desenhos de Luana para nós dois, onde ela expressa o resultado do carinho que conseguimos despertar nela, em meio a broncas para corrigir as traquinagens, e beijos e abraços quando nos obedece. Até mesmo o que pensávamos ser difícil de resolver, desenrolou-se sem problemas, já que o dinheiro falou mais alto, como sempre... Thomas ofereceu uma bela quantia aos pais das meninas. E não deu outra! Por isso elas estão aqui, nessa bagunça fofa, que acabo de registrar com o meu celular.

Quando termino de tirar a foto, pergunto outra vez:

- Ok! Vou perguntar mais uma vez onde está o meu colar, e se eu não obtiver uma resposta, ninguém vai poder sentir o bebê chutar hoje!

Thomas foi o primeiro a falar num tom engraçado:

- Nãããããão!

Isabela e Luana o imitou logo em seguida:

- Ah nãããããão!

Ouvindo todo mundo falar a palavra não, Nicole repetiu do seu jeitinho enquanto olhava para mim:

- Nhãão.

Foi aí que eu vi o colar nas suas mãozinhas. Thomas olha para mim de um jeito maroto, apontando para ela, e fala:

- Malu, foi a Nicole. Veja! – fazendo uma careta engraçada para ela, ao levantar os braços, diz:

- Vamos todos pegar a Nic!

Com seus gritinhos, ela sai correndo desengonçada pelo quarto, com os três gritando e fingindo correr atrás dela. Não resisto e decido me juntar a eles também. Mas quando dei o primeiro passo, sinto uma enxurrada de água entre as pernas. Com a quantidade excessiva do líquido, não tive dúvidas, e falei com a voz trêmula:

- Amor, vai nascer!

De imediato a gritaria parou; Thomas virou-se para mim, e tentando ocultar o nervosismo em seu rosto, disse ofegante:

- Agora vamos todos ajudar a mamãe galerinha!

CAPÍTULO 26

Willian Albernethy. Fico repetindo mentalmente o nome do meu filho enquanto as meninas, Thomas e eu assistimos aos primeiros cuidados com o bebê pela enfermeira que contratamos, como se com isso eu conseguisse me convencer de que não estou sonhando. Thomas insistiu em contratar uma equipe médica para que eu não precisasse passar pelo trânsito louco de São Paulo, e eu escolhi o parto normal. Para isso, dentre os inúmeros exames, fiz muita caminhada, ioga, e bem, não foi uma recomendação médica, mas acredito ter ajudado bastante para que Willian e eu ficássemos bem: dei muitas risadas observando as travessuras das meninas, e lógico, passei a léguas de distância dos meus coquetéis alcoólicos preferidos, vinhos, e todo tipo de guloseimas. Nunca comi tanto mato na minha vida! Tudo por ele!

Nas pesquisas que fiz durante a gravidez, descobri que o parto normal apresenta certas vantagens para ambos os lados. Para a mãe, o que se destacou para mim foi o menor risco de morte, menor risco de infecção, o leite descer mais rápido, bem como a recuperação ser bem mais rápida também. Para o bebê, ele respira melhor, fica mais calmo e alerta, e ainda existe uma Pesquisa da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que comprovou que, o parto cesárea, aumenta o risco de obesidade em adultos

jovens, porque a cirurgia faz com que ocorram mudanças na flora intestinal dos bebês.

Com Thomas ao meu lado, eu me senti muito mais forte para tolerar a dor das contrações, já que durante as quase sete horas de parto, ele me incentivou, recordou dos momentos engraçados que passamos juntos, sussurrou o que poderíamos voltar a fazer quando eu me recuperasse, e quando dei por mim, Willian já estava nos meus braços.

Estão todos sentados ao meu redor na cama. A equipe médica já se retirou, e a enfermeira caminha na minha direção com o pequenino em seus braços. Ao se aproximar, encaixa ele no meu colo, e diz:

- Dizem que todo recém-nascido tem cara de joelho. Mas esse aqui é um mix de vocês dois! – olhando para Thomas que está sentado ao meu lado, com Nicole aconchegada no colo dele, e depois para mim, ela acrescenta:

- Boca do pai. Olhos da mãe. Um verdadeiro encanto!

Ao olhar para Willian, não consigo discordar dela. Acaricio o contorno do rosto dele bem devagar, até que meus olhos encontram os de Thomas, com uma tremenda cara de bobo. Sorrindo, ele me pergunta:

- Está sentindo o mesmo que eu?

Compartilhando o sorriso, respondo:

- Algo como Michelangelo ao terminar uma de suas obras-primas?

Ele sorri de volta, e diz:

- Ou também algo como uma mulher fazendo um homem entender o que realmente importa; porque tudo o que importa para mim está aqui nesse quarto. E você foi a luz que me fez enxergar isso: “Nossa família”.

De repente Luana indaga:

- Eca! Agora eles vão se beijar?

Isabela complementa:

- Eca! Vocês vão?

Nicole completa com a boca cheia de saliva:

- Ééhca.

Lutando para rir baixo por causa de Willian, eu falo:

- Eca! Claro que não!

Achando graça, Nicole dá uma risada gostosa e volta a repetir rindo:

- Ééhca.

Aí, até as meninas se acabaram em gargalhada. E eu precisei nos lembrar da necessidade do silêncio. Quando conseguimos nos aquietar, uma voz conhecida me chamou no lado de fora do quarto, perguntando ao dar toquinhos na porta:

- Posso entrar Malu?

Contente, respondo:

- Claro Stella!

Ainda não me acostumei com o novo visual dela. Lembro disso ao vê-la entrar com um buquê de rosas em uma mão, e um livro na outra, trajando um vestidinho preto bem colado ao corpo. Depois que teve o Arthur, Stella entrou num programa severo de emagrecimento, sobretudo porque nunca quis tanto estar saudável como agora por causa do filho, e conseguiu ficar tão esbelta quanto uma atriz em capa de revista. Porém, outro fator ajudou muito nesse processo, embora Stella não admita: o detetive que investigava Marcos sobre a suposta traição, nada encontrou contra o pobre coitado. Tudo girou em torno das conversas pelo celular. Mas, gosto de pensar que depois daquele jantar que ofereci para eles, se algo havia na mente dele, desapareceu... Bom, ao menos assim, o meu remorso diminui! Com seu jeito irreverente de sempre, ela fala:

- Apesar de Willian vir ao mundo já cometendo um pecado quase imperdoável: impedi-la de ir ao lançamento do meu livro, eu resolvi fazer o papel da montanha indo até Maomé. – forçando uma expressão sexy hilária, com os braços abertos e colocando o corpo de lado, ela acrescenta num tom engraçado:

- Quero dizer, no meu caso, graças ao fofo do meu Arthurzinho, agora uma planície cheia de curvas, e não mais uma montanha!

Rindo, eu digo:

- E quando você vai nos dizer sobre o que é a história do seu livro?

Levantando-se, Thomas entrega Nicole para Isabela no outro lado da cama, caminha até Stella, cumprimentando-a, e fala:

- Isso mesmo. Agora que o lançamento passou, você já pode nos revelar este mistério...

Com a sobrançelha arqueada, Stella entrega o buquê de rosas para Thomas, e diz:

- Este presente que eu trouxe para vocês dois, revela bastante o título do meu livro!

Num tom que expressa sua curiosidade, Thomas indaga:

- Rosas?

Stella responde:

- Quase... Só faltou a preposição e o pronome pessoal do caso reto. – olhando para mim, ela acrescenta triunfante ao exhibir a capa do livro:

- Rosas para Ela!!!

Feliz e surpresa, eu digo:

- Um romance! Você escolheu escrever um romance!

Stella olha para Thomas, depois para mim, e diz:

- Na verdade, foi bem fácil. Porque “Rosas para Ela” é um romance sobre

vocês dois! E esta belezinha aqui, apenas no lançamento pelo site da Editora, já ultrapassou a marca de mil pedidos de compra!

CAPÍTULO 27

Um, dois, três. Lá vou eu!

É noite de sexta, e com o cargo de mãe, aprendi a voltar a ser criança. Quero dizer, não só eu. Thomas igualmente! Nestes últimos quatro meses sendo pais de quatro crianças, em idades tão diferentes, talvez tenhamos evoluído mais do que um senhor com cem anos. Para lidar com as birras, manhas e artimanhas de um ser humano, em qualquer que seja a idade, muita sabedoria é necessária. Assim, Thomas e eu, tão envolvidos como estamos na causa, nos entregamos por completo à missão de desbravar os mistérios em torno do comportamento destes pequeninos aos nossos cuidados. Tudo bem que Isabela já não é assim tão pequenina, mas não passa de uma criança grande.

Neste momento é minha vez de encontrá-los; pois é, estamos brincando de pique esconde. Willian está junto comigo, preso ao meu peito por um Sling branco e preto. Descobri que este suporte para carregar bebês, além de dar esta sensação gostosa de ter ele juntinho comigo para aonde quer que eu vá, auxilia no desenvolvimento emocional dele, o que por consequência fortalece o sistema imunológico, já que este contato direto com o meu corpo dá a ele mais segurança, o que colabora para o seu bem-estar, fortalecendo então sua imunidade com esta situação emocional positiva.

Estamos no jardim da mansão. Por causa das estátuas, árvores e canteiros de flores, tem bastante esconderijo prontinho para abrigar os eufóricos amores da minha vida. Hoje, cinco de novembro de dois mil e dezoito, é meu aniversário. Já é noite; e apesar das luzes vindas dos pequenos postes espalhados pela extensão do terreno, há vários pontos cegos.

Estou escutando risadinhas de alguém próximo a mim. Porém, escolho andar no sentido oposto ao barulho. O que se destaca aqui no jardim é uma espécie de árvore rústica: *Tuia Occidentalis*. E tenho quase certeza que meus alvos estão respaldados por elas. Estou atrás de uma, inclusive. Olho para trás e estudo com astúcia ao meu redor. Por sorte, a iluminação alcança bem a localização das Tuias. Optamos por esta brincadeira como forma de resolver um grande dilema: quem me entregaria primeiro o meu presente de aniversário. Conforme eu for

achando cada um deles, vou ganhando meu presente. Caminhando com leveza para a minha direita, onde tive a sensação de ver a árvore se mexer, sussurro para Willian:

- Quem você acha que está ali, neném?

Olho para ele arregalando os olhos e ele me sorri. – beijando sua testa, completo: - Será que é o papai?

Não deu outra! Ao me aproximar de uma Tuia rechonchuda, olho para trás dela, e digo entusiasmada:

- Achei!

Isabela dá um berro com o susto. E isso fez Willian abrir bem os olhinhos e esboçar uma ameaça de sorriso. Logo ela gritou como se estivesse cantando:

- Ela me achou primeiro! Lá lá lá lá lá lá...

Inocente, Luana sai de trás da sua Tuia, próxima de onde eu estava, resmungando:

- Isso não é justo! Fiquei bem pertinho dela!

Enquanto Isabela cai na gargalhada, eu falo para Luana:

- Amor, você acaba de se entregar!

Ela se defende irritadiça:

- Mas eu queria entregar primeiro o presente!

Isabela rebate:

- Nem vem! Trato é trato... E ela me achou primeiro! Toma mamãe!

Isabela acaba de me dar um presente. Algo muito melhor do que está oculto pelo embrulho de papel laminado rosa que segura entre as mãos. Apesar de já ter quinze anos, o que dificultaria meu acesso a ela, Isa se entregou totalmente a minha influência materna. E agora me chama de mamãe como se a vida inteira dela eu tivesse sido. Ao segurar o embrulho, meu orgulho aumenta, pois eu já sei o que é, embora não saiba o título. Mas, preciso fazer o meio de campo, e antes de dizer o que eu quero, falo:

- Lu! Posso seguir as regras do jogo?

Ainda que seu beijo quase chegasse ao gramado, Luana se sentou no chão com as pernas cruzadas, colocou seu presente ao seu lado, cruzou os braços, e disse:

- Sim.

Sem dar corda para a birra, digo:

- Ótimo!

Olhando para Isa, tateio o presente, e falo:

- Será que isso seria a continuação de uma série, ou trata-se de uma grande novidade do mundo literário que você pesquisou para mim?

Lutando para transparecer ares sábios, o que de fato vem se tornando depois

que aprendeu a ler e escrever, Isabela responde dando um sopro em sua mão direita e a esfregando no peito:

- Digamos que eu tenha providenciado um prato dos deuses para vossa senhoria!

Endireitando-me, para passar um ar de solenidade, enquanto abro o embrulho, digo:

- Vejamos...

Boquiaberta, falo exultante ao ver o título do livro:

- Razão e Sensibilidade, Orgulho e Preconceito, Persuasão! Tudo num só!

Contente, Isabela fala:

- Papai me disse que estes são os três romances mais lidos de Jane Austen, e que por isso seria muito interessante essa edição, já que reúne os três!

Encho Isabela de beijos, seguro sua face com as duas mãos, e falo:

- Sabe quanto eu te amo?

Abrindo os braços, ela diz:

- De um tamanho bem grandão assim!

Com cuidado ela me abraça, e logo ouvimos Luana reclamar:

- Agora é minha vez!

Ergo as mãos, para mostrar que me rendo, e ao me encaminhar na direção dela, falo:

- Ok! Ok! Chegou a sua vez!

Sorridente, ela se levanta, e assim que eu me aproximo, Luana me faz a oferta de um embrulho pequeno, quadrado, com desenhos animados na estampa, e me diz:

- Papai disse que você ia adorar!

Franzindo o cenho e recebendo o presente, digo:

- Ah é!

Quando eu desembulho e me dou conta do que é, começo a rir sem parar. Indignada, Luana me pergunta:

- O que tem de tão engraçado?

Isabela já está se acabando em risos. Tento me controlar, e falo:

- Massinha de modelar!

Luana fala:

- Ele disse que te ajudaria a tirar o estresse...

Rindo, abraço Luana, e digo:

- Sim, anjinho! Mamãe adora massinhas de modelar! Vocês acertaram em cheio!

De repente, quando ergo a cabeça, vejo atrás de uma Tuia a esquerda, uma perna peluda com movimentos insinuantes, como se fosse uma dançarina de

cabaré que há muito se esquecera de depilar as pernas. As meninas perceberam e nós três começamos a rir. Quando me aproximo da Tuia que abriga a perna avantajada de pêlos, capricho no susto, já que sei que Nicole adora levar um:

- Achei vocês!

Nicole dá uma gargalhada contagiante, e Thomas fala com ela em seus braços:

- Ah, Nic! Onde será que nós erramos? Fomos encontrados!

Nicole já está com dois aninhos. Com ela nessa idade, aprendi o que significa a frase “os terríveis dois anos”. Aquele bebezinho fofinho que mais parecia um papagaio sem penas, risonho e divertido, se transformou numa espécie de monstrelha, que deseja cada vez mais independência. Fazê-la ficar com Thomas nesta brincadeira, por exemplo, foi um desafio à parte, pois ela queria correr sozinha. Ela testa nossas regras a cada instante e faz birras dignas de Oscar quando não a deixamos executar suas aventuras, para as quais apenas ela acredita já ser capaz.

Ressaltando o presente de Luana na minha mão direita, digo:

- Massinha de modelar, hein!

Sorrindo de um jeito provocante, Thomas diz:

- Considere isso como um meio alternativo de você aliviar o estresse enquanto eu não estiver em casa. – aproximando-se de mim, beija-me carinhosamente no canto da boca, e sussurra ao meu ouvido:

- Hoje, é claro, você não vai precisar usá-la...

Luana se aproxima com cara de paisagem, e diz:

- O que você falou para a mamãe?

Thomas ajeita Nic no colo, e responde:

- Que eu espero que ela goste muito do presente que Nicole e eu compramos para ela. Não é Nic?! Onde está o presente da mamãe Malu?!

Segurando uma pequena caixa com uma das mãozinhas, tendo os dedinhos tão cravados nela que se não fosse de material duro, já teria se amassado toda, Nic abre um sorriso, curva o corpinho para frente, e permanece sorrindo. Acostumado, Thomas começa a fazer cócegas nela, dizendo:

- Ah minha pequena grande Nic! Vamos... Vamos entregar o presente da Malu. Vamos mocinha... – gargalhando, Nicole repete:

- Não!

Então ele apela, e diz:

- A mamãe vai chorar se você não entregar para ela. Você quer ver a mamãe chorar?

Com ares de travessura, Nicole balança a cabeça em sinal de positivo ao mesmo tempo em que ri. De imediato começo a fazer cócegas nela também,

dizendo:

- Ah! Então a Nic quer ver a mamãe chorar hein! Pois eu quero ver a Nic rir.
– depois que a fiz dar bastante risada, pergunto:

- Você entrega o presente para mim, por favor, meu amor?

E quando eu senti finalmente a caixa em minhas mãos, meu coração deu um salto. É evidente que sei qual é o presente. Percebo que Thomas me olha num misto de excitação e nervosismo, e fala:

- Malu, eu sei que já tivemos essa conversa antes. Sei também que véu e grinalda, smoking, igreja, convidados, cerimônia e festa não tem nada a ver com os ingredientes necessários para fazer uma relação dar certo. – entregando Nic para Isabela, aproxima-se mais, e olhando para as meninas, depois para Willian e para mim, continua:

- Mas olha só quantas vidas nosso amor atingiu! E qual seria a graça da vida se não celebrássemos seus pequenos e grandes acontecimentos?! – as lágrimas começam a se desprender com vivacidade dos meus olhos. E com os dele tão cravados nos meus, que quase posso senti-los, Thomas prossegue:

- Sem o amor que você me faz sentir todos os dias... – dando uma pequena pausa ele abaixa a cabeça, e quando a ergue outra vez, com um sorriso maroto, Thomas fala:

- Eu seria só mais um bonitão cheio da grana vagando por um mundo de prazeres descartáveis.

Luana protesta:

- Papai convencido!

Isabela intervém:

- Fica quieta! Não está vendo que as mãos dele estão tremendo? Não atrapalha ele!

Tendo meu sorriso invadido por minhas lágrimas, eu vejo Thomas se ajoelhar diante de mim, pegando a caixinha de minha mão e abrindo-a, o que provoca um calafrio descomunal que se acentuou quando o ouvi perguntar:

- Malu Bertone Casaro, você aceita se casar comigo?

Curvando-me, embora na frente das meninas, eu o beijo com fervor, e respondo:

- É claro que eu aceito me casar com você, Conde Thomas Albernethy...
Amor da minha vida!

Ao meu gesto seguiu-se um sonoro:

- Ééééca.

Arrematado por Nicole, desta vez com mais firmeza, embora rindo seu riso mais traquina:

- Éca!

FINAL

Uma vez perguntaram a noiva plebéia de um príncipe muito famoso, se ela acreditava em conto de fadas. A princesa respondeu que não poderia deixar de acreditar, já que o nosso coração é capaz de coisas incríveis quando preenchido de amor. E ele sempre estará tomado por esta emoção se assim escolhermos; eu escolhi deixar entrar e ficar no lado esquerdo do meu peito apenas aquilo que pudesse ser considerado afável, apesar de todos os intrusos mal intencionados que buscaram invadi-lo. Portanto, acredito piamente que foi meu coração quem atraiu Thomas e as crianças para a minha vida. E eles são meu conto de fadas diário!

Neste momento estou segurando o meu buquê feito com a mesma qualidade de rosas que ganhei de Thomas da primeira vez, no escritório da Editora. As portas da Catedral da Sé já estão abertas, e eu me preparo para subir as escadas. Hoje é dezoito de novembro. Thomas escolheu esta data por ser aniversário da mãe dele. Tudo foi feito a toque de caixa devido ao curtíssimo tempo, mas foram os melhores dias apressados da minha vida! Stella está ajeitando a cauda do meu vestido. Meu pai está a dois degraus acima me admirando com uma cara de bobo que me faz ter que segurar o riso. Quando Stella termina seu trabalho, para diante de mim e demonstra querer dizer alguma coisa. Porém, ao me olhar, nós duas nos encaramos, e eu sentia que a respiração dela se tornava tão célere quanto a minha.

Ao vê-la, eu me lembrei de todos os nossos momentos juntas. Ela passou por tantas fases da minha vida ao meu lado, que já nem posso ou consigo considerá-la apenas como uma amiga. O posto de minha irmã é tão mais apropriado! Prevendo o que estaria prestes a acontecer, com seu jeito espontâneo marcante, Stella diz:

- Não ouse derramar uma só lágrima menina! Se estragar essa maquiagem eu juro que... – levando suas mãos até a boca, fala: - Meu Deus! Como você está linda! Minha menina está tão linda! Tenho tanto orgulho de você, Malu!

Tento abraçá-la, mas ela se defende enquanto luta com sua própria emoção, e diz colocando suas mãos em meus ombros:

- Nada de abraços! Suba lá e saboreie cada segundo da sua entrada. Esta noite foi feita para que seu brilho seja compartilhado com todos aqueles que te amam. Vá e nos dê esse presente!

Faço que sim com a cabeça, e Stella vira-se e começa a subir. Mas algo muito maior do que eu me faz gritar seu nome:

- Stella!

Assim que ela para e se vira, levanto meu vestido e subo apressada, roubando-lhe um abraço. Um forte abraço; ela se rende e outra vez tenta dizer qualquer coisa, mas assim como eu, não consegue. Contudo, eu me esforço, e digo:

- Obrigada por tudo minha irmã do coração!

Ao se desvincular de mim com rapidez, Stella tira um lenço de dentro de sua pequenina bolsa e sobe correndo. Então, é isso... Aspiro o ar com força e, apesar do arrepio de nervosismo, sinto que estou preparada. Ao meu lado, meu pai estende-me o braço, e nós iniciamos a subida. Chegou o meu momento! O meu e o de Thomas!

Sinto o calafrio se acentuar quando a Marcha Nupcial é posta em execução, e eu o vejo lá ao longe. E é essa energia inebriante que me ajuda a dar os primeiros passos em sua direção. Atrevo-me a olhar para o meu pai, e meu sorriso escancara-se. De repente, foi inevitável conter as lágrimas, quando a música que Thomas e eu escolhemos vibrou em meus ouvidos:

Mil Anos – Composição: Christina Perri, David Hodges.

O coração acelerado
Cores e promessas
Como ser corajoso
Como posso amar quando tenho medo de me apaixonar
Mas ao ver você na solidão
Toda a minha dúvida de repente se vai de alguma maneira

Um passo mais perto

Eu morri todos os dias esperando você
Amor, não tenha medo
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil

O tempo fica parado
Há beleza em tudo que ela é
Terei coragem
Não deixarei nada levar embora
O que está na minha frente
Cada suspiro
Cada momento trouxe a isso

Um passo mais perto

Eu morri todos os dias esperando você
Amor, não tenha medo
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil

O tempo todo eu acreditei que te encontraria
O tempo trouxe o seu coração ao meu
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil

Um passo mais perto
Um passo mais perto

Eu morri todos os dias esperando você
Amor, não tenha medo
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil

O tempo todo eu acreditei que te encontraria
O tempo trouxe o seu coração ao meu
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil

Chego a ficar sem ar quando meu pai e Thomas se abraçam. Dane-se a maquiagem! Nem que eu quisesse poderia evitar esse alvoroço de emoções convertido em lágrimas. Muito menos quando meu pai beijou com suavidade minha testa, piorando ao encarar Thomas. Afago-lhe o rosto, e digo:

- Eu te amo tanto!

Puxando-me pela cintura, ele me abraça com carinho, o que arranca suspiros dos nossos convidados. Face a face comigo, ele fala:

- Eu amo você mais do que provavelmente seja recomendado pelo ministério da saúde, minha agradável dama!

Sorrimos um para o outro, e o desejo por um beijo é incontrolável. Mas o Padre na certa percebeu, dizendo:

- Não sejam apressadinhos!

Diante dos risos dos presentes, nós deixamos que o bom senso falasse mais

alto e nos colocamos diante do celebrante para enfim dar início. Sobre tudo o que era dito, eu escutei sim. Só que aquele filme que se apresenta em nossa mente sem aviso prévio foi exibido sem meu consentimento durante toda a cerimônia. Um roteiro que se iniciava a partir do momento que deixei minha casa no Rio de Janeiro até agora. Apenas consegui não assisti-lo, quando chegara a hora da daminha de honra entrar.

Passamos a assistir quase que explodindo de felicidade elas e eles entrarem. Isabela carrega Willian no colo. Luana carrega Arthur. E Nic, à frente delas, traz as alianças. Penso que vou passar mal de tanta alegria. Thomas e eu nos olhamos rapidamente, demonstrando um para o outro nossa imensa satisfação.

Deixo uma marquinha vermelha em cada um ao se aproximarem, e lanço a elas um fingido olhar severo, dizendo:

- Escutem princesas! Sem fazer “Éca” hoje hein!

Isabela e Luana trocam olhares arteiros, e Isa fala:

- Pensaremos no seu caso!

Sorrindo, assim como eu, Thomas inicia nossa troca de alianças, até chegar o momento em que o padre falou:

- Thomas e Malu, eu vos declaro “Marido e Mulher”. – olhando para Thomas, ele acrescenta de forma descontraída:

- Agora sim, cavalheiro, beije sua dama! Quero dizer... Pode beijar a noiva!

E ele me beijou. E eu senti que flutuava. De fato meu espírito está flutuando, feliz, em paz, agradecido. Encontrei a fonte para a minha realização pessoal: “Minha família”. Embora apenas uma editora tenha me chamado para fazer entrevista, nem cheguei a ir. Reconheço e aceito a missão que a vida deu a mim e a Thomas: fazer destas quatro vidas aos nossos cuidados, pessoas de valor e tão cheias de amor no coração, a ponto de serem capazes no futuro, assim como nós dois, de atrair seu próprio conto de fadas.

Numa noite qualquer depois da viagem de Lua de mel...

Amor?!

Deitado de bruços e com a voz toda embolada de sono, Thomas responde:

- Hum...

Eu também estava deitada de bruços. Willian acaba de acordar pela décima

vez na mesma noite. Nas primeiras cinco nós dois levantamos juntos; depois, só eu. Por esses imprevistos, colocamos o berço bem próximo de nossa cama. E agora, eu mal consigo abrir os olhos. Mas o choro cresce a cada segundo, então, num gesto automático, viramos a cabeça um para o outro. Ao nos encararmos, mesmo que com os olhos entreabertos, sorrimos ao som estridente do pequenino. Crio forças com esse momento, e digo:

- Ok! Eu vou lá!

Porém, quando já estou quase me levantando, Thomas vira de lado e me puxa para junto dele, dizendo:

- Deixe que eu faça jus ao rap da Stella, lady – com a mão direita, já que com o braço esquerdo ele se apoiava na cama, e com uma expressão marcada pelo excesso de sono, Thomas imita um rapper, e canta sorrindo antes de se levantar:
- “E faremos qualquer coisa por essa vida, sempre!”

Nota da Autora

Desenvolvi este Spin-Off devido aos pedidos que recebi, interrompendo, portanto, outros projetos que tenho em mente. Ainda estou iniciando no mundo do romance. Mas com a ajuda de retornos, vou me aperfeiçoar. E caso seja do interesse da maioria, faço um especial com a lua de mel de Thomas e Malu... Deixo aqui um abraço carinhoso, e o meu “MUITO OBRIGADA” por prestigiar com sua atenção o meu trabalho.